

Regina Aurea Leão de Castro

Língua, Gênero e Dominação

**Um estudo comparativo de mulheres idosas
bilíngües das comunidades inglesa e alemã em
São Paulo**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Depto. de Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre
em Língua Inglesa, Literatura Inglesa e Norte-
americana sob a orientação da Prof^a. Dra.
Marina Helena Gonçalves MacRae**

São Paulo - 2001

LÍNGUA, GÊNERO E DOMINAÇÃO

Regina Aurea Leão de Castro

Resumo: Este trabalho aponta a presença de complexas relações de dominação nas condutas lingüísticas. Ele parte dos estudos das diferenças entre a fala do homem e da mulher e caminha para as pesquisas que articularam língua e sociedade. Na análise comparativa de dois grupos bilíngües de instituições para idosos em São Paulo, a pesquisa mostra que é através da língua que as categorias são adquiridas e que esta é socialmente construída.

Palavras-chave: mulher, fala, bilingüismo, gênero, dominação

Abstract: This project points at the presence of the complex dominance relations present in the linguistic behaviour. It starts from the studies about the differences between male and female speech and takes the line of research which articulates language and society. In the comparative analysis of two bilingual groups from institutions for the elderly in São Paulo, this study shows that the categories are acquired and that language is socially constructed.

Key-words: woman, speech, bilingualism, gender, dominance

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*), à minha mãe que foi sempre a grande incentivadora dos meus projetos e aos meus filhos Jardel, Regis e Mima pelo orgulho que sempre me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Marina H. G. MacRae por ter acolhido o meu projeto de pesquisa, a Prof^a Sylvia pelos preciosos ensinamentos, a Secretaria do Centro de Línguas, e a todos que direta e indiretamente fizeram parte da elaboração deste trabalho.

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	PARTE I - QUADROS TEÓRICOS	8
2.1	Língua e Gênero.....	8
2.2	Língua, Gênero e Sociedade	22
2.3	Língua, Gênero e Relações de Dominação.....	24
2.3.1	<i>Língua- ferramenta de dominação</i>	28
2.3.2	<i>Capital lingüístico</i>	31
2.4	Bilingüismo.....	36
3.	PARTE II - LÍNGUA, GÊNERO E DOMINAÇÃO.....	45
3.1	Inserção	47
3.2	Os encontros.....	52
3.3	Educação	57
3.4	Família.....	61
3.5	Trabalho.....	64
3.6	Língua preferida	73
3.7	O outro	88
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
5.	BIBLIOGRAFIA.....	96
6.	ANEXOS	100
6.1	Questionário.....	100
6.2	Transcrição das fitas.....	101

1. INTRODUÇÃO

A idéia para esta pesquisa foi o resultado de todo o percurso nas disciplinas do programa de pós-graduação em Língua Inglesa, Literatura Inglesa e Norte-Americana. Foi através das leituras acadêmicas que tive minha atenção voltada para a discriminação de minorias sociológicas - negros, judeus, mulheres -, interessando-me pela reflexão a respeito das diversas falas e problematizando a papel das línguas das mulheres bilíngües no país para o qual imigraram. Esta busca veio ao encontro das inquietações pessoais que acompanharam a minha vida, testemunhando de uma forma ou de outra a posição da mulher à mercê da vontade masculina.

Dentre as inúmeras línguas de imigrantes radicados no Brasil, interessei-me por duas que tivessem tido diferente acolhida: a inglesa e a alemã. Na medida em que eu questionava as razões deste fato dentro da vivência dos dois grupos, vários aspectos das relações de dominação revelaram-se desencadeadores das condutas lingüísticas que caracterizaram as mulheres desta pesquisa nas suas diversas experiências sociais. A organização deste trabalho se realiza em duas partes:

Na primeira parte faço uma retrospectiva geral de alguns estudos que relacionam língua e gênero, agrupando-os segundo a explicação que os pesquisadores dão para as diferenças encontradas entre a fala da mulher e do homem que foram, a princípio, julgadas como “deficiências lingüísticas” da fala feminina e, mais tarde, completamente repensadas sob a ótica da dominação. Para esse cenário teórico fiz uso principalmente das conclusões de Jennifer Coates, cujos relatos incluíram os principais estudos. Ainda nessa primeira parte faço uma pequena abordagem sobre o bilingüismo por ser uma questão inerente à situação das mulheres deste estudo.

Na segunda parte deste trabalho apresento a pesquisa realizada em duas instituições para pessoas idosas em São Paulo: uma casa para idosos alemã e outra pertencente à comunidade britânica. Em cada uma das instituições analisei um pequeno grupo de mulheres idosas que tiveram as trajetórias de vida similares marcadas pela migração para o Brasil. Os depoimentos tratam de contextos familiares com ênfase no trabalho, educação e família porém, no meio das afinidades entre as vidas dessas mulheres, pude explorar uma diferença que direcionou o desenvolvimento desta pesquisa - a posse de uma língua dominante

(inglesa) dentro do país adotado trouxe às mulheres condições econômicas favoráveis, aceitação social e chances de emprego. O mesmo não se deu com as mulheres do outro grupo que falavam uma língua não só menos acessível pelo grau de dificuldade apresentado, como também pela falta de interesse econômico que a língua alemã representava na época em que eram jovens. Além disso, a língua alemã sofria repúdio por parte de toda uma geração por causa das atrocidades do nazismo, da guerra e pelas associações que trazia pela derrota sofrida. No tempo em que as mulheres pesquisadas eram jovens havia grande discriminação contra a língua alemã no Brasil, o que certamente influenciou a atitude delas perante suas línguas: orgulhar-se de possuí-la e, portanto exibi-la (inglesa), ou acanhar-se e não se expor, já que ocultar seria impossível (alemã). A posse de uma ou outra língua colocava as mulheres em maior ou menor evidência social: enquanto uma língua era encorajada e valorizada, a outra era silenciosamente desprezada ou mesmo condenada.

Devo acrescentar que este trabalho não mergulhará na questão da fala feminina, nem nas relações de dominação que marcam a prática linguística, seja ela bilíngüe ou feminina. Embora estas sejam discussões que o trabalho suscita, ele não as toma como seu objeto de estudo. Este será a exploração da relação de dominação que se encontra presente internamente nos grupos das mulheres devido à aceitação social que diferencia as duas línguas.

2. PARTE I - QUADROS TEÓRICOS

2.1 Língua e Gênero

Os estudos que antecederam às reflexões que articularam sociedade e língua preferiram tratar esta última como um sistema fechado a ser estudado sem influências externas. Foram conduzidos por uma orientação invisível, preconcebida e preconceituosa tanto quanto a dos leigos, vendo a língua como tipicamente a-social. No século XVIII, a preocupação lingüística era de perpetuar as formas da língua, opondo-se desta forma às tendências inovadoras. Dentro desse sistema fechado, circulavam interpretações sobre a fala feminina como sendo efêmera e cambiante ao contrário da do homem que era a norma. Nessa época, o autor Richard Cambridge escreve para o *The World* (12 de dezembro de 1754) e deixa implícito que a dita efemeridade do vocabulário das mulheres tem a ver com o que dizem ser destituído de importância:

(...) I must beg leave to doubt the propriety of joining to the fixed and permanent standard of language a vocabulary of words which perish and are forgot within the compass of a year. That we are obliged to the ladies for most of these ornaments to our language, I readily acknowledge. (...)

Cambridge 1754, as quoted in Tucker 1961:930 (Coates, 1986:16)

O pensamento da língua como fixa se dissemina por todos os segmentos, por exemplo, nos livros clássicos; em *Northanger Abbey*, de Jane Austen, a fala da mulher é ridicularizada, neste caso, pela própria autora devido ao uso excessivo de advérbios, algo em moda na época e considerado fútil (Coates, 1986:17). Da mesma forma os gramáticos e escritores de obras como dicionários consideravam a língua do homem como sendo a norma e a da mulher do desvio, ou seja, o que se desviasse da norma seria passível de crítica.

Na verdade o que havia era a concepção da língua fixa, o que é revelado pela maneira como alguns neogramáticos - filólogos do século XIX - viam as mudanças lingüísticas: diziam que eram causadas pela combinação pareada de mudança de som e analogia: (...) *a mudança de som alterava o sistema e a analogia o tornava regular novamente* (...) (Coates, 1986:135). Segundo a mesma autora, os funcionalistas, os quais viam a noção de função como central na língua, argumentaram que as mudanças ocorrem pela necessidade de se comunicar

usando-se o menor esforço possível. Tanto num caso como no outro, a língua era tratada como “algo”, uma “coisa”, com existência própria, independente dos usuários.

Assim, a concepção da língua como algo estático perpetuava a presença de um modelo, uma norma a seguir que era a do homem. Esta noção também está presente nos estudos sobre os aspectos gramaticais que apontam falhas quanto à correção gramatical da escrita da mulher. Vejamos porque: antes do século XIX, quase que somente aos homens cabia o direito de estudar com algumas exceções feitas às mulheres privilegiadas que tinham acesso à alfabetização. A escrita era de domínio masculino e havia grandes críticas e zombaria à tentativa de escrita pelas mulheres, referindo-se a uma ordem gramatical dos elementos da frase como nas citações abaixo:

“(...) Some will set the Carte before the horse, as thus. My mother and my father are both at home, even though(orig.) the good man of the house ware no breaches, or that the graye so happeneth(God wotte the more pitte) yet in speaking at the least, let us kepe a natural order, and set the man before the woman for manners Sake.

(Wilson apud Coates, 1986:23)

A idéia da superioridade masculina sempre esteve presente na dimensão da língua o que vem a explicar a predominância do pronome **Ele**, quando da indefinição do gênero. “*O gênero masculino é mais valioso do que o gênero feminino*” (Poole, apud Coates, idem, ibidem). Essas atitudes androcêntricas dos primeiros gramáticos (e aqui devo enfatizar que o artigo definido masculino não é usado na generalidade), que viam o homem como norma, foram formando a base das regras gramaticais. A língua era fixa e a fala do homem tida como padrão. Até mesmo uma grande estudiosa do gênero, já em tempos modernos, quando opinou sobre a continuidade da predominância do artigo masculino, manifestou-se contra a mudança das regras: (...) *I feel that an attempt to change pronominal usage will be futile* (...) (Lakoff, 1975:45).

Entretanto, se compararmos os primeiros estudos com outros que surgiram mais tarde, já no início do século XX, veremos que, a despeito de novos pensamentos, alguns posicionamentos ainda permaneciam assim. O que ocorreu é que, a partir desta época, a mudança passou a ser muito bem valorizada e, se até então a concepção da imutabilidade era a de seguir a norma, sendo esta de atribuição masculina, muda agora para a valorização das inovações e ao homem passa a ser atribuída a habilidade de inovar. Otto Jespersen, um

professor dinamarquês de língua inglesa, vai afirmar através de publicação, em 1922, que são os homens, mais do que as mulheres, que introduzem expressões novas e portanto são os que têm a habilidade da inovação. Coates cria a categoria “regra androcêntrica”, para explicar a aparente contradição: “*O comportamento dos homens, lingüisticamente falando, se adequará à visão do escritor do que é admirável ou desejável; as mulheres, por outro lado, serão culpadas por qualquer situação lingüística considerada pelo escritor como negativa ou repreensível*” (Coates,1986:15).

De fato, para Jespersen, a inovação seria controlada, as mudanças radicais não seriam bem recebidas e as mulheres seriam culpadas de introduzir palavras novas, consideradas efêmeras. No capítulo *The Woman*, ele afirma ainda que o vocabulário das mulheres é, via de regra, menos extenso do que o dos homens. Convém ressaltar aqui que esse dado foi coletado desta maneira: um americano, Jastrow, pediu que os alunos (homens e mulheres) de uma certa faculdade escrevessem 100 palavras soltas. Os rapazes apresentaram uma variedade maior de palavras do que as mulheres e a partir dessa única evidência do estudo, o autor chega à conclusão citada acima (Jespersen apud Coates, 1986:18). Diante da evidência empírica que valorizava a fala da mulher, o autor troca todos os sinais: o que era bom é atribuído ao homem e à mulher, o que era depreciado - expressão exemplar da regra androcêntrica.

O autor vê em toda expressão feminina motivo de crítica:

- o *excesso de exclamações* (...) *Oh! Mrs. Evenleigh, I must say!* (...) - para ele, devido à falta de palavras;

- a *subordinação das frases*- parataxis (sem subordinação). Ex: Eu consegui o dinheiro, comprei a roupa. (é uma justaposição)

- hipotaxis (marcadores de subordinação) Ex: Depois que eu consegui o dinheiro, comprei a roupa.

Se, para o rigor da escrita, a tradição gramatical elogia a hipotaxis, estilo indicativo de conhecimento, e despreza a parataxis considerando-a primária, na comparação das diferenças masculinas e femininas no uso da sintaxe, o autor apontará a hipotaxis como de preferência masculina. Ele acrescenta:(...) “*nos períodos femininos, contudo, o máximo de subordinação que se encontra é de coordenação* (as frases são ligadas pelas conjunções *e*,

mas, etc., com uma frase anexada à outra no mesmo plano), sem gradação gramatical mas sim emocional.”, segundo Jespersen (1922). Com isso, ele revela sua opinião de que o homem possui um estilo superior (hipotático) pois a emoção é vista como algo pejorativo, que é reforçado por outra comparação que ele faz: “ *a male period is often like a set of Chinese boxes, one within another, while a feminine period is like a set of pearls joined together on a string of ands and similar words.*” (Jespersen apud Coates, 1986:25)

Outro recurso feminino, segundo o autor, é o uso excessivo do advérbio “so” (tão). Para ele, a fala da mulher contém um número imenso de frases assim: “Ela é tão engraçadinha”, “isto é tão encantador”, “*elas interrompem as frases, deixando-as semi- acabadas, pois começam a falar sem pensar o que vão continuar falando.* (Jespersen apud Coates, 1986:19)

Este mesmo autor sustenta que a fala da mulher - rápida, fluente e ilógica- reflete uma rapidez de raciocínio e percepção essencialmente rasos. Num experimento onde homens e mulheres têm um parágrafo para ler e depois comentar, as mulheres foram mais rápidas e conseguiram se lembrar mais do que os homens. O autor justificou o resultado como decorrente do fato de que a mulher absorvia melhor o que lia devido aos vários compartimentos vazios da sua mente, enquanto que o homem tinha que refletir e fazer um exame mais profundo, daí sua lentidão! Jespersen representa bem a posição dos estudiosos das diferenças entre a fala do homem e a da mulher cujos pensamentos inserem-se em uma época em que se naturaliza uma condição socialmente construída.

Da mesma forma, nos primeiros estudos da dialetologia, a regra androcêntrica esteve presente: esses estudos partiam de dados de informantes baseados estritamente em depoimentos dos homens da comunidade. Cabe aqui uma explicação: é que os informantes eram homens quase que na sua totalidade e, portanto, os dados sobre as mulheres eram ignorados. A língua com a sua variação, bem como os questionários, eram definidos na visão masculina do mundo. Como o objeto de estudo dos dialetólogos focalizava a dimensão espacial que estudava as variações regionais, eles ignoraram a fala das mulheres por razões conscientes e inconscientes. Alguns argumentavam que a fala das mulheres era mais padronizada do que a dos homens e, por isso, menos interessante para a pesquisa. Outros viam a mulher como mais conservadora linguisticamente. Não houve evidência de que a fala

da mulher era mais ou menos padronizada, mais ou menos vernácula do que a do homem. Se os dialetólogos tivessem coletado dados do mesmo modo que os sociolinguistas, quer dizer, entrevistando autênticos membros das comunidades, então teríamos alguns dados interessantes nas diferenças lingüísticas entre os sexos. No entanto, o resultado foi um registro da língua do homem mais velho, rural, de nenhuma mobilidade espacial e não se sabe se a língua das mulheres diferenciava-se significativamente da dele ou não.

Os dialetólogos percebiam as diferenças de sexo nas suas próprias línguas mas, surpreendentemente, não houve dados reportados a esse fato, talvez por três motivos que são descritos em seguida:

- a inexistência da mulher como informante,
- a elaboração dos questionários,
- o pesquisador de campo (Coates, 1986:41).

É sabido que a escolha dos informantes é de crucial importância para qualquer pesquisa lingüística. Como a mola propulsora da dialetologia tradicional era o dialeto puro, o qual tinha que ser registrado antes de desaparecer, os dialetólogos selecionavam seus informantes entre as pessoas que supostamente falariam o dialeto puro. Escolhiam, portanto, os mais velhos da comunidade, porque eram considerados de maior importância hierárquica o que resultava em informante homem. Apesar dessa preferência, desde o final do século até 1940, um grande número de dialetólogos na área da Slovenia, Flanders e Romenia diziam-se a favor da contribuição feminina nos dados, pelo fato de serem as mulheres as mantenedoras da língua por estas razões:

- as mulheres raramente saem do vilarejo,
- as mulheres ficam em casa falando com outras mulheres, raramente com estranhos,
- as mulheres não fazem o serviço militar.

Mais estritamente vinculada ao lar do que o homem, a mulher era em toda a parte, o elemento estabilizador e conservador por excelência, o grande custódio da tradição doméstica. Daí, suas falas surtirem interesse para os dialetólogos por perceberem nestas a pureza das línguas.

Em oposição a estes estudiosos, há a vertente que vê as mulheres como inovadoras e não mantenedoras da língua. Um destes estudiosos foi o famoso diretor de pesquisa lingüística

da França, Gillierón (apud Coates,1986:42). (...) *Women's speech is not conservative. Women, who are said to be more conservative than men, accept new words quite readily.*(...)

Porém não explicam o porquê dessa crença, apenas descrevem a vida das mulheres como propiciando o “contato com outras pessoas através do serviço de casa, ao passo que os maridos estão ocupados no trabalho rural, silenciosamente executando suas tarefas do dia”(Gauchat apud Coates,1986:42). A contradição entre os dois pressupostos é que os dialetólogos das duas vertentes definem a vida das mulheres da mesma maneira. Portanto o que as faz inovadoras da língua para uns, as faz mantenedoras para outros. Talvez o que difira seja o ponto de partida: o Homem - para uns, os homens interagem com estranhos, para outros, esses mesmos homens levam vida isolada.

Na busca de justificativa, o segundo grupo esclarece que a mulher é mais sensível às diferenças lingüísticas do que o homem porque ela, por ter pouco status na sociedade, só vai obtê-lo através do aprendizado da língua na sua forma padrão. O que fica de certeza é que a escolha dos informantes era realizada por um critério subjetivo pelos próprios depoimentos contraditórios dos dialetólogos de considerar as mulheres ora como inovadoras, ora como conservadoras. Se olharmos para os dados veremos que o problema residia no fato da pequena presença da mulher nas pesquisas. Por exemplo, Pop (apud Coates, 1986:44) traz este resultado nas suas pesquisas:

Dialeto	Data da publ.	Homens info.	Mulheres info.	Total	% Mulheres
França	1902 - 1910	640	60	700	8.57
Catalônia	1923 - 1939	107	1	108	0.93
Inglaterra	1962 - 1978	867	122	989	12.34

Ao se tentar explicar a ausência da mulher nas pesquisas, algumas razões são apresentadas:

“Elas são extremamente ocupadas com as tarefas do lar e não podem se dedicar 2 ou 3 dias ao projeto. Também são geralmente tímidas ou se embaraçam na presença de um cavalheiro da cidade” (Pop apud Coates,1986:45).

Num exemplo machista mais gritante, temos o depoimento de Griera, um padre católico responsável pelo Atlas Lingüístico da Catalônia: (...) “...as razões pelas quais excluo a mulher são:

- a impossibilidade delas de manter a atenção durante um longo questionário que dura vários dias;
- o fato de que o seu (da mulher) conhecimento dos objetos é, em geral, mais limitado do que o do homem;
- e acima de tudo, a falta de firmeza nos conceitos que se reflete na denominação imprecisa dos objetos (...)

(Griera apud Coates,1986:45).

Por algumas alegações ou outras, o fato é que os dialetólogos procuravam justificar a ausência das mulheres como informantes.

Vejam agora o segundo motivo apresentado quanto à ausência de dados sobre as mulheres - os questionários, “*instrumento central na coleta de dados*”, segundo Francis apud Coates,1986:52). Sabemos que, longe de serem neutros os questionários irão determinar, de antemão, os itens lingüísticos a serem analisados, deixando de lado outros de igual importância. Embora a neutralidade fosse atribuída aos questionários com perguntas concernentes às mulheres (suas ocupações) e aos homens (seu trabalho), muito do vocabulário usado era pertinente ao mundo masculino e, com isso, as conclusões eram de que os homens e as mulheres tinham vocabulários diferentes de acordo com seus papéis sociais. Como resultado, os dialetólogos atribuíam a deficiência da contribuição feminina no questionário, “*ao fato de que este se destinava ao mundo particular da terminologia agrícola*”; quando o assunto era doméstico, com terminologias da moradia e tarefas do lar, as mulheres eram então chamadas a colaborar: “(...) *já que o seu questionário* (de Wirth, diretor do Atlas Lingüístico de Sorabe, um dialeto eslavo ocidental) *era principalmente interessado na terminologia da moradia e tarefas do lar, ele foi obrigado a apelar para as mulheres colaborarem.*(...)” (Pop apud Coates 1986:47). Não é que os questionários não abordassem questões vinculadas às mulheres, é que simplesmente a elas era associado um vocabulário doméstico que era considerado periférico, enquanto que aos homens se associavam interesses primordiais.

O terceiro impedimento para os relatórios dos dialetólogos foi com relação aos pesquisadores de campo. Estes eram na sua maioria homens, o que justificava a razão de que a coleta de dados fosse feita entre os homens. Vejamos a seguir a definição de trabalhador de campo por um dialetólogo, McIntosh (Coates, 1986:49): “*um homem especialmente treinado para ouvir as peculiaridades da fala.*” Ainda em se tratando dos pesquisadores, é freqüente referir-se a estes membros como **Ele, Dele, etc.**: “(...) *after some experience in the field, he may discover that informal contacts in the general store, barber shop or local tavern can provide him with useful leads*” (Kurath apud Coates, 1986:49).

Apenas recentemente, os lingüistas perceberam a influência do entrevistador na contribuição do informante: a maior ou menor informalidade do lugar, o sexo, cor irão mostrar que a relação entre informante e entrevistador pode variar. A mulher foi amplamente esquecida no relato dos dialetólogos em face das predisposições contra as suas contribuições. A presença pouco representativa da mulher nos depoimentos mostra essa marginalização no estudo dos dialetos e, na verdade, somente existia para suplementar o trabalho da pesquisa de campo. Os questionários se baseavam em aspectos pertencentes ao mundo masculino.

Décadas depois, entretanto, em meados dos anos 70, grandes estudiosos do gênero ainda mantêm uma postura crítica com relação à fala da mulher. Dentre eles, a autora citada anteriormente, cujo trabalho é extremamente representativo ao falarmos das diferenças entre as falas masculina e feminina - Robin Lakoff.

Em 1975, Lakoff publicou *Language and the Woman's Place*, considerado para muitos o marco inicial do interesse nas diferenças sexuais, dando início à busca das características definitivas da fala da mulher (Crawford,1995:23); por isso, ela e seus seguidores foram considerados vanguardistas e causaram polêmica; porém, eles constatavam que a fala da mulher era hesitante, insinuante e fraca. Portanto, esta postura ainda era indicativa de estudos que relacionavam as funções da língua estático e, portanto, pouco se diferenciavam dos anteriores.

No livro citado acima, ela analisou casos isolados de características lingüísticas sem se ater ao que ocasionava tais diferenças. Além disso, o problema parece ter sido que tais estudos foram inconclusivos pela supersimplificação que Lakoff realizou. Esta estabeleceu nove

pontos que, para a autora, não só caracterizavam a fala feminina como também eram, por causa disso, motivo de crítica:

- 1) Vocabulário específico (cores, costura e culinária)
- 2) Expletivos (“ Oh ,dear!”)
- 3) Adjetivos “vazios” (divino, adorável)
- 4) “Question- tag “ - ..., não é?
- 5) Entonação (alto tom)
- 6) Superpolidez (“ Eu gostaria de saber se seria possível.....”)
- 7) “Hedges “ (“ Bem, você sabe, tipo,....”)
- 8) Hipercorreção gramatical (evita-se o uso de gíria)
- 9) Piadas e Humor

Para a autora estes seriam “defeitos “da fala da mulher que teria que “corrigi-los” para se assemelhar à do homem, o qual, para a autora, tinha uma fala modelo. Por ex., Lakoff faz uma crítica ao uso que a mulher faz de “question-tag” expresso a seguir: *“It is my impression, though I do not have precise statistical evidence, that this sort of tag question is much more apt to be used by women than by men. If this is indeed true, why is it true?”*

These sentence types provide a means whereby a speaker can avoid committing himself, and thereby avoid coming into conflict with the addressee. The problem is that, by so doing, a speaker may also give the impression of not being really sure of himself, of looking to the addressee for confirmation, even of having two views of his own. This last criticism is, of course, one often leveled at women” (Lakoff,1975: 16-17).

Por esta observação, ela é duramente criticada no artigo de Candace West (1995:109), pois, segundo esta, Lakoff atribuiu o uso de “question tags” às mulheres de uma maneira depreciativa, ao invés de considerá-las como um recurso lingüístico usado em conversas para fins de reiteração ou confirmação. Mesmo assim, a partir da afirmação de Lakoff, muitos pesquisadores ampliaram essa linha de investigação e procuraram exemplos da “fala da mulher” no uso de adjetivos, perguntas retrucativas, determinadores, “fillers” e outras características.

Apesar de Lakoff demonstrar interesse pelas características da fala feminina, este não despertava na autora uma maior investigação para abordar as suas origens ou, quando tratava das origens, ela não se mostrava fatalista e inflexível. Na verdade os seguidores das pesquisas de Lakoff trataram a questão das diferenças entre as falas femininas e masculinas

como sendo mais de razão biológica do que social e, com isso, pouco abordaram a posição socialmente subordinada da mulher como geradora de suas peculiaridades na fala.

Outra falha desta visão era a de considerar a mulher como uma categoria global - como se não houvessem variáveis que levassem em conta etnias, classes, religiões - objetos de estudo da pesquisa sociolinguística e etnográfica mais à frente, pois então as variáveis dentro dos próprios grupos é que iriam merecer atenção. Embora demonstrassem uma conscientização notadamente feminina, Lakoff e seus seguidores atribuíam razões discriminatórias ao estudo das falas mantendo o referencial masculino na sua linha de pesquisa. Sabendo-se que a fala feminina tem componentes diferentes dos da fala masculina, e sendo esta o padrão comparativo, tudo o que discordar deste padrão será considerado inferior por ser diferente.

Mais tarde, estudiosos, com destaque para os sociolinguistas, iriam dar importância aos falantes da língua e às mudanças linguísticas. Com isso, passariam a ver a língua não mais como um sistema fixo mas como algo dinâmico, atualizado e transformado pelas práticas dos falantes. Contudo, da perspectiva da análise da fala feminina, o progresso parecia ainda muito lento e, embora começasse a haver avanços nas pesquisas, esta surgiam com grandes limitações Coates (1986:6), atribui duas razões a esse atraso:

I- porque as pesquisas até então tinham negligenciado a participação feminina; por exemplo, Labov estudara jovens adolescentes negros do sexo masculino do Harlem (Labov 1972b) - a autora menciona o fato de que não tinha notícia de nenhum estudo sociolinguístico somente realizado com mulheres. Na verdade, homens e mulheres eram informantes, mas o que a autora salienta é que os resultados finais sempre se referiam, até essa época, a grupos masculinos.

II- porque, apesar dos movimentos de reação contra a linguística chomiskiana¹, causando a mudança de ênfase do que era tido como norma, e portanto digno de estudo, para o que era tido como diferença e desvio, as mulheres não eram vistas como minoria. Em outras palavras, os primeiros sociolinguistas escrutinavam as variações linguísticas coexistentes com etnias, classe social e idade, porém excluíam a mulher do seu objeto de estudo. As pesquisas sobre as mulheres só foram ter lugar dentro das ciências sociais aliadas ao

¹ Segundo Chomsky, a teoria linguística lida com locutor-auditor ideal, inserido numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece perfeitamente sua língua, sem interferência quaisquer das condições sociais.

fortalecimento da teoria e dos movimentos feministas que politizaram o campo das relações de gênero (Coates, 1986:6).

Antes disso, porém, o que se constatava na diferenciação entre a fala masculina e a feminina era a existência das então chamadas “deficiências lingüísticas femininas” analisadas somente através da ótica da lingüística que adotava o título de “língua da mulher” e “língua do homem” para explicá-las (Coates,1986: 12).

Mary Crawford, pesquisadora dos estudos de gênero (1995:9), na busca de tentar compreender a inexistência do interesse pelas variações de gênero, irá reunir várias classificações da mulher de acordo com alguns parâmetros simplificadores nessa categorização:

I - A mulher genérica- a pesquisa da naturalização das diferenças de gênero vê a mulher como uma categoria global pois os pesquisadores dessa linha não levam em conta a diversidade das mulheres e tendem a reduzir as diferenças a explicações simplistas. Mas, da mesma forma que Coates, a autora argumenta que há outras dimensões socialmente notórias tais como etnia, classe, faixa etária, por exemplo, que não podem simplesmente ser negligenciadas, que é o que acaba acontecendo quando se priorizam as diferenças sexuais. simplistas, naturalizantes. Portanto é verdade que a posição social prevalece sobre as diferenças sexuais pois, se não fosse assim, então as mulheres ricas seriam comparáveis às pobres; as de cor compartilhariam com as brancas; as homossexuais com as heterossexuais. Quando as pesquisas se contentam com a conclusão segundo a qual homens são diferentes das mulheres, cabe uma pergunta: “Quais mulheres ?” (Bohan apud Crawford, 1995:8).

II - O essencialismo na mulher - a pesquisa de gênero é um método essencialista que o vê como uma parte essencial e fundamental do indivíduo. O gênero é algo que homens e mulheres “têm” ou “são”, ainda segundo Crawford que parafraseia Bohan (Crawford,1995:8). O essencialismo confunde sexo e gênero: atribuiu ao sexo todas as diferenças, desconsiderando as de cunho social. Quando se descreve a fala da mulher como inábil, sem ser assertiva e necessitando de programas de auto-ajuda que elevem a auto-estima, está-se naturalizando a identidade pela qual os atributos residem na personalidade: as mulheres falam assim porque são mulheres. A partir de Unger, dentro do movimento feminista (Crawford,1995:8), começa-se a ter uma diferenciação entre sexo e gênero

correspondente à distinção entre o biológico e o social mas ainda. Porém, a força cultural que o essencialismo ainda exercia dificultava tal distinção e muita inconsistência foi gerada: o que tinha sido considerado como estudo das diferenças sexuais há duas décadas anteriores, era então denominado diferenças de gênero sem contudo desenvolver enfoques sociais. Essa interpretação inexata e obscura resultou em expressões como “O gênero dos fetos”, “O gênero dos ratos no labirinto”, “Gênero: masculino” (num rótulo de roupa). Na verdade, “ *a força cultural do essencialismo gerou inconsistência, confusão e calorosas alterações terminológicas, perpetuando a classificação segundo um critério biológico separado do contexto social: a velha classificação em novo rótulo,*” acrescenta Crawford (1995:9).

III- A mulher como problema - Soluções terapêuticas- No processo de diferenciação entre os sexos em que se vê a fala da mulher como deficiente, a mulher precisa adquirir assertividade para ser aceita e, portanto, é o sexo carente de ajuda- ajuda essa, individual sem enfoque de envolvimento social, como se a mulher fosse a causadora de sua frágil personalidade- a “mulher-problema”- estigma do sexo feminino. Em nome disso, irão proliferar explicações terapêuticas para “curar” a mulher com alguns conceitos explanatórios tais como: o medo do sucesso (Horner, 1970), o complexo de Cinderela (Dowling,1981), os conflitos de papéis (cf. Crawford,1982), a co-dependência (Beattie,1987). Esses conceitos não abordam a temática social e encorajam a mulher a achar em si própria as soluções para os supostos problemas. Nota-se a falta de sustentação do essencialismo que concebe o fator social como imutável e, portanto, as mulheres, individualmente, terão que buscar auto-ajuda pois não há uma ação coletiva, nem parece haver discriminação social. Os treinamentos para as mudanças são as soluções apontadas para a inferioridade feminina. As mulheres passam a fazer cursos, ler livros, aprender a se defender sozinhas adotando atitudes masculinas. Em suma, muito embora dentro do feminismo tenham surgido vários segmentos que valorizavam positivamente o modo da mulher se expressar e raciocinar, e não partiam de premissas sobre a “inferioridade feminina”, o modelo adotado continuava sendo o do homem (Belenky et al., Gilligan, apud Crawford,1995:10).

As análises citadas acabam por classificar as diferenças que caracterizam especificamente a fala da mulher na categoria de “feminilidade”, o que acaba sendo na verdade um baluarte conceptual que deixa intactas as relações de poder (Hare-Mustin and Marececk, 1994). As

diferenças bem acolhidas serão aquelas tidas como “femininas”, em um movimento que continua naturalizando o que é histórico e social.

O trabalho de Debora Tannen, especialmente seu livro *You just don't understand: Women and Men in Conversation*, explora outras linhas de pesquisa porém reproduz, a seu modo, a mesma abordagem essencialista das identidades sexuais. Ela confirma que, por haver uma dicotomia entre os sexos, a falha na comunicação será inevitável. O livro receita que as pessoas devem estar cientes das diferenças e tentar aceitá-las. Apesar de bem intencionado na tentativa de parecer imparcial, o método de Tannen não se aprofundou na investigação das preferências subjetivas dos grupos masculinos e femininos, gerando sentimento de culpa nas mulheres, desviando a atenção sobre a responsabilidade da violência por parte dos homens e, ao invés de controlar e restringir o comportamento masculino, o fez com relação às mulheres. Tannen estabelece que, se há uma brecha na comunicação, cabe à mulher discernir sobre como reagir, para superar essa brecha. Cabe à mulher “reparafrasear” para se fazer entendida. Ao homem nada se sugere (Tannen apud Crawford, 1995:11).

Em outra vertente desse tipo de pesquisa, encontra-se o modelo das “duas culturas” (Maltz and Borker, apud Foley, 1997:296), o qual apregoa que mulheres e homens têm diferentes estilos de conversação por terem objetivos diferentes. Essa linha é chamada de “comunicação precária” por Henley e Kramarae (1988), pois propõe que o que acontece é que a comunicação falha porque os homens vêm na conversação um modo de exibir status e as mulheres a encaram como uma maneira de desenvolver intimidade. Este método não considera os estilos da mulher como sendo deficientes, mas estabelece que as diferenças não devem ser avaliadas e sugere a compreensão entre ambos os sexos. Eles acrescentam que, porque meninos e meninas são criados em contextos diferentes, os objetivos das conversas e o uso das palavras também o serão:

As meninas aprendem a fazer três coisas com as palavras:

1. criar e manter relações de igualdade e intimidade;
2. criticar os outros de modo indireto;
3. interpretar precisamente o discurso de outras meninas.

Em contraste, os meninos aprendem a fazer três coisas muito diferentes com as palavras:

1. assegurar a posição de domínio;

2. atrair e manter uma platéia;
3. impor-se quando a palavra é de outra pessoa (Crawford (1995:88).

Esses estudiosos reivindicam que as diferenças existentes devem-se ao fato de que entre 5 e 15 anos de idade, ambos os sexos aprendem como interagir com seus parceiros, adotando certas maneiras que são na verdade indícios úteis para diferenciá-los do sexo oposto, pois nesta fase, as brincadeiras são extremamente segregadas pelo sexo: não só as crianças procuram voluntariamente brincar com parceiros do mesmo sexo, mas chegam até a exagerar as diferenças, na medida em que tomam consciência da diferenciação entre os sexos. Creio que é importante lembrar aqui que, nessa fase, as crianças freqüentam escolas e que estas irão fortalecer esse aprendizado social, através do encorajamento dos professores: as crianças aprendem a se comportar como meninos ou meninas e, ao se tornarem adultos, adotarão um comportamento diferente em vista das circunstâncias. A fala faz parte desse comportamento aprendido e qualquer fragmento de discurso produzido por pessoas de gênero diferente denotará uma bagagem cultural diferente.

Nas abordagens que mencionei havia de fato um interesse nas diferenças das falas da mulher e do homem por parte dos lingüistas, porém era mais para receitar recomendações de como agir para se evitar o problema, do que para se encontrar explicação. Embora alguns teóricos e pesquisadores das diferenças lingüísticas entre homem e mulher tenham tentado minimizar essa problemática, eles próprios nomearam de “genderleto” o que seria um código homogêneo usado pelas mulheres e, um outro, usado pelos homens. Na tentativa de justificar esse limite, as grandes equipes (Barry Thorne, Chris Kramarae, Nancy Henley, 1983) que produziam essas teorias argumentavam que era natural que os lingüistas, primeiramente, constatassem e analisassem as diferenças para que, depois de transcender esta etapa, estudassem a presença do gênero em face de outros contextos: lugar, idade, classe, etnia (Crawford, 1995: 46). Portanto, as teorias não mais viam a fala do homem como a norma e a da mulher como o desvio, porém, o essencialismo predominava nas vertentes naturalizantes dos velhos rótulos.

2.2 Língua, Gênero e Sociedade

Os primeiros estudos sociolinguísticos a respeito das diferenças sociais refletidas nas variações linguísticas foram estudos quantitativos que trabalhavam com as categorias de prestígio, associado a um modelo de correção da língua, usado pelas pessoas com maior posição social, e de estigma, associado a formas vernáculas. William Labov (Graddol, 1989:46) e Peter Trudgill inserem-se nessa linha, analisando as variações linguísticas pelo aspecto fonético: a pronúncia do /r/ para Labov em N.Y. e o /r/ para Trudgill em Norwich, England (Coates,1986:57). Esses estudos demonstraram que a hipercorreção, revelada através de variantes (assim chamadas as várias unidades linguísticas), ocorre principalmente entre camadas sociais das classes trabalhadoras que, subordinadas, sentem a pressão pelo domínio de um código ao qual não tiveram acesso (Coates,1986:60).

No caso do gênero, notou-se que muitas mulheres falantes faziam mais uso das formas de prestígio do que os homens, expressando assim uma necessidade de maior reconhecimento. Coates, ao examinar os estudos de Trudgill, aponta as seguintes conclusões:

- 1) as mulheres tendem a usar menos formas estigmatizadas do que os homens em todos os estilos (formais, informais).
- 2) as mulheres parecem ser mais sensíveis às formas de prestígio nos contextos formais do que os homens.
- 3) as mulheres da classe média baixa mudam radicalmente o estilo quando em situações mais formais, corrigindo sua fala para corresponder à da classe social acima da que pertencem.
- 4) o uso de formas vernáculas parece estar associado não apenas com os falantes da classe trabalhadora, mas também com os falantes homens.(Coates, 1986:66).

Um outro estudo que relacionava gênero com língua foi sobre as diferenças fonéticas feito por Mark Newbrook (1982), o qual mostrou que a pronúncia das mulheres era mais próxima do modelo de prestígio do que a dos homens. O autor concluiu que a classe social era um fator mais importante para determinar a fala masculina do que a fala feminina - pois a pronúncia das mulheres estava sempre mais próxima da dos homens pertencentes à classe social acima(Coates, 1986:68).

Romaine (1978) também apresentou um estudo bastante seletivo de crianças (6- 10 anos) da escola primária que tinham pais da classe trabalhadora em Edinburgh. Um dos itens

analisados foi o /r/ pós-vocálico (*over, under, sir, etc*), presente na fala feminina mais do que na masculina (Coates,1986:69).

Dentre esses estudos, o que se verifica é a presença das variações lingüísticas nos gêneros ficando com a fala feminina a variante de prestígio, podendo ser chamada de marcadora a variante diferencial em cada caso. O que fica a desejar é que embora tenham sido estudos sociolingüísticos, foram estudos quantitativos que tiveram como objetivo a coleta de dados sem se indagar o porquê da presença das diferenças.

Coates (1986:71) critica nesses estudos a generalização das conclusões. Ela aponta, por exemplo, a conclusão a respeito da existência da diferença na fala feminina como sendo resultado de hipercorreção, o que se explica pela insegurança da mulher. Segundo ela, houve imprecisão na coleta de dados e a investigação sobre a fala da mulher vista sob a ótica da classe social, para citar um exemplo, baseava-se na classe social dos maridos e pais.

Embora a variável do sexo nos estudos sociolingüísticos estivesse presente na avaliação da classe social na questão lingüística, mostrando que os homens e as mulheres são categorias importantes dentro das comunidades, essas conclusões não despertaram interesse que justificasse um aprofundamento maior no início destes estudos da sociolingüística.

A idéia de naturalização do gênero como algo essencial, imutável, foi dando lugar ao tema da dominação que passou a conduzir os estudos sobre as diferenças lingüísticas. Aos poucos, foi-se abandonando a concepção de língua como algo intocável mudando-se a ênfase para as práticas lingüísticas, ou seja a fala. Os sociolingüistas contribuíram para essa alteração da concepção da língua embora, a princípio, suas conclusões fossem amarradas à idéia do essencialismo, mas já com um recorte a mais do que os lingüistas, pois mais do que o sistema da língua, analisavam os falantes da língua.

Os avanços nos estudos que relacionavam gênero e língua ao mesmo tempo em que derrubavam os mitos da fala feminina, conduziam para as conclusões a que chegariam os pesquisadores - de que o gênero é representado nas práticas lingüísticas e que é através da língua que as categorias são adquiridas e aprendidas (Foley, 1997:289). A língua é, portanto, socialmente construída, aprendida, sancionada.

2.3 Língua, Gênero e Relações de Dominação

Para estabelecer a presença das relações de dominação na fala e nas práticas linguísticas, antes discorro sobre a competência comunicativa. O termo foi usado por Dell Hymes (Coates, 1986:96) no seu argumento de que era fundamental incorporar os fatores culturais e sociais à descrição da língua. O linguista Chomsky (1965)² afirma que a criança internaliza regras, as quais lhe permitem produzir sentenças gramaticais. Para Hymes, esse aprendizado inclui as regras sociais do que é apropriado ou não; não basta saber falar correto, é preciso saber o que falar, quando falar, onde falar, como falar, com quem falar. A este conhecimento que a sociedade exige da criança e, é claro, de seus membros adultos bem socializados, Hymes denomina “competência comunicativa”. O êxito da competência nas comunicações revela uma identidade comum entre as pessoas através de sinais, piadas, alusões, etc., como se houvesse um código implícito na conversa. Quanto maior for a igualdade entre as pessoas que estão interagindo num diálogo, mais semelhante será o uso da língua, o que propiciará uma confiança maior em interromper-se um ao outro bem como maior segurança para discordar-se das opiniões.

A comunicação então acontece no mesmo patamar- seja este registro de status, de filiação familiar, de etnia ou sexo. No que tange a este último, teremos então um confronto entre o “masculino” e “feminino” como se fossem dois mundos diferentes na mesma língua - o modo de expressar-se através de gestos ou palavras, a abordagem temática e a escolha do léxico revelarão duas identidades diferentes socialmente constituídas como tais pela desigualdade característica da relação. A partir desse enfoque foi possível investigar as diferenças linguísticas entre homem e mulher de modo essencialmente histórico, mostrando como aquelas velhas características atribuídas à natureza do sexo são sutilmente tecidas por razões sociais.

Quanto às diferenças entre os homens e mulheres na domínio da competência comunicativa, quer dizer, do que é ou não apropriado, fizeram-se alguns estudos interessantes, tal como o de Zimmermann & West (1975) que observaram as irregularidades no “turn-taking” dentro das conversações: “overlapping” e interrupção (Coates, 1986:99). Eles investigaram esses

² Chomsky usa o termo “competência linguística” para essa internalização.

aspectos em conversas entre pessoas do mesmo sexo e entre pessoas do sexo oposto. O resultado alcançado é que, no primeiro caso, há equilíbrio entre as interrupções e sobreposições da fala de ambos os sexos. Contudo, no caso de conversas entre os homens e as mulheres, temos uma grande desproporção dessas irregularidades: em um total de 48 ocorrências de sobreposição e interrupção, nada menos do que 46 foram feitas pelos homens (Zimmermann & West apud Coates, 1986:101).

Quando os homens conversam entre si, um irá assentir com respostas “mínimas”(yeah!, hmm!, uhm!), numa demonstração de que está seguindo a conversa, entendendo e/ou concordando. Essas respostas acontecem com regularidade na fala entre os homens. Entre as mulheres, a ocorrência característica são as sobreposições que indicam confiança entre os falantes.

Porém, na fala entre pessoas de sexo diferente, os homens emitem as respostas “yeah!, hmm!,uhmm!,” depois de um tempo, fora do previsto para isso, criando uma espécie de descompasso que tem por efeito o enfraquecimento do controle da mulher sobre a própria fala e sobre o tópico acerca do qual está discorrendo, na medida em que o assentimento temporalmente deslocado acaba produzindo na falante a impressão de que o interlocutor não está de fato interessado em acompanhar seu pensamento, sua fala. Diversamente, as mulheres abandonam a sobreposição quando em conversas com o sexo oposto. Em seu lugar, o silêncio, indicativo de mau funcionamento da conversa.

Na verdade, esse silêncio como forma de violação - os homens infringindo os direitos das mulheres para falar - é uma prática milenar. Ao homem, desde há muito tempo, coube o direito de conduzir a conversa como bem lhe conviesse quando a ouvinte fosse mulher: como ilustrado pela seguinte citação que se refere à peça de Sophocles: “*Silence gives the proper grace to women*”(Sophocles, Ajax)³.

³ *Ajax* de Sófocles contém uma peça teatral com o nome “O homem que casou com uma mulher muda”. Nela, um médico é chamado para curar a mudez da esposa de um senhor. Logo em seguida ao tratamento, ela começou a falar desenfreadamente, o que fez seu marido arrepender-se do seu gesto. Seu desejo, então era de que ela voltasse a ser muda para que ele a amasse como antes. (West apud Cameron, 1990:67)

Os dados de Zimmermann & West a esse respeito são expressivos: a duração que foi medida dos silêncios entre falantes do mesmo sexo foi de 1.35”; já entre homens e mulheres essa duração chegou a 3.21” (Zimmermann & West apud Coates, 1986:101).

Outra forma recorrente pela qual o homem silencia a interlocutora na conversação é a simples interrupção, impedindo-a de completar uma fala. Interessante é acrescentar aqui que, nos estudos de aquisição de língua diferenciada pelo sexo, observou-se que os adultos interrompem mais as garotas do que os garotos (Coates, 1986:133). Sendo a língua parte importante do processo de socialização, as crianças irão se socializar, assimilando papéis definidos pela sociedade. Aprender a ser homem ou mulher significa, entre outras coisas, aprender a língua e as condutas lingüísticas apropriadas para cada sexo. A mulher se acostumará, desde muito jovem, a tolher-se nas conversas com o homem, considerando natural que o controle advenha dele, até mesmo a hora do seu silêncio.

Outra razão apontada para o domínio das conversações é atribuída ao fator conhecimento adicionado à variável sexo. Como mencionado no início deste trabalho, somente aos homens era permitido o acesso aos saberes institucionalizados, fator que historiciza a dominação masculina. Sabemos que o conhecimento não é algo natural pois o homem não nasce educado. Porém o privilégio da educação para os homens ganha dimensões históricas, perpetuando as relações de dominação também na fala, porque dominará as conversas aquele que souber mais, ou seja um homem. Leet-Pellegrini (Coates, 1986:101) examinou as características das conversas: interrupção, sobreposição, tagarelice e notou que o sexo do falante aliado ao grau de conhecimento que ele tenha sobre o assunto é decisivo para o controle das conversas. Se o falante for do sexo masculino e conhecer o assunto, tenderá a dominar a conversa, infringindo mais a participação dos outros. Isso se deve ao fato de que o homem faz uso de um estilo de interação baseado no poder de controle do tópico, enquanto que a mulher bem informada prefere um estilo baseado na solidariedade e cooperação mútua. Por outro lado se o falante for mulher mas desinformada, tenderá a falar menos e usar outro comportamento lingüístico de apoio à conversa: “*hmm!, uhmm!, yeah!*”. Um outro estudo das normas lingüísticas digno de ser mencionado foi o de Lesley Milroy em Belfast (Coates, 1986:79), por chegar à explicação das diferenças lingüísticas entre os sexos ao relacionar diretamente a densidade da rede de relações sociais e o controle da

língua; ela classificou os contatos pessoais como de alta ou baixa densidade de acordo com mais ou menos ligações com pessoas no trabalho, na família e no lazer. Quanto mais envolvida socialmente a pessoa for, mais entrelaçada é a sua “teia” social, o que irá reforçar normas lingüísticas. Em outras palavras, as pessoas terão um padrão lingüístico de sons, por exemplo o som /th/, e de vocabulário, adquirido e incentivado dentro da “teia” social em que se relacionam. Nesse estudo, Milroy mostra que os homens fazem maior uso do vernáculo, pois estão sob influência e, ao mesmo tempo, influenciando uns aos outros nas várias facetas sociais onde atuam. Ao contrário, as mulheres têm menos poder de reforçar normas lingüísticas por pertencerem a redes sociais menos densas devido ao fato de não estarem inseridas nas redes de emprego formal nem tampouco nas de sociabilidade essencialmente masculina como, por exemplo, a frequência regular aos bares.

Porém, Milroy, a mesma pesquisadora, ao analisar a comunidade de Clonard (Inglaterra), notou que o resultado era oposto às duas outras comunidades estudadas (Ballymacarrett e Hammer), as quais se referem os dados relatados acima. Como a taxa de desemprego masculino era maior nessa comunidade, ou os homens eram obrigados a procurar trabalho fora da comunidade (quebrando, portanto, a teia social), ou ficavam em casa, cuidando das tarefas domésticas, camuflando os papéis sociais pressupostos. As mulheres, ao contrário, iam para o trabalho, geralmente todas no mesmo lugar. O resultado é que, devido às circunstâncias locais, as mulheres do lugar traziam na fala as mesmas características que os homens das outras comunidades que não sofreram esse processo de inversão. São então as mulheres as responsáveis pelas normas lingüísticas do local, exercendo influência nas facetas da teia social a que pertencem; ou seja, as pressões sociais mudam o comportamento da mulher e explicam as diferenças lingüísticas entre os sexos.

A exceção que a comunidade Clonard traz nos mostra que esses padrões não são imutáveis mas, que apenas refletem a sociedade. Os tempos de recessão e desemprego masculino têm contribuído para o aparecimento de novas experiências - mulheres saem para o trabalho e são substituídas pelos seus maridos nos afazeres do lar - que as tornam menos propensas a usar as normas lingüísticas de prestígio e mais a usar o vernáculo. Isto desfaz a idéia de que o uso de formas vernáculas se associa à masculinidade. O que fica claro é que o membro da família que sai para o trabalho, se relaciona numa ampla gama de contatos, atualizando dessa

maneira a língua em uso. Quem ficar em casa, envolvido pela vida doméstica, refletirá a preservação lingüística pela razão inversa, ou seja, por estar menos exposto a influências externas ou a uma sociabilidade mais ampla. Os estudos não iriam mais encontrar explicações que residem em diferenças femininas e masculinas atribuídas a sexos naturalizados; estariam sim analisando padrões e experiências sociais, e perguntando: que homens? que mulheres? falando onde? com quem?

2.3.1 Língua- ferramenta de dominação

Na apresentação dos estudos iniciais sobre as diferenças da fala do homem e da mulher, fica claro que as relações de dominação estavam presentes nessas diferenças e que todos estudiosos reconheciam esse fato já que a mulher deveria ceder, “reparafrasear” ou ser flexível, mas esses pesquisadores não assumiam esse fator. Reconhecia-se e perpetuava-se a existência do poder masculino pois cabia à mulher procurar se enquadrar no modelo. Robin Lakoff identifica a característica da falta de poder das mulheres em face da sociedade: o gênero por si só é o responsável pelas escolhas lingüísticas que são feitas diferentemente pelos homens e mulheres - fenômeno social amplamente aceito, mas não claramente definido e que é transmitido por outros meios que não os de cunho lingüístico. Aos homens se atribui o poder, às mulheres não. É curioso notar que algumas características da fala feminina são, de fato, associadas a, ou melhor, dissociadas do poder mais do que relacionadas com a questão do gênero. A própria Lakoff admite isso quando expõe os “nove pontos que qualificam a fala feminina naquilo que ela chama de defeitos” - “*I think that the decisive factor is less purely gender than power in the real world*” (Lakoff apud Graddol, 1989:85). Frente às características femininas - capacidade de interagir, solidariedade para ouvir, questionamento cauteloso e sustentação de conversação - resta a dúvida: seriam estas atribuições derivadas da desigualdade de poder que força as mulheres a transformar uma necessidade assimétrica em uma virtude cooperativa?

William O’ Barr & Bowman Atkins, outros grandes estudiosos do assunto que voltaram suas pesquisas para a linguagem usada na corte judicial, argumentam que o poder, e não o gênero *per se*, é responsável pelas diferenças lingüísticas (Graddol, 1990:85). Dizem eles que a falta de poder que se atribui ao sexo feminino não pode ser considerada apenas sob o

ponto de vista biológico nem atribuído aos grupos isolados, mas analisados sob a luz de um longo processo social disseminado. Eles gravaram 150 horas de julgamentos na corte criminal de Carolina do Norte em 1974, onde quase todos os advogados eram homens e metade das testemunhas era do sexo feminino. O que eles constataram foi que, embora as características apontadas por Lakoff estivessem presentes na fala feminina, elas também estavam na fala masculina e o que variava era a frequência do uso. O dado interessante foi que dois fatores estavam associados à infrequência do uso da fala tida como feminina: o alto status social (formação educacional, bagagem profissional, etc) e o status “esperado”, permitido numa sessão de corte judicial no papel de testemunha, ou seja, uma linguagem forjada, artificial, mas que cabia no protocolo da situação. Ora, se nos julgamentos da corte judicial, as mulheres estavam se expressando de uma forma “estranhamente não feminina”, uma vez que estavam imbuídas de certo poder e respeito, era porque a situação assim o permitia, pois os fatos deveriam ser analisados sob o crivo social da situação em que eles foram produzidos.

Ao descrever os estudos sobre as diferenças da fala feminina, minha atenção voltou-se para a presença do poder (qualquer que seja ele) na manifestação da língua pois, indubitavelmente, as pessoas são instruídas para um bom desempenho, socialmente falando, quer dizer, como agir, como se expressar, como se sentir em situações específicas socialmente institucionalizadas. Estes mesmos propósitos irão determinar ou, ainda pior, impor as diferenças entre macho e fêmea desde que os bebês nascem. *“A língua é essencialmente desprovida de poder por si só. São as pessoas que têm o poder de usá-la de várias maneiras. São as pessoas que dão forma e julgamento ao discurso”* (Corson, 1996:4). Esse poder, mais do que um privilégio individual, é na verdade uma rede de relações constantemente em tensão e sempre presente. Mais do que ser possuído por indivíduos isolados, o poder é exercido principalmente através da produção, acúmulo e funcionamento de vários discursos. No entanto, os primeiros lingüistas trataram as diferenças entre o discurso feminino e masculino como algo inevitável e que por isso, as pessoas deveriam ser menos inflexíveis. Contudo, as relações de dominação sempre se mostraram pelo domínio de uma língua sobre outra, ou de status que estilos lingüísticos impõem entre as classes sociais.

“(...) A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (...)” (Bourdieu, 1999: 17).

Os teóricos pressupõem que a língua é feita pelo homem, este tem o controle dos significados, deixando a realidade feminina, manifesta na fala, muitas vezes inarticulada (Ardener, Kramarae, Spender, apud Crawford, 1995:7). Os pesquisadores estudaram como a comunicação verbal e não verbal pode expressar e manter o caráter de domínio masculino em investigações que tiveram importância no estudo das relações de dominação entre os gêneros (cf. Henley, 1977; Thorne and Henley, 1975; Thorne et al., 1983; Zimmerman and West, 1975 apud Crawford, 1995:7). Porém, as explicações dadas para isso apresentam muito da explicação natural sobre a dualidade das pesquisas que trabalharam com as diferenças sexuais: o homem usa a fala para dominar e a mulher é por ela dominada.

Cameron (1985) explicita o dilema: será que as mulheres não têm o controle da fala por não terem o poder social ou as mesmas precisam ter o controle da língua para conquistar o poder social? (Cameron apud Crawford, 1995:7) Uma evidência a esse respeito é que quando mulheres em boa posição profissional falam com homens que não são profissionais da mesma área, quer dizer, seus colegas, elas parecem menos dominantes e menos “no controle” do que eles. Isso nos mostra que, mesmo com o poder social, há uma tendência para que as mulheres mantenham uma atitude inferior, atitude dentro das expectativas da “feminilidade” (há um controle da parte delas sobre o que se espera). Note-se a complexidade para a qual esse dado aponta, pois mesmo quando as mulheres têm o controle da situação, elas cumprem as expectativas a partir da avaliação do que é esperado, ou seja, da conduta socialmente apropriada. Isso é indicativo que os dominados desenvolvem estratégias para se movimentar dentro da dominação. Em conversas com os homens, as mulheres têm plena consciência da opressão discursiva que indica muito mais do que apenas diferenças lingüísticas - mais do que isso, o que se reflete são valores convencionais relativos ao comportamento apropriado da mulher que são incorporados pelos membros da sociedade atualizando a dominação masculina para além da consciência ou vontade individual.

2.3.2 Capital lingüístico

Todavia, se por um lado temos a língua como uma manifestação cultural de um grupo expressando uma determinada sociabilidade, por outro, teremos aquilo que Bourdieu chamará de *fabricação daquilo que para os lingüistas é visto como um dado natural - a língua* (Bourdieu,1996:37). Contrariamente à competência chomskiana⁴, o *habitus* lingüístico não é um conjunto de discursos mas, sim, uma produção de discursos ajustados a diferentes situações (Bourdieu,1980:95). O autor irá substituir a noção de competência pela noção de capital lingüístico como fator responsável nas relações de dominação; a posse desse capital resultará em maiores ou menores lucros lingüísticos e simbólicos: a comunicação, interação entre as pessoas, é uma espécie de micro-mercado dominado por estruturas globais. Isso significa que, em qualquer contexto, os aspectos da estrutura social interagem com o comportamento social dos indivíduos de forma a dar ou subtrair tons de significado ou sentido, de modo que *o que é dito*, e a maneira *como é dito*, é altamente influenciado por fatores externos aos indivíduos.

Uma competência só tem valor quando há mercado para ela, fato válido também para o domínio das línguas, contradizendo os lingüistas que atribuem à linguagem a função óbvia da comunicação; estes esquecem que há a situação na qual a função comunicativa da língua não está presente, sem que esta deixe de ser social ou real - são estas as situações em que a língua fala sem comunicar, nas quais predominam as *relações de força lingüística*. Um exemplo disto é a *missa*- o locutor autorizado tem uma tal autoridade, com a instituição do seu lado junto com o espaço social, que pode falar sem dizer nada pois mesmo assim estará falando. Os efeitos simbólicos da língua só serão entendidos se for levado em conta o fato de que *a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas* (Bourdieu, 1996:28). Não há nada que não se possa dizer e pode-se dizer o nada. Bourdieu denomina *decolagem semântica* o fato de que as palavras podem ter um sentido sem remeter a coisa alguma, pode-se enunciar tudo na língua, isto é, nos limites da gramaticalidade.

⁴ A teoria de Chomsky se ampara na assertiva de que o homem é lingüisticamente competente, como um “depósito” de um tesouro que é propriedade indivisa de todo o grupo. (N. Chomsky, *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, M.I.T. Press, 1965) apud Bourdieu, 1996:28.

Se pensarmos no papel organizador da língua estrangeira, teremos um exemplo da relação de força lingüística: a escravização cultural que estabeleceu associações de *poder*, de *força*, de *santidade*, de *verdade* (Bakhtin, 1979:87). Por seu papel ideológico a língua estrangeira passou a ser objeto privilegiado de reflexão lingüística.

Outro exemplo desse papel foram, e ainda são, os discursos religiosos e políticos que tiraram partido do fato de que a língua pode produzir discursos formalmente corretos, mas semanticamente vazios; através de uma competência técnica se exerce uma competência social, aquela do locutor legítimo, que tem a autoridade para falar. A língua por causa da sua infinita capacidade geradora é com certeza *o suporte por excelência de sonho do poder absoluto* (Bourdieu,1996).

Torna-se necessário aqui mencionar o fato de que tanto no capital econômico como no capital lingüístico há monopólios, relações de força que fazem com que as pessoas (produtores lingüísticos) não produzam as mesmas palavras. Apesar de uma língua ser um conjunto do mercado lingüístico, certos produtores e seus produtos serão privilegiados. (...) *“O indivíduo recebe da comunidade lingüística um sistema já constituído, e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua consciência individual. O ato individual de emissão de todo e qualquer som só se torna ato lingüístico na medida em que se ligue a um sistema lingüístico imutável (num determinado momento de sua história) e peremptório para o indivíduo.”*(...) (Bakhtin, 1979:64)

Em interações entre falantes de diferentes bagagens culturais, sociais ou de sexo, os mesmos fragmentos de discurso produzidos por diferentes indivíduos podem ter significados diferentes. De acordo com Corson (1993:1), o poder é exercido através de canais verbais: a língua é o veículo de identificação, manipulação e mudança de relações de poder entre as pessoas, *do homem sobre outro homem, e não sobre si mesmo*, segundo a definição elementar de Bobbio e Matteucci: o sujeito A exercerá influência sobre o sujeito B, ou seja, A exerce poder quando provoca intencionalmente o comportamento de B. *“o homem é não só o sujeito, mas também o objeto do Poder Social”* (Bobbio e Matteucci, 1995, pp.933-942).

O que Bourdieu nos esclarece é que a partir do momento em que se olhar as diferenças lingüísticas como resultado da relação de dominação, qualquer que seja ela - homem sobre

mulher, colonizador sobre colonizado, branco sobre negro, etc.,- poderemos entender porque há situações em que é a mulher a responsável pela modificação lingüística, pois estará atuando como detentora de um poder.

Em suma, a complexidade do campo da dominação abrange diversos aspectos pois esta não está num lugar só. São as instituições que irão determinar o que pensar, sentir, agir, portanto não será possível simplesmente generalizar. Nos estudos apresentados no início deste trabalho não havia a preocupação de se analisar as diferenças da fala sob a ótica do poder, muito embora ele estivesse presente. Os autores O'Barr & Atkins, descritos anteriormente, (Coates, 1986:117) identificam certas características encontradas na fala da mulher, como sendo típicas de pessoas sem status na sociedade, independente de serem homens ou mulheres. Segundo eles, essas peculiaridades formam a língua desprovida de poder. As variações sociais na fala de certos grupos estão associadas com a ascensão e queda das normas lingüísticas, as quais estão associadas com a língua de mais ou menos prestígio (Coates, 1986:136).

Os dialetologistas também contribuíram com ricas revelações envolvendo mudanças lingüísticas, pois lidam com as origens sociais da mesma permanência ou desaparecimento das línguas. Auguste Brun (1946), especialista da língua Provençal, compara-a com o Francês numa pequena comunidade. Ele observa que as pessoas mais velhas preferem o uso do Provençal, mas que as mulheres com menos de 45 anos usam preferencialmente o Francês, só usando o Provençal quando se dirigem aos mais idosos. Como mães, elas passam a língua francesa (e não a Provençal) para as crianças, tendo um papel importantíssimo na perda de uma língua e, ao mesmo tempo, na manutenção da outra. Outro exemplo vem de Pée (1946) na comunidade Flanders. Segundo ele, os mais velhos falam "patois" (variação de Flemish); as mulheres tiveram pouco contato com outras variedades lingüísticas por ficarem sempre no mesmo lugar, até a I Guerra Mundial. Esta trouxe melhoras no padrão de vida dos camponeses que enviaram suas filhas para colégios internos franceses. "Francisée, Francophile, Frenchified" foram então chamadas as garotas, que ao retornarem a suas casas, insistiram em falar Francês e pediram que o sermão da missa dominical passasse a ser nessa língua. Isto foi um claro indicativo de que as meninas foram responsáveis pelas mudanças na língua da comunidade.

Gauchat foi outro dialetologista que verificou na comunidade de Charmey na Suíça que as mulheres foram não só as que trouxeram inovações na pronúncia local, mas também as responsáveis por transmiti-las a seus filhos.

Também Labov, em seu livro *"The Role of Women"* (1972), defendia a idéia da mulher como responsável pelas inovações lingüísticas (Coates, 1986:139), quando de sua investigação na cidade de New York. Em Vineyard, ilha na costa de Massachussets, ele fez um estudo interessante: dentre 69 informantes da população local, ele percebeu que os pescadores entre 31 e 45 anos de idade produziam ditongos (variantes) centralizados na pronúncia, o que os distinguiu dos veranistas. Esses ditongos centralizados eram traços antigos da fala dos pescadores que então, na época dos estudos de Labov, voltavam a estar presentes; esse uso conservador de sons da língua, mais e mais freqüente dentre os informantes locais, revelava uma atitude solidária das pessoas contra os visitantes veranistas, como se fosse a posse de um código simbólico do local para expressar rejeição à invasão dos turistas.

Da mesma forma Romaine, nos seus estudos em Edinburgh, concluiu que os homens da classe trabalhadora iniciaram o uso do som /θ/ com a perda do /r/ pós-vocálico, e as mulheres dessa mesma classe introduziram o som /r/ que sempre fora uma característica da classe média da Escócia. Nos estudos de Trudgill em Norwich, as mulheres da classe trabalhadora se adaptam às velhas formas do vernáculo, enquanto que os homens da classe trabalhadora inovam com uma nova forma do mesmo. Milroy, nos seus estudos em Belfast, mostra que, porque o desemprego masculino traz mudanças sociais, levando as mulheres para o trabalho fora de casa, elas também começam a trazer inovações lingüísticas.

Segundo Coates (1986:147), a contradição entre os estudos exige que se faça uma distinção entre a mudança consciente da inconsciente; as mulheres parecem introduzir mudanças com vistas a normas de prestígio (consciente); os homens trazem mudanças que se distanciam das normas aceitas (inconsciente).

Algumas mudanças sem dúvida foram introduzidas pelas mulheres, acrescidas do papel de transmissora da língua aos filhos; mas quando foram os homens os inovadores, terá sido como pais que transmitiram as mudanças? A resposta é não. Sabe-se que se imita mais o

grupo com quem se quer identificar, do que se imita os pais. Essa identificação surge pela necessidade social de se alcançar reconhecimento e sucesso:

- as pessoas imitarão algo que permite a ascensão social,
- as pessoas imitarão o que o grupo aceita - o comportamento passa pelo crivo do que a comunidade considera como certo ou errado,
- as pessoas se curvarão às pressões sociais.

Na verdade os estudiosos estavam se deparando com resultados que ora apontavam o homem, ora a mulher como responsável por mudanças ou pela manutenção de aspectos das línguas, porque o fator determinante dessas transformações era simplesmente a posse de um capital - o lingüístico.

Nas relações de dominação refletidas nas diferenças entre a fala do homem e da mulher fica patente que a cultura comum sempre atribuiu à mulher papéis definidos de esposa e mãe com as responsabilidades domésticas como vitais para a sua realização pessoal. Na medida em que esse cenário foi mudando, ou seja, na medida em que as mulheres passaram a ter outras necessidades, suas realizações tiveram que passar pelo crivo do reconhecimento das novas funções, conquistando a duras penas.

Ao mesmo tempo, as conseqüências dessas mudanças nos homens, ou melhor, nas suas atribuições vieram ganhando novas ou diferentes dimensões. Como o relacionamento entre homens e mulheres mudou, mudou também a escala de valores do homem e da sociedade em geral, afetando as relações em todas as esferas. Inevitavelmente os fatores que direcionaram essas relações se refletiram nas mudanças da língua e/ ou sua manutenção. O que quero dizer é que o determinante das mudanças foi algo maior que a diferença entre os sexos. Por trás disso, existe o poder que conduzirá o comportamento lingüístico dentro de uma língua ou de uma língua para outra.

Ao expor as pesquisas no campo das condutas lingüísticas, pretendi chamar a atenção para o fato de que as relações de dominação sempre estiveram presentes na manifestação da língua. Primeiramente, os estudos que analisaram as diferenças entre a fala do homem e a fala da mulher concluíam que esta, por sua subordinação, apresentava uma comportamento lingüístico feminino, fazendo jus ao que se esperava, pois o homem era a norma, o exemplo, além de ter o acesso privilegiado aos saberes institucionalizados, o qual era negado à

mulher. Quando, mais tarde, as mudanças passaram a ser bem recebidas, estas foram então atribuídas ao homem pois, as mulheres na custódia da esfera doméstica eram consideradas conservadoras.

Contudo esse quadro iria ser novamente alterado quando, mais recentemente, a mulher foi acolhida pelo mercado de trabalho. Este campo que era, até então, de exclusividade masculina permitiria o acesso das mulheres, as quais já tinham conquistado também o acesso à educação. A grande transformação ocorrida gerou uma análise mais profunda das diferenças lingüísticas para mostrar a complexidade do fenômeno que se constitui, na verdade, na inter-relação entre variados aspectos e dimensões das experiências.

2.4 Bilingüismo

O levantamento sobre as pesquisas da fala feminina auxiliaram-me na minha análise, porém ao mesmo tempo em que encaminhei minhas conclusões para a posse de um capital lingüístico, paralelamente amparei-me no bilingüismo, pois era a situação das mulheres da minha pesquisa e o que permitiu a idéia inicial da pesquisa. É necessário esclarecer, entretanto, que não encaminhei esta pesquisa para o estudo dos vários aspectos do bilingüismo, visto que mais do que o contato entre as línguas, o que suscitou meu interesse foram as oportunidades que o uso de uma língua ou outra trouxeram para minhas entrevistadas. Ao contrário do imenso volume de trabalho sobre língua e gênero em uma única língua, nas abordagens bilíngües, a situação da mulher é pouco documentada (Burton, 1992:1). O que ocorre é que os estudos sobre bilingüismo, por exemplo de Hamers & Blanc (1989) ou de Beardsmore (1982), tratam do assunto de maneira geral como se homens e mulheres fossem afetados pela segunda língua do mesmo modo - os estudos se aprofundam nas várias tipologias que abordam o grau de bilingüismo que um falante pode atingir; ora, sabemos que o comportamento lingüístico da mulher difere do do homem e, portanto, o contato com outra língua em situações diferentes terá diferentes conseqüências.

A maioria dos casos bilíngües é caracterizada por apresentar uma língua dominando outra, pelo status social que se lhe defere, pelo prestígio econômico de uma classe ou etnia que a possui. Porém, há o caso de haver o contato com uma língua de menor importância, mas que terá grande influência no uso da própria língua para transmissão aos descendentes. É o

caso de famílias que migram e têm, por força das circunstâncias, o contato total com a língua a ser adotada (do país para onde emigraram). Sem querer desmerecer a necessidade dessa assimilação, que é de extrema importância na sobrevivência e no entrosamento da cultura, há que se considerar que a língua de origem deixará de ser usada nas situações cotidianas (trabalho, compras, escola), perdendo o caráter utilitário e, com dificuldade, será transmitida às gerações vivendo no país adotado, pelo distanciamento que elas passam a ter da língua nativa de seus pais.

Há inúmeras definições de bilingüismo, como aponta Beardsmore (1986:1), pois muito se discute se é bilíngüe quem:

-domina duas línguas,

-domina qualquer número de línguas - pelo menos duas alternadamente- (Mackey),

-domina três ou mais línguas, se aplicando o termo multilingualismo. (Weinreich, 1953:5; Bloomfield, apud Beardsmore, 1986:1).

Beardsmore questiona essas definições, uma vez que a habilidade não tem, necessariamente, que ser nas diversas línguas. O autor aponta várias contradições na definição do que é ser bilíngüe, e denomina bilíngüe natural “ *aquele que aprende duas línguas por força das circunstâncias, em casa como criança ou mudança para uma comunidade onde ele/ela vai ter que trabalhar com mais que uma língua, mas onde não houve sistemática instrução das línguas* (Beardsmore, 1986:8). Como, dentro da minha pesquisa, essa definição não englobaria as mulheres das duas instituições por razões diferentes na aquisição da segunda língua, evitarei usar essas denominações tratando-as apenas de mulheres bilíngües de forma geral.

Beardsmore ainda critica a posição da lingüística que estabelece o domínio de estruturas e não o uso da língua, para que se possa ser chamado bilíngüe (Beardsmore,1986:3). Segundo ele, o estudo do bilingüismo não pode se ater simplesmente ao domínio das estruturas; há muito que se observar no comportamento da fala, não se restringindo às línguas envolvidas, mas ao que está por trás desse contato - o multiculturalismo pois, nas sociedades multiculturais, pressupõe-se a coexistência de direitos iguais a todos. Isso garante a cada cidadão, que traz consigo uma herança cultural, a oportunidade de viver dentro de uma cultura diferente e proporcionar a seus filhos que vivam sem sofrer discriminação por causa

do contato das culturas. Nestas sociedades, surgem muitas vezes movimentos de liberação que não são uniformes. Os motivos podem ir desde as minorias endógenas tentando tornar-se conscientes de sua própria identidade até novas minorias que surgem com a imigração. É neste aspecto que pretendo enfocar meus estudos. Há de se considerar outras subcategorias nessas minorias:

- a de que o país que vai recebê-las poderá ou não ser do tipo de país aberto à imigração.
- a de que o país receptor tenha grandes diferenças étnicas, raciais ou religiosas, etc. com o país de origem dos imigrantes.

Na verdade quando um movimento de adaptação exige uma acolhida mais receptiva é indicativo da existência de grandes e insuperáveis conflitos entre as culturas. A vantagem destes conflitos é que, como há uma mobilização em massa para que se façam valer os direitos, a articulação da nova identidade é mais eficazmente aceita. Quando se dá o oposto, quer dizer, uma aceitação passiva de novas minorias (isto não desassocia estes conflitos de lutas, sacrifícios e violência), há uma assimilação pacífica por parte do imigrante e, simultaneamente, uma aceitação favorável por parte da comunidade escolhida; há uma dispersão maior das minorias, mesmo porque o pacifismo da situação não demanda que se unam para garantir sua estabilidade social. Se isso traz tranquilidade pois diminui a hostilidade, enfraquece o reconhecimento da identidade. Ela passa despercebida. A assimilação da nova cultura não implica em esquecimento das origens, porém esse novo horizonte ético-político permeará a vida dos cidadãos na busca do auto-entendimento. Ao analisar a situação de línguas em contato “*as pessoas bilingües podem ser distinguidas em termos de sua identidade cultural*” (Hamers & Blanc, 1989:11), o que não significará definitivamente que os bilingües sejam *deculturados* ou *aculturados* aleatoriamente, fazendo minhas as palavras de Hamers & Blanc.

Segundo Bakhtin (1979:87), a palavra estrangeira orientou os estudos filológicos e lingüísticos, pelo papel histórico desempenhado no processo de formação de todas as civilizações da história, pois diferentemente da língua materna, ela carrega o componente de *sinalidade e reconhecimento*; a nova língua que se vem a conhecer no contato com outra comunidade causa estranhamento. É como se quisesse dizer que só quando conhecemos uma nova língua, nos damos conta de que a nossa língua é também estranha a outrem - em

outras palavras, “a língua ainda não se transformou em língua ” (Bakhtin, 1979:80). Foi através das línguas estrangeiras que se veiculou a civilização, a cultura, a religião, a política, transportando consigo estruturas que, muitas vezes, ao invés de influenciarem povos invadidos, reagiam ao contrário, ou seja, um povo invasor poderia apresentar na sua língua influências da língua do povo invadido. A diferença entre as línguas faladas da mulher e do homem nos países de duas línguas, onde geralmente o que acontece é que uma língua está tentando dominar a outra, é que os homens têm mais oportunidades de falar a língua dominante do que as mulheres. Isto ocorre pois são os homens que interagem profissionalmente, usando a língua dos negócios (inglês na maioria das vezes), enquanto as mulheres, por permanecerem em casa, não têm essa mesma chance.

Outro exemplo destes casos foi a análise de Hill que estudou as mulheres da região central do México (Malinche), as quais são discriminadas pelos homens como mexicanos pois estes as consideram sem competência no uso da língua Mexicana bem como no uso do Espanhol. A língua mexicana falada por elas é considerada “menos pura” do que a dos homens segundo o código masculino pois falta às mulheres o “power code” associado com a solidariedade mexicana masculina. No uso da língua Espanhola a crítica é que elas não conseguem alcançar o nível dos homens visto como superior (Hill, (apud Burton, 1992:5). Segundo a autora, o que ocorre é que essas mulheres sofrem de uma limitação de possibilidades, o que irá se refletir no seu discurso. Os homens, por seu lado, têm um amplo Código Lingüístico, por dominarem áreas nas quais as mulheres não conseguem entrar, por exemplo, emprego remunerado. Nos estudos das conquistas sexuais encontrados nos rituais de Quechua, o contato com a língua pode ser transformado em mito. No livro citado de Appel e Muysken (Burton, 1992:5), a narrativa da conquista do México por Cortez em 1532, pode ser mais do que um ato de bravura, crueldade ou traição. O mito da amante Malinche (das quais descendem as “discriminadas” bilíngües descritas por Hill), representou um papel crucial na vitória da batalha. De fato, muito se fala da associação metafórica entre a língua e o ato sexual: “*Eros and Language mesh at every point*” (Steine apud Burton, 1992:5). Há até o mito conhecido por “sleeping dictionary”, termo usado por Elizabeth Tonkin (Burton, 1992:5) sobre o estereótipo da mulher bilíngüe, vista como “sexual e linguisticamente promíscua”: os colonizadores deixavam suas esposas em casa e iam em

busca das mulheres das comunidades locais. Se, por um lado isso, é visto como um aspecto negativo atribuído às mulheres bilingües por se deitarem com os homens colonizadores, também pode ser visto como mérito, já que elas serviam de mediadoras culturais entre as comunidades de contato, no papel de escravas, babás ou concubinas. Apesar do valor étnico que essas mulheres tiveram, não eram bem vistas pelos colonizadores que as consideravam promíscuas e preguiçosas mas sexualmente atraentes.

Na verdade, se nos remetermos aos primórdios dos tempos da colonização, numa visão geral sobre as culturas, as mulheres locais não tinham acesso à educação formal, que era reservado aos garotos por prestarem serviço ao regime colonial. Por exemplo, foram banidas escolas de inglês para as mulheres locais em Hong Kong (sec.XIX), como desculpa dos efeitos corruptos de uma educação em duas línguas - a experiência de se educar as mulheres chinesas em Inglês mostrou-se um erro e, logo, esta idéia foi abandonada, pois muitas delas se tornaram amantes dos homens Europeus (Endacott apud Burton, 1992:7).

Por isso, o bilingüismo pode ser considerado como uma “desvantagem social”, fazendo minhas as palavras de Burton (1992:4). Isso se explica pelo fato de que são as minorias desfavorecidas de certa forma, por exemplo, os imigrantes, que têm que aprender outra língua que não a sua própria para que sobrevivam, fazendo com que o bilingüismo pareça, portanto, uma característica dos desafortunados perante os detentores de uma língua de acesso a benefícios econômicos. Haugen diz que ser bilingüe é *eufemismo da condição de deficiência lingüística* (Burton, 1992:4) portanto, dentro dessa perspectiva, os bilingües serão considerados usuários incapazes de mais de uma língua, até mesmo a própria. Mas Burton questiona: será bilingüismo a possibilidade de se *usar mais de uma língua como parte de um repertório lingüístico?* (Burton, 1992:3)

Na verdade dentro desse repertório há uma hierarquia entre as línguas e o bilingüe fará uso da língua que tenha mais vantagens sobre a outra. Na situação de se possuir apenas uma língua, para aqueles que são nativos de um idioma detentor do poder, isto passa a ser um atributo de dominação e, até, uma norma humana (Burton, 1992:4). Quase não há a necessidade de se aprender a língua das minorias para os possuidores de uma língua dominante. As pessoas bilingües detentoras de capital lingüístico se dedicam de tal forma à preservação de suas línguas que, embora seus descendentes nasçam fatalmente no país

adotado, estes freqüentemente identificam como primeira língua, a língua dos pais. Serão nativos da língua dos pais, não do país onde nasceram. Cria-se assim uma situação bizarra com duas grandes indagações: esses indivíduos, considerados bilíngües, terão aprendido a língua do país, fato que os torna bilíngües, como “segunda” ou como “nativa”? Por exemplo, quando os pais são de origem britânica, os filhos nascidos no Brasil adotam essa postura. Ou melhor: terão “escolhido” qual a língua que querem que se lhes atribua como nativa ou sofrerão o processo natural de adoção da nova língua, “fraca” em termos de prestígio perante a língua dos pais, mas que é de fato a língua natal? Claro que isto raramente acontece pois, se os pais dominam uma língua de prestígio, os descendentes tentarão adotá-la como língua nativa. O fato é que o domínio desta língua proporciona uma melhor inserção social pelas oportunidades econômicas que ela irá favorecer.

Bourdieu estabelece a influência do poder econômico sobre a língua com a comparação entre o mercado e os produtos lingüísticos: os detentores de uma certa competência lingüística defendem seus produtos lingüísticos como prova de seu valor (Bourdieu, 1980:98). Nesse caso, a competência só *passa a ter valor quando há mercado para ela, contradizendo Chomsky*⁵.

Um outro exemplo dessa influência seria a situação dos Bascos na França; lá o serviço militar, a escola e as relações de negócios no dia a dia (circunstâncias que recaem sobre os homens) favorecem o idioma francês e contribuem para a extinção do basco; nas famílias, as mães falam o Basco e os pais demonstram claramente seu grau de dificuldade em entender este idioma e não permitem que os filhos o aprendam (Jespersen apud Cameron, 1990:205). Tomemos a definição da língua: “*Língua: A língua é mais do que um simples instrumento de comunicação: ela é “a forma de conhecimento que crea (ortografia original) as condições do conhecimento daquilo que se expressa e comunica, ela é a base sobre a qual se torna possível o entendimento, nesta forma, entre os homens”* . Isso implica que “*o indivíduo e, da mesma forma, grupos maiores são determinados em suas atitudes e condições existenciais pela participação da língua*” (Baldus & Willems, 1939:142). Percebemos assim que o código lingüístico em si não terá utilidade se não for de uso comum

⁵ Segundo Chomsky, a competência é “conhecimento da gramática”.

na comunicação das relações sociais. Isso quer dizer que a língua determina a integração e coesão dos grupos ou comunidades, cujo funcionamento dependerá, a princípio, da utilização que se fará da língua, da mesma maneira que se faz de um produto num mercado. Esse mercado sofre as mesmas pressões de mercados econômicos pois traz consigo relações de força, pois nem todos os produtores de produtos lingüísticos serão iguais. Bourdieu cita o exemplo do prefeito de Pau, que usou o idioma *bearnês* quando homenageava um poeta dessa nacionalidade, o que comoveu os ouvintes. Se o prefeito bearnês se dirige às pessoas da região na língua de origem deles e isso os comove, é porque há uma relação de força lingüística entre o francês e o bearnês e se o francês não fosse a língua dominante, em situações oficiais, em instituições, o fato de falar o bearnês não teria efeito nenhum. (...) *Enquanto produto da dominação política incessantemente reproduzida por instituições capazes de impor o reconhecimento universal da língua dominante, a interação numa mesma "comunidade lingüística" constitui a condição da instauração de relações de dominação lingüística (...)* (Bourdieu, 1996:32).

Portanto, acima das diferenças lingüísticas entre o homem e a mulher, acima da influência do pai sobre a língua da mãe, as relações de força lingüísticas ultrapassam a interação entre duas pessoas - o que predomina é o domínio de uma língua (de uma pessoa) sobre outra (de outra pessoa). O domínio do prefeito bearnês se deve ao fato de ele ser um doutor e, portanto, torna-se comovente quando fala na língua do camponês, o qual, se se pusesse a falar, não teria efeito nenhum. Este até confessa "não saber falar"- a sua competência que é real passa a ser ilegítima, pois é medida através de uma *norma*; neste caso a norma é o francês parisiense. O poder de um capital lingüístico sobre o outro é o que determinará a manutenção ou perda das línguas.

Lakoff, em seus estudos, sugeria que no caso de famílias bilíngües, seria a mulher a pessoa que deveria dominar as duas línguas: a sua e a língua "neutra" (língua do homem). A norma estabelecida neste caso é a língua do marido, do homem. Os fatores extra lingüísticos influenciam o modo como a língua será valorizada e usada. Os usuários da língua deverão adaptar-se aos comportamentos verbais dominantes dentro do ambiente social. No caso dos bilíngües, o grupo da língua não dominante sofrerá a coerção do grupo dominador através

da língua imposta, muitas vezes sem consciência ou dizendo-se “voluntariamente coagido” (Corson, 1993:6).

A introdução de uma língua estrangeira dominante sempre colocou a mulher em desvantagem em relação ao homem - quando a língua era/é imposta, as pessoas do local precisavam/precisam aprendê-la para ter acesso ao domínio econômico e político - isto sempre favoreceu os homens e eles se tornavam bilíngües primeiramente. Os dominadores, por sua vez, sempre escolheram os homens para seus representantes. Em algumas partes do México e Guatemala, esta reprodução da autoridade masculina manteve as mulheres e garotas afastadas da língua do poder e isso inibiu o desenvolvimento do bilingüismo entre as minorias nativas.

A verdade é que o bilingüismo entre os seres humanos corresponde a raras possessões, geralmente conquistadas pelos membros de minorias culturais em sociedades onde são forçados a se vestir de uma cultura dominante que traz consigo uma nova língua para estas minorias. As duas línguas vão interagir e, portanto, interferir uma na outra ou, sobrepor-se uma à outra, para que se possa atingir uma comunicação. Nas situações em que o bilingüismo é imposto por ter que se adotar uma nova cidadania, mais do que vantagens, o bilingüismo traz frustrações e limitações, pelo impedimento de se comunicar propriamente. Claro que isto afetará a identidade das pessoas atingidas por tais dificuldades, uma vez que para sobreviver no país adotado, tem que se dominar a língua, a fim de que se possa levar vidas toleráveis. Ou seja, dentro do que Bourdieu chama de mercado lingüístico onde portanto haverá a formação de preços, deve-se lembrar que o valor de uma competência particular depende do mercado particular onde ela será exposta: no caso da mulher bilíngüe, o valor do seu produto lingüístico dependerá do estado das relações que constituem o contexto, o qual definirá o valor atribuído ao produto lingüístico que ela oferece (sua língua).

De fato, todos os fatores que determinam a manutenção da língua do homem ou da mulher dentro de uma família contribuem grandemente para a situação na qual a língua desta última irá sempre representar a língua inferior, desnecessária, desprovida de poder e que , portanto, não compensa aprender, se esta língua não for dominante no mercado econômico. A língua

então tida como “inferior”, nesta situação, sofre duas “dominações”: a que vem da figura paterna e a que vem do mercado lingüístico.

Dentro deste trabalho o bilingüismo se manifestou de forma oposta entre as mulheres alemãs e as inglesas, pois os aspectos de aquisição da língua portuguesa foram diferentes: primeiramente na situação de mulheres que vieram acompanhar seus maridos geralmente na fuga da guerra (o caso das alemãs) e que se viram obrigadas a dominar uma língua até então sem importância na vida dessas mulheres. Em outro caso, por ser a língua dos pais a de capital lingüístico (o caso das inglesas) as mulheres paralelamente dominaram a língua portuguesa e a dos pais. Nesta situação, deverão se analisar *as forças lingüísticas presentes na comunidade, o inter-relacionamento entre as duas línguas, o grau de relação entre as forças políticas, econômicas, sociais, educativas e culturais e a língua* (Beardsmore, B. 1986:4).

Dentro da polêmica sobre a definição de bilingüismo, resta a contradição ao se considerar o bilingüe ora privilegiado, ora desafortunado, segundo os autores citados. Ela, por certo, suscita a seguinte indagação: não dependeria, então, a razão do privilégio ou infortúnio, da língua que se possui?

A resposta é afirmativa e forma a hipótese deste estudo que buscou relatar, nesta primeira parte, certos desenvolvimentos conceituais fundamentais que tornam possível a construção de seu problema de investigação. Em especial, a superação da idéia da língua como um sistema estático de normas e a correlata tendência a interpretar a fala feminina em termos de desvio em relação a uma norma definida pelas práticas lingüísticas masculinas. De fato, quando a pesquisa sócio-lingüística alcança o entendimento de que é o poder - e não o sexo - que condiciona as diferenças lingüísticas, então é possível investigar as diferenças de poder entre as mulheres, explorando as diferentes experiências sociais que certa posse lingüística permite ou impede. É o que farei na segunda parte deste trabalho.

3. PARTE II - LÍNGUA, GÊNERO E DOMINAÇÃO

Sendo a hipótese deste trabalho o tema da dominação marcadamente presente nos comportamentos linguísticos, descrevo a partir deste ponto, os dados empíricos que me levaram a tais considerações. Tendo direcionado esta dissertação para a situação das mulheres idosas bilíngües, decidi procurar dois grupos que, ao mesmo tempo que falassem línguas diferentes apresentassem características similares, que, no caso foram de lugar e idade. Não teria sido difícil encontrar casas para idosos já que, hoje em dia, há uma grande demanda para o aparecimento dessas instituições.

Faço um parênteses aqui para dar as explicações a esse fato. Atualmente, o envelhecimento populacional desencadeou um grande interesse na sociedade pelas pessoas da terceira idade, seja pelo ângulo social ou pelo econômico, por se tornar um grande filão para o mercado, tanto mais quanto mais alta for a classe social a que pertencem os idosos. Como resultado, evita-se falar em asilo pela associação que esta palavra tem com “depósito de velhos” ou “Sala de Espera”, (Debert, 1999:99). Ao invés disso, prefere-se nomear essas instituições como “Casa de Repouso para Idosos”, “Congregate Housings”, “Casa da Melhor Idade”, etc., o que muda totalmente a conotação, associando-se a idade avançada a atividades prazerosas, dignas e ao bem estar que as instituições pretendem oferecer.

Como o meu objetivo era encontrar mulheres bilíngües, a busca foi ainda mais direcionada. Através de uma aluna da Universidade de São Paulo e de uma colega de trabalho obtive informação sobre duas instituições, respectivamente a alemã e a inglesa sediadas na capital. Em face do evidente contraste do favorecimento de uma língua comparada com a outra, me permito designar “dominante” a língua inglesa e “dominada” a língua alemã.

Dentro dos grupos, a diferença na aquisição da segunda língua foi igualmente significativo; se por um lado, as inglesas foram estimuladas a adquirir a língua do país em que viveriam, sem contudo, abandonar seu idioma, pelo contrário, praticando-o sempre com a família, as alemãs não receberam este incentivo; para estas, a aquisição da Língua Portuguesa foi de certa forma, uma imposição da situação - acompanhar os maridos numa nova (porém não voluntária), experiência profissional- enquanto que o seu idioma (alemão) foi aos poucos se tornando de pouca serventia no dia a dia da comunidade em que passaram a viver e

compartilhar com a família. Esta situação é tratada por Bourdieu como resultado de um capital linguístico que uma das línguas possui (inglesa) enquanto que a outra (alemã), não. Dois dos aspectos abordados nesta pesquisa- gênero e idade- colocam as mulheres numa situação de “dupla vulnerabilidade” (Debert, 1999:140). A explicação é que, sendo as mulheres valorizadas pelo papel reprodutivo, pelo zelo com o lar e crianças, terão o desprezo marcando essa etapa em suas vidas: os filhos crescem, saem de casa e não mais precisam dos cuidados da mãe; por isso, o lar exige muito menos dedicação doméstica. A velhice terá para essas mulheres o significado de inutilidade comparada à vida madura marcada pela utilidade. As mulheres alemãs que pesquisei se encaixam neste perfil. Aponto isso no trecho de uma das entrevistas abaixo descrita em que uma senhora alemã, ao ser perguntada sobre festas, revelou a idéia de lar ao se referir à sua casa como seu lugar, não a instituição. **(Nas descrições da pesquisa intercalo as entrevistas que aparecem em itálico e letra reduzida; refiro-me às mulheres inglesas bem como às alemãs por nomes fictícios)⁶.**

Diz a residente alemã:

Clau - Bem, aqui é português, mas na “minha casa” é meu, meu, né, quando falo com meu filho falo alemão, quando a “outro” família está “xjunto”, então tem que ser “a português”.

As inglesas, por seu lado, por não terem sido exclusivamente donas de casa pois saíram para o trabalho que sua língua lhes garantia, aceitam o isolamento dos estabelecimentos para idosos com muito mais naturalidade. Contudo, uma delas se revelou extremamente inconformada com a sua situação, como se o novo lugar onde se encontrava agora fosse realmente um deserto de solidão. Veja abaixo:

- How beautiful your miniatures! How many!! (falei isso ao ver vários bibelôs, uns em miniatura, outros não dentro de uma cristaleira de madeira escura, logo na entrada do quarto)

Edith - That's in what you are reduced when you move here...that's “your house” here,.... from everything you had in a house surrounding you...imagine..now... your house is a piece of furniture! Not fair! (ela assim

⁶ Para mais esclarecimento sobre o “lay-out” das entrevistas, verificar no item :Transcrição das Fitas, no fim deste trabalho.

falou sacudindo a cabeça em desaprovação enquanto caminhava com dificuldade para seu assento, pois mancava em uma perna. Ela pareceu-me muito inconformada)

3.1 Inserção

Farei aqui uma breve descrição das instituições como locais - o *“locus” do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias, (...) eles estudam nas aldeias”*(...) (Geertz, 1989:32). De fato, o que mais me interessava era o elemento humano que esses lugares acolhiam, o que acontecia neles e os aspectos reveladores que a comparação entre eles pôde mostrar.

O fato de eu estar trabalhando com a *velhice asilada*, como nomeia Debert (1999:100), o que difere da velhice não pertencente a instituições, representou um aspecto marcante na minha pesquisa. Nos dias de hoje, o confinamento para uma casa de repouso é visto de uma maneira menos negativa do que há algum tempo atrás, haja vista a grande demanda para o aparecimento das instituições para a velhice e, segundo as explicações dadas pela autora acima, *“mudanças estruturais nas sociedades modernas alteraram a situação dos velhos: a urbanização, a família nuclear e a entrada das mulheres no mercado de trabalho com a conseqüente impossibilidade de dedicação efetiva aos velhos por parte delas”* (Debert, 1999:103).

Ora, se as mulheres, de um modo geral, foram por muitas gerações as responsáveis por outras mulheres - mãe e/ou sogra - na velhice, a situação agora é outra. A suposta “cuidadora” dessas senhoras está atuando no mercado de trabalho e, portanto, não pode lhes prestar cuidados. Também não se prestarão a isso os homens, pois numa sociedade predominantemente masculina, não serão eles que se ocuparão de pai e/ou sogro. O que nos leva a concluir que serão as mulheres as responsáveis ou mesmo “culpadas” por mulheres próximas às suas vidas se encontrarem em asilos.

Debert (1999:100), ao trabalhar com a velhice asilada, define duas orientações como forma de tratamento aos idosos: uma transforma o *“idoso em historiador legítimo e imprescindível do passado”* fazendo minhas as palavras da autora, porque leva em conta que o velho é um depositário de sabedoria que os anos vividos lhe proporciona; nesta orientação se valoriza a história que o velho conta através de sua memória, um bem de valor. A outra orientação

utiliza-se de técnicas psicodramáticas para dissociar a negatividade da solidão e desprezo encontrada nesses grupos cujos destinos estão ligados pela idade cronológica. Foi com o primeiro tipo que me deparei para adquirir os dados desta pesquisa. Talvez devido a uma espécie de segregação étnica, as instituições onde realizei a pesquisa tinham o objetivo de oferecer dignidade aos velhos. Como disse Debert: “(...) *mas a tendência, de uma maneira geral, é ver a etnicidade como um elemento que transforma a velhice numa experiência bem sucedida, ou pelo menos num fator mitigador das dificuldades enfrentadas pelos idosos. A etnicidade teria vantagens por razões diversas. É um fator que congrega idosos com a mesma identidade étnica e/ ou religiosa, pois oferece uma rede de relações e associações formais e informais independente das relações familiares (...)*” (Debert, 1999:91). Na coleta de dados, pude constatar que os dois grupos eram privilegiados, diferenciados de outros, normalmente nas situações precárias que caracterizam os asilos.

A casa alemã, que teve início há 135 anos atrás no lugar onde havia a fazenda de um alemão, situa-se na Rodovia Raposo Tavares, km 12, Butantã. A instituição particular, a princípio, recolhia somente alemães, mas hoje em dia, é aberta a homens e mulheres de quaisquer nacionalidades acima de 75 anos (a razão desta mudança de atitude não me foi explicada). Dentre os residentes, a maioria é de mulheres. Aliás, esta informação é generalizada porque, como são os homens que morrem mais cedo, as famílias se desfazem e algumas viúvas se deslocam para esses estabelecimentos (esse quadro está se revertendo hoje em dia, pela vida estressante da mulher moderna, porém não era característica dos grupos do meu estudo).

A instituição reconhece diferentes religiões como Católica, Evangélica, Batista, Adventista. As moradias estão situadas em um vasto terreno onde existem dependências de vários tipos: as casinhas individuais e os apartamentos compartilhados por mais de um/uma residente. As pequeninas casinhas contam com uma diminuta área de serviço, salinha e quarto. Variando de casa para casa, as janelas possuem floreiras o que dá um aspecto europeu ao local. Essas moradias, onde moram 210 pessoas, são distribuídas em pequenas ruas por onde possa circular a perua que transporta alimentos, remédios, etc. O estilo de construção das casas é, predominantemente, europeu com telhados bem inclinados, próprio de lugares onde neva; também há a preocupação com a qualidade de vida que o lugar possa oferecer- existem árvores, pássaros e um lago com chafariz em volta do qual os residentes passeiam durante o

dia. Outro espaço social é a biblioteca com mobiliário clássico tendo, entre os materiais disponíveis, publicações em alemão, inglês e português; para os idosos que necessitam de cuidados médicos, o lugar oferece um amplo hospital (assim o chamam) que também é usado pelos dentistas.

- Aqui é uma casinha p'ra cada pessoa?

Clau -Deixo explicar p'ra você como que é: nas casinhas moram casais e também mora uma pessoa. E depois tem quarto duplo e tem quarto individual. Eu moro em quarto duplo com um amiga minha 6 anos. Escuta, (se dirigindo às outras), como que chama "....." (palavra em alemão) em português?

A nna- Sociedade.

Berta - Asilo.

Clau - Não, asilo, não! Sociedade Beneficente Alemão. Esse é inteiro, porque eu não moro num pavimento só, como ela, eu moro numa casa que tem 14 quartos.

Anna - Casinha.

Berta - A senhora mora num apartamento.

Clau -É melhor dizer apartamento.

Berta - Não! Não é melhor, é o certo!

A casa inglesa, localizada no Bairro Jardim Prudência, próximo ao Aeroporto de Congonhas, SP, oferece uma infra-estrutura completa aos seus residentes (20 ao todo) que, por determinação interna, devem pertencer à Comunidade Britânica que financia a entidade (na época da pesquisa fui informada de que, em breve, estariam de mudança para uma amplo espaço próximo à Cidade Universitária).

As moradias são iguais e individuais - quartos para onde os residentes trazem algumas peças de mobília e pertences. As áreas comuns como o "lounge", a biblioteca e a sala de refeições seguem o padrão inglês na sobriedade e requinte. As áreas de apoio (enfermaria, lavanderia e escritório) são modernamente equipadas. A instituição não possui hospital, porém faz uso do Hospital Samaritano em caso de necessidade. Há um pequeno jardim onde os residentes passam algum tempo entre as refeições sentados nos bancos ao longo das paredes da casa ou, ao redor de uma única mesa de fibra embaixo de um guarda-sol. Os

residentes são cercados de atenções para naturalmente impedir que se estabeleça o sentimento centrado no abandono e na solidão, próprio de instituições para os idosos. Os dias das entrevistas foram agendados por telefone pela direção das entidades, que também estabeleceu o critério para o procedimento: na casa alemã, encontrei o grupo de mulheres, previamente selecionado pela administração, reunidas na biblioteca onde as entrevistas seriam concedidas; na casa inglesa, as entrevistas foram individuais. Isso resultou num dado importante para minha pesquisa: na casa inglesa tive tantos encontros quantos foram necessários para falar com todas as residentes, embora a assistente tenha me informado que algumas não poderiam fazer parte pelo debilitamento da saúde ou, por falta de capacidade mental para fornecer dados; na casa alemã, houve um único encontro coletivo de apenas 4 residentes e, apesar de eu ter tentado colher novos dados num outro encontro possivelmente com outras pessoas, ou até com as mesmas, individualmente, tive negado o meu pedido - a funcionária responsável, a mesma que me permitira ter os primeiros acessos ao lugar, justificou sua recusa, dizendo que “aquelas entrevistas não iriam trazer nenhum bem às residentes e que a administração havia decidido não mais permitir essa prática de fornecer entrevistas de um modo geral”. Insisti, tornei a ligar, mas foi em vão.

O procedimento diferenciado entre as duas casas talvez fosse indicativo das culturas às quais pertencem: por um lado, a sociedade inglesa liberal, individualista e independente quando comparada com a cultura alemã, baseada no corporativismo e coletivismo dos membros da sociedade.

Na casa alemã, os residentes distribuem seus dias entre as refeições, leitura e passeio a pé pelo jardim. Dentre algumas das atividades programadas para a semana, há a ioga, a ginástica, o cinema às 4^{as} feiras e o culto dominical. Duas vezes por ano os residentes saem de ônibus para algum passeio determinado, por ex. Horto Florestal, etc. A entidade é particular e ampara pessoas (hoje em dia, não necessariamente alemães), de no mínimo 75 anos (num passado recente o limite de idade era menor). As refeições são entregues nas moradias pelas peruas (marmitas térmicas); à noite as pessoas não têm o hábito de se encontrarem:

“ (...) depois de 6 horas, em geral, todos fecham sua portinha- não é por causa do escuro- mas é que... tem a televisão (...) ”(uma das residentes).

Esta informação revelou-me que é só a partir deste momento do dia que os residentes não estão sob o controle da programação que geralmente estas instituições seguem, como por exemplo, horário das refeições e atividades em grupo.

Nos recintos da instituição, parece haver a predominância da língua portuguesa, exceto quando se trata de algum residente com dificuldade de entendimento do português; nesse caso as assistentes intervirão; outro motivo do uso do português é talvez pela grande quantidade de funcionários de várias áreas que circulam pelos recintos e “ruinhas” do estabelecimento. Pareceu-me, sem dúvida, uma grande organização com atribuições bem definidas. As senhoras demonstram orgulho da instituição nas entrevistas:

Berta - Tem serviço médico em geral.

- Não especialista.

Anna - Tem dentista!

Doris - Dentista!

Clau- Fisioterapia!

Berta- Cinema!

Clau - Toda quarta-feira.

Anna - Segunda, ioga.

- Que bom! É bem pensado.

Berta - “Muitos gentes” que dá muito força de si mesmo- aqueles voluntários. Quem faz ioga, é tudo voluntária.

Dentro da instituição inglesa, a vida que se leva preserva o estilo inglês - o chá é servido pontualmente às 15:30hs no salão de refeições decorado com mobiliário inglês. Na verdade, eu diria que é uma das horas mais esperadas do dia: por volta de 30’ a 40’ antes do horário, as residentes vão se aproximando e algumas até ensaiam alguma leitura enquanto esperam um pouco; há alguns livros em cima da lareira no “lounge”- termo preferido ao Português “sala” por todos, inclusive pelas pessoas da administração -, ao lado da sala de refeições. Sentam-se ao redor das mesas redondas onde batem um papo enquanto sorvem o chá. É o ritual mais britânico que vi ali dentro. Quanto ao almoço, que acontece entre 12 e 13 horas, parte da refeição é “self-service”(saladas, arroz e feijão), e parte servida pelas funcionárias da cozinha (carne, suco e sobremesa). Logo após, todos os residentes se recolhem aos seus

aposentos e o pessoal administrativo volta a ocupar as salas defronte ao jardim, donde se locomove rapidamente para as áreas da instituição.

Todos residentes demonstram grande orgulho de sua língua que é usada todo o tempo entre eles, exceto quando estão falando com os funcionários. O mesmo não se dá na casa alemã talvez pelo fato de que a instituição alemã, hoje em dia, aceita pessoas de outras nacionalidades, enquanto que a inglesa só aceita membros da comunidade britânica. Outra possível razão para este fato é que, sendo a língua inglesa considerada o portal para oportunidades econômicas, em todos os locais do círculo social das pessoas há aquelas que aproveitam a ocasião para praticá-la quando em contato com falantes da língua inglesa. Na instituição inglesa isso também acontece.

3.2 Os encontros

Esse trabalho de campo constou de histórias de vida que, por um lado, traziam a memória de fatos do passado e, por outro lado, mostravam uma ligação com o presente através do objeto estudado que foi a língua. A pesquisa foi ao mesmo tempo gratificante mas desanimadora, pois se as surpresas apresentadas foram ricas quanto à informação obtida, houve também uma certa resistência pelo estranhamento e suspeita que o meu trabalho despertou. Como pesquisadora, considerei essa reação como normal e, aos poucos, o contato estabeleceu a confiança necessária para a minha pesquisa. Percebia que nos primeiros momentos dos encontros, as informantes pareciam poupar suas respostas à medida que iam estudando as minhas perguntas. A expectativa que a minha presença criava trazia uma certa surpresa nelas pois o meu interesse recaía em tudo que lhes era muito “familiar” e “corriqueiro”, ou seja “destituído de importância” (na acepção de uma delas) segundo as verdades ditas como absolutas.

Em outras palavras, o estranhamento inicial que elas sentiram era porque o objeto de estudo eram as suas histórias de vida e, aos poucos, fui percebendo que as mulheres entrevistadas abriam-se nos seus relatos resultando numa gradativa proximidade que geralmente une informante ao pesquisador, os inserindo numa relação de solidariedade mútua. O cuidado

que se acaba tendo nessa interação é para que nada se perca e pelo contrário haja um canal aberto entre pesquisador e informante, o que significa tomar notas, gravar longos depoimentos e estabelecer relações criando-se, assim, um espaço onde os dados individuais farão parte de um grande mosaico social.

Para a obtenção de dados fiz uso de um questionário e gravações, sendo este o melhor recurso, pois as mulheres alemãs, donas de casa na vida que tiveram fora das instituições, tinham recebido pouca instrução da língua do país adotado e, conseqüentemente, mostravam grande dificuldade de escrever. As inglesas, por seu lado, tinham tido formação escolar privilegiada, e dariam perfeitamente conta do preenchimento do questionário, porém, por causa do recurso das gravações, eu tomei a iniciativa de completá-lo, o que elas acompanhavam com grande interesse e vigilância. Fiz isso para usar o tempo para as gravações que eram extremamente ricas, mas sem deixar de levar em consideração as palavras de Preti: (...) *é preciso ter presente que as circunstâncias desse diálogo, com situação e tema "encomendados" pela audiência, não poderão refletir uma conversação absolutamente natural, o que ocorreria se a gravação tivesse sido secreta.*(...) (Preti, 1991:54).

O questionário, a princípio, serviu como um guia de orientação para que as entrevistadas enquadrassem suas experiências relatadas dentro de uma problemática, e para que se sentissem mais à vontade ao saberem o porquê da minha pesquisa, mas como diz Bourdieu "*(...) uma situação lingüística jamais é propriamente lingüística* (...)"(Bourdieu,1983:83), havia todo o contexto em que elas estavam inseridas e que determinaria (inicialmente) as preferências sobre os assuntos sobre os quais falariam. De qualquer maneira, creio que as perguntas contidas nos questionários já faziam parte de uma seleção prévia que eu, como pesquisadora, fizera tendo em vista meus interesse de investigação.

No caso da sociedade alemã obtive uma acolhida menos desconfiada por parte dos dirigentes do que na entidade inglesa, quadro que curiosamente depois se reverteu. Devo dizer que essa postura se estendera também entre algumas residentes pois as alemãs estavam ansiosas por minhas visitas - havia uma grande preocupação de vestir-se bem, com *colarzinho de pérola* ou *broche* em cima de um vestido de boa aparência, que, talvez, fosse para mostrar seu reconhecimento ou simplesmente o reflexo da vaidade feminina. Ou não

seria porque ao longo de suas vidas como donas de casa, qualquer oportunidade social sempre fora visto como importante, demandando assim uma aparência razoável?

No caso das inglesas, a despreocupação com a aparência denotava maior naturalidade explicada pela razão inversa da das alemãs: as mulheres inglesas por terem sempre trabalhado como secretárias, passaram a vida cuidando da aparência que a profissão demanda e não seria a minha presença de pesquisadora acadêmica que as motivaria para o uso de uma roupa mais cerimoniosa.

Também ao contrário das alemãs que pareceram inicialmente confiantes e ansiosas em transmitir suas experiências, as inglesas pediam explicações sobre o porquê do meu interesse. Naturalmente isso refletia que o fato de terem trabalhado lhes transformou em pessoas mais desconfiadas, espertas para a vida, ao contrário das alemãs.

Entretanto, em ambos os casos, assim que se desenrolava a entrevista, desaparecia o motivo da inquietação e elas ficavam mais à vontade tornando a contribuição voluntária. “(...) *qualquer assunto que se lhes venha a perguntar cria nos interlocutores uma preocupação bem marcada ao longo do diálogo de esclarecer fatos, especificar coisas, rememorar pessoas, locais cujos referentes, não raro, estão comprometidos com o tempo passado e, portanto, são desconhecidos da audiência* (no caso eu), *bem mais jovem do que os interlocutores...(...)*” (Preti, D, 1991:54/55).

O tema das sessões era saber se tinham praticado a língua do seu país no Novo Continente, porém isto gerou uma série extremamente rica de interessantes narrativas de vida numa releitura do passado. Claro que para muitas, esse passado era normalmente povoado de recordações tristes; no caso das alemãs o elemento “guerra” tinha ficado marcadamente presente em suas vidas.

Creio que a diferença de sentimento com relação à guerra dada pelos dois grupos é digno de ser mencionado. Se para as alemãs isto era motivo de vergonha e, portanto, de ocultação, para as inglesas à guerra se associou o heroísmo. Veja o que diz uma das senhoras:

B- This is one of my brothers (she said pointing at one photograph on the cupboard of a young man wearing a uniform, and not really answering to my question, or perhaps not paid attention to it). He was in the war.

- Oh! Did he die there?

B- No, he died a few years after it.

- Tell me something about him.

B- He was in the Scottish Regiment, very famous Scottish reg...

- Many people here decided to volunteer in the war...

B -.....Yes,decided to volunteer. It's funny that difference between Brasil and England.If you anything, the English..... when the war broke up, the English immediately volunteered. Whereas the Brazilian are not used to have any war, and I don't think they are very keen..... whereas the English, if you don't volunteer, you're not very well looked on.

As inglesas pareciam fornecer dados profissionais nas suas entrevistas, pois tinham tido a vivência profissional que as alemãs não tiveram. Falavam dos seus ex-chefes, empregos e formação escolar com bastante orgulho por possuírem um idioma exigido no mercado de trabalho. A família estava presente nas lembranças do passado entre as mulheres inglesas, mas as alemãs exploravam muito mais esse aspecto, possivelmente por terem sido donas de casa em tempo integral. Suas recordações falam dos filhos, maridos e respectivas carreiras, parecendo que tinham vivido, juntamente com eles, os aspectos profissionais na medida em que isso lhes fosse permitido. As inglesas, ao contrário, não “incorporaram” as carreiras das famílias, já que tinham tido suas próprias e delas tinham muito o que falar.

Nesta etapa da vida, dizem as pessoas, é como se houvesse um desligamento dos papéis sociais que foram antes representados e que novos papéis serão adquiridos num espaço comum a todos. Contudo, se nesta mesma etapa da vida pressupõe-se que os idosos se desprenderão das angústias que os perseguiram na juventude, muitas pessoas se surpreenderão em saber que o espaço que os acolhe não garante isso e que conflitos, disputas e inconformidades estarão presentes como quando eram jovens. Diz Debert (1999, :95) : “*Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução.*” O que pude ver nas duas instituições corrobora essa afirmação. De fato na entrevista em conjunto que me foi possível na casa alemã, 3 mulheres demonstravam uma certa hostilidade em relação à mais velha de todas (80 anos) que sempre tomava a palavra e não permitia na sua narrativa que as outras intervissem com suas opiniões. Foi preciso que eu estabelecesse um critério para que todas tivessem a chance de falar. A nostálgica reconstrução do passado não impedia atitudes competitivas e conflituosas entre elas.

No quadro 1, apresento as informações gerais sobre os dois grupos de informantes: idade, tempo no Brasil, filhos, nacionalidade do parceiro, mostrando este último que, enquanto as mulheres inglesas têm como parceiro a predominância de pessoas da mesma nacionalidade, esse dado diminui com relação as alemãs.

	Nacionalidade	
	Inglesa	Alemã
Número de Entrevistados	08	04
Idade		
De 61 anos a 79 anos	06	01
Acima de 80 anos	02	03
Tempo no Brasil		
De 10 a 50 anos	-	03
Acima de 50 anos	08	01
Filhos		
Nenhum	04	-
Um	03	02
Dois	01	02
Nacionalidade do parceiro		
Mesma	06	02
Brasileira	02*	-
Romena		01
Iugoslava		01

Quadro 1- Informações Gerais

* porém os pais são de origem inglesa

Por ter sido fruto do contato com duas culturas diferentes, a minha análise revelou muitos aspectos que as distinguia entre si porém com três pontos em comum bastante expressivos:

1) idade (o que lhes colocava num grupo com características próprias, vivendo em um núcleo fechado, conservando essas mesmas características numa espécie de comunhão de destinos).

- "Você lhes pedir que enquadrem suas idades dentro deste quadro;"

(disse eu, referindo-me ao questionário que lhes apresentei onde o fator idade não precisava ser mencionado com precisão); mesmo assim, elas fizeram questão de dizer a idade porque isso era motivo de orgulho, como um privilégio de poucos.

- Clau - "88 anos"

- Doris - "84 anos".

- Berta - " *estou nesta*"... (apontando para o quadro - entre 61 a 79 anos)

- Anna - " *aqui*" - enquadrou-se acima de 80 anos.

2) formação bilíngüe num país de uma língua só (o que caracterizava claramente que houve um êxodo e, principalmente uma grande razão para isso).

3) gênero (o que as colocava numa situação semelhante à das minorias). Por si só estes três elementos isolados (idade, bilingüismo e gênero), já seriam suficientes para que tivessem sofrido discriminação ao longo de suas vidas. Através das narrativas das entrevistadas, o que saltava aos olhos era que, enquanto o bilingüismo colocava as alemãs em situação de dependência e limitação, o mesmo não ocorria com as inglesas. Estas usufruíram plenamente do fato de serem depositárias da língua bem valorizada socialmente.

3.3 Educação

A educação que as residentes da Casa Inglesa receberam exigia o uso da língua inglesa na maior parte do tempo, fato inexistente na educação das alemãs com relação ao idioma alemão. As famílias inglesas empenharam-se em perpetuar o idioma, visto que isto iria "*retraduzir distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção*" (Bourdieu, 1996:42). Essa prática iria redundar na posse de um capital lingüístico produzindo um lucro de distinção em cada troca social. Além disso, todas as residentes foram enviadas para a Inglaterra a estudos, tenha sido por um período ou para cursos completos de escolaridade. Dizem as residentes inglesas:

- *Os seus estudos foram feitos onde?*

Phoenix - Estudei 11 anos em Londres. Escola só lá.

- E depois?

Ph - Depois Sion. De lá, sai para trabalhar como secretária executiva. O meu nível de inglês era superior.

.....

Well, let's start this. What's your nationality?

Edith - Born in England. I came to Brazil at 4 years old.

- And are you married?

E - Yes, I was. He was a Scott. My family was English.

- And you...

.....

- Nos assuntos domésticos?

Bl: A materna. Inglês. O meu pai só falava inglês com a gente e minha mãe gostava.

- Na vizinhança?

.....

Edith- We came when I was a child, 8 years old. At 9, I went back to England for 6 months. Came to Brazil and then I stayed here until 12. At 12 I went back to England for the Technical College- 4 years. In fact, I left it at 17.

Essa atitude foi também adotada com relação aos filhos que as residentes tiveram. Abaixo, seguem-se partes de entrevistas de 3 residentes inglesas se referindo aos filhos; a primeira usa a palavra BACK (de volta), quando fala de ir à Inglaterra. Com essa afinidade fica nítido que essa era a sua Pátria.

Edith - I was a secretary. But I went back to work when my son went to study in England.

- Is he there?

E - Not now. But when he finished his studies there, he came but every three years, he was BACK in England.

- And does he work here or there?

E - He studied in an English school here when he was young- Mr, Duncan's school, then St Paul's. This is when I didn't work.

- I see.

E- Then BACK to England, i. e. Scotland, to be an engineer. To Brazil, he came as an auditor to work in a multinational. He's here now.

.....

Do you have children?

Naomi -: Yes. One.

- Does he live with you?

N - We sent him to school in London. He came when he was 22 years old.

- What languages does he speak?

N - Portuguese, English, German, French.

So, did you live in England... for some time?

Barbara- No, I've only been to England once.

- So, your studies...

B- I studied here in Brasil. First, with a...in a private English school when I started learning English formally, and then I went to a Brazilian school, Colégio Batista. Brasileiro.

Dentro da instituição inglesa, o idioma predominante entre as residentes e a administração é o inglês, ao passo que as alemãs falam mais o português, entremeado com palavras de origem alemã. Diz uma das residentes desta última: "...morava 50 anos no Rio...olha quando cheguei aqui não falava nenhuma palavra em alemão...porque lá só falava português... lá não tinha ninguém...meus filhos eram casados com ..as noras e netos são brasileiros.. mas num instante reaprendi...comprei livros..."

As senhoras alemãs não iniciaram nem continuaram seus estudos no Brasil. Vieram acompanhando seus maridos e, não tendo escolha, portanto, de terem continuado a estudar no seu país ou de tê-lo feito aqui, uma vez que não tinham tido nenhuma formação educacional. Da mesma forma, as condições de perpetuação de sua competência legítima não foram oferecidas a essas mulheres, delimitando assim, as oportunidades que viriam a ter no país em que viveriam o resto de suas vidas.

- "Quais as línguas que a senhora fala?"

Anna: " Alemão e Português. "

Berta: " Alemão, Português e um pouco de Inglês. "

Clau: " Alemão e Português. "

Doris: " Alemão e pouco Português. "

- " Quais as línguas que o companheiro fala?"

Alemão: " Alemão e Português. "

Berta: " Alemão. "

Clau: " Alemão, Iugoslavo e Português. "

Doris: " Só alemão. "

(...)

Clau - Eu também com marido, mas justo começou Mercedes. Esse foi sorte dele. Mercedes procuram gente que sabe língua alemão, português; e meu marido sabia italiano, alemão, da Iugoslávia. P'ra ele foi muito fácil língua portuguesa. As mulheres acho que foi difícil, só mulher sem ser casada ou sem família

Berta- Difícil!

Clau - Homem, sim. Mais fácil.

O comentário acima feita pela D.. Clau "(...) só mulher sem ser casada ou sem família(...)" justificando a dificuldade do aprendizado da língua do país adotado, corrobora a situação desvantajosa que tiveram em relação às mulheres inglesas. Enquanto no caso das alemãs, todas se casaram e tiveram filhos pois foram preparadas para o lar, a maioria das inglesas entrevistadas permaneceram solteiras ou, quando casaram tiveram um ou dois filhos. Nas conversas com as alemãs:

- As senhoras têm filhos? Quantos ?

Anna: Sim ,um.

Berta: Sim, dois.

Clau: Dois.

Doris: Tinha um. Morreu de desastre com carro dele.(...)

- Os filhos moram (moraram) juntos ?

Anna: Sim, até casar.

Berta: Sim.

Clau: Claro.

Doris: Moraram. (...)

- Ai, netos. Falavam o que?

Berta - Nada.

Clau- Até eu tinha dó do meu filho porque ele sabia só falar alemão, e depois na escola não entendeu nada...vem p'ra casa e tinha nada no livro porque não sabia...

O peso determinante da aquisição do capital simbólico para as mulheres inglesas estendeu-se para as gerações que as seguiram, o que não aconteceu com as mulheres alemãs. A língua de origem destas não lhes proporcionou a acumulação de valores que lhes trouxesse lucros simbólicos, ao contrário das mulheres inglesas para as quais a posse do capital linguístico produziu alianças com o capital social. Por isso, dificilmente os filhos e netos das mulheres alemãs iriam ter a mesma motivação para aprender o idioma dessas senhoras, que os filhos e netos das mulheres inglesas tiveram para com a língua inglesa.

3.4 Família

Quanto às origens das famílias em ambas as comunidades (quadros 2 e 3), há, entre as alemãs, predominância da origem alemã e outras origens sem a presença da influência brasileira, enquanto que, com as inglesas, este dado se faz presente.

	Pai	Mãe
ALEMÃ	03	02
BRASILEIRA	-	-
OUTRAS	01	02

Quadro 2 - Origem das famílias - Mulheres de Nacionalidade Alemã

	Pai	Mãe
BRITÂNICA	05	06
BRASILEIRA	02	02
OUTRAS	01	-

Quadro 3 - Origem das famílias – Mulheres de Nacionalidade Inglesa

O fato de que as mulheres alemãs não apresentavam nenhum vínculo com a cultura brasileira em oposição às inglesas deveria explicar logicamente que as primeiras teriam dificuldades quanto à língua do país adotado e que as últimas seriam grandemente influenciadas por esta língua nas suas línguas de origem. Se a primeira hipótese de fato se concretizou, a segunda, por seu lado, não correspondeu às expectativas. A explicação para tal é que as inglesas teriam sua educação toda voltada para a preservação do idioma do lado paterno ou materno, por assegurar condições futuras de estabilidade econômica e, por conseguinte, de aceitação e inserção social.

Num dos depoimentos das alemãs:

- "Dentro da família, quem mais sentiu dificuldade de aprender a Língua Portuguesa falada no Brasil?"

Anna- "Meu marido!"

Berta: " Eu !"

Clau: " O marido, só... um pouco.... as mulheres ficam em casa!..."

Doris: " Meu marido..... mas.... eu achava mais difícil. "

(...)

Doris - " Meu marido falava alemão, italiano, iugoslavo e português.....Para ele foi muito fácil a língua Portuguesa- logo ele foi trabalhar na Mercedes..... As mulheres quando chegam aqui,... foi mais difícil.. "

Ao serem indagadas sobre quem na família tinha sentido mais dificuldade ao aprender o idioma português, elas foram unânimes: "-FOMOS NÓS. "Depois, foram se explicando melhor (ver acima).

- Clau "O marido logo aprendeu..."

- Anna "...mulheres ficam em casa..."

Dentro dos estudos das famílias, foi inevitável a abordagem da condição de imigrante que marcava a trajetória das mulheres tanto as inglesas como as alemãs, principalmente porque se, por um lado, os fatores em comum ao comparar as duas comunidades levantaram pontos conclusivos para a minha análise, por outro lado, os pontos divergentes se mostraram enriquecedores do ponto de vista da pesquisa, por exemplo :

- a representação internacional da cultura alemã e inglesa- enquanto uma (inglesa) possui capital lingüístico, a outra não (alemã).

- a situação diferenciada em que ocorreu a imigração em cada uma das duas culturas: enquanto nas famílias de origem inglesa, a imigração se dera de maneira positiva, através de indicação profissional nas multinacionais para os chefes de família, nas família alemãs, o quadro era de fuga de uma guerra que assolava seu país, o que fatalmente marcou a imigração como sendo negativa. Segundo o Artigo 13 da Convenção de Geneve no Status dos Refugiados, "refugiado é alguém com direito à asilo político se estiver fugindo de um país onde sua vida ou liberdade estaria ameaçada por conta de sua raça, religião, nacionalidade, partidatismo de uma opinião política ou de um grupo social" (Habermas apud Taylor,1994:140).

- muitos indivíduos alemães vieram para trabalhar, porém muitos outros vieram para fugir da existência miserável das suas cidades.

Ainda no tema da imigração mas já dentro do ambiente onde as mulheres desta pesquisa se encontram, Debert tocou no ponto do velho imigrante ao estudar os asilos quando diz: “(...) *elementos específicos aos imigrantes velhos são ressaltados pelos profissionais do asilo, como o fato de esses residentes terem saído do seu local de origem em situação bastante precária, diante de crises econômicas e políticas e chegado ao Novo Continente sem um preparo prévio e em situação de extrema pobreza (...)*”(Debert, 1999:103).

Diz uma das residentes alemãs:

(...)

-“ Para “este” época foi uma grande crise no Brasil. Faltava lugares para morar ...difícil...foi pesado achar serviço....isso depois da guerra..” (aqui ela mistura palavras em alemão - talvez por estar se recordando).

(...)

Esses depoimentos das alemãs revelam aspectos sobre o deslocamento das pessoas: que estas pessoas não abandonam suas cidades a não ser por circunstâncias extremas ou por uma oferta tal que torne suas vidas extremamente superiores às vidas em que levam nas suas cidades; ou, raciocinando pela ordem inversa: o mero fato de as pessoas terem fugido indica que precisam de ajuda. O fato é que as pessoas migram na busca de um bem-estar maior digno de qualquer existência.

Nesse caso ou no outro (inglesas), o que se constata é que a diferença de imigração irá influenciar grandemente na aquisição da segunda língua, pelo próprio fato de vir espontaneamente ou não, como ficou exposto no tópico bilingüismo dentro deste estudo. Segue abaixo o depoimento de uma das inglesas:

- And... did you live with your step-parents.... for how long? All your life? Or did you live alone?

Barbara- No, I never lived alone. I lived with my mother, cared her until she died.

- All her life..

B- All her life.... My stepfather died before her.

- With your relatives which language did you prefer?

B- *With my relatives?*

-*Yes.*

B- *English*

- *Uncle, aunt.*

B- *Well, I have no more relatives left, but...*

- *In the past. Did you have cousins?*

B- *In the past,... some cousins, because it was a big family that came out to Brasi...and.... my grandfather's family... and the boys all married Brazilians or Italians and .. that part of the family didn't speak English.*

No, we spoke Portuguese with them.... when we were together.... which was not very often.

-*Big family!*

B- *But, with the closer cousins, yes... always English. Everything.*

Nota-se a preocupação das famílias inglesas em preservar a sua língua como forma de comunicação entre os seus membros. É como se, de quando em quando, as pessoas inglesas migrantes checassem se a sua língua estava sendo bem “conservada”, ou seja não esquecida. Implicitamente as relações de dominação controlavam a manutenção da língua inglesa.

3.5 Trabalho

A posse de um *capital* lingüístico maior que diferenciava as residentes inglesas das alemãs permitiu às primeiras ter acesso ao mundo dos negócios e tornarem-se profissionais enquanto que as mulheres alemãs tiveram como trabalho “as prendas do lar”; em outras palavras, as inglesas trabalharam “fora” e as alemãs foram “donas de casa” porque estas não possuíam o idioma que lhes permitisse um emprego qualificado (veja quadro 4).

Outro ponto a ser notado é que atrelado ao emprego vinha o estado civil como já exposto no item Educação; a maioria das mulheres inglesas não se casaram, enquanto que todas as alemãs foram casadas. Para isso, Bourdieu nos reserva uma explicação: *as mulheres que atingiram os mais altos cargos-chefe, diretora, (...) têm que “pagar”, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor “sucesso” na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos, etc.(...) ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia (...) ao sucesso profissional* (Bourdieu, 1999:126).

Pelo depoimento das alemãs, constatou-se que não havia diferença entre a vida que levaram como donas de casa e mães, apesar de uma delas ter exercido o cargo de recreacionista de parque infantil por algum tempo. Desnecessário mencionar aqui que esse cargo muito se assemelha à função de mãe, “cuidadora” de crianças e é, portanto, bem recebido na esfera dos empregos supostamente “femininos”.

Nas entrevistas com as alemãs:

“ *As senhoras exerceram alguma profissão no Brasil?* ”

Anna - “ *Doméstica* ”. (querendo dizer dona de casa)

Berta- “ *Recreadora* ”.

Clau- “ *Prendas do lar.* ”

Doris - “ *Doméstica* ”. (idem)

Língua	Alemã	Inglês
Secretária	-	06
Dona-de-casa	03	-
Outras	01*	02

Quadro 4 - Profissão *uma delas foi recepcionista

Debert, quando fala sobre os velhos imigrantes (Debert,1999:103), diz que, apesar dos esforços envidados, eles pagaram um alto preço por não conseguirem transmitir sua língua, o que igualmente me foi revelado nos depoimentos das alemãs ao contrário das mulheres inglesas que entrevistei. Estas se tornaram profissionais independentes por possuírem o capital lingüístico - o idioma inglês - e não foram atraídas para o casamento como forma de ascensão social. As que se casaram e se tornaram mães não esperam que suas filhas vão se ocupar de sua velhice - estas estão no mercado de trabalho usufruindo de oportunidades que o idioma lhes trouxe.

(com uma residente inglesa)

-In your work, you used your English full time ?

Barbara- Yes. I was.... always....

-Always working at multinationals?

B- I started working in an American bank- actually CityBank. And there I didn't use much English..., no, but that was only a beginning. And then I worked at the American Chamber of Commerce... I used a lot of

English, there too and then I went to an advertising company which was G.Thompson... there I used...there I became a bilingual secretary and from there on...

- All your life?

B- All my life, yes

.(outro depoimento)

- And what did you do?

E - I was a secretary. But I went back to work when my son went to study in England.

Pelas informações obtidas, as senhoras inglesas foram preparadas para o mercado de trabalho, onde explorariam seu idioma legítimo (muito embora, o fato de que tenham sido todas secretárias, revela a posição subordinada do papel da mulher- vai servir a algum homem, neste caso, o chefe).

Nesse aspecto de atividades ditas masculinas e femininas, diz Bourdieu: (...)“*além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se e realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a idéia de que ele possa realizá-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e cozinheira, entre o costureiro e costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas.*”(...) (Bourdieu,1999:75)

- Well, Mrs... which language do you prefer to use here?

B- For me,... could be English..

- As you like....

- Your name,... Sorry to ask you this. Did you work...have a job?

- B- Yes, I worked ever since I was 14 years old.

- What did you do?

B- I was a secretary... bilingual.

- Here in Brazil?

B- Yes.

(...)

So you're telling me that you had worked as a secretary for a long time, is that so?

D - Yes. For 44 years!

- Really? At what kind of company?

D - Multinational as they call nowadays. At that time they called "firma estrangeira".

No caso das senhoras alemãs, por não ser o seu idioma dominante internacionalmente, as situações foram inversas:

- língua usada no trabalho, dado inexistente, pois a maioria era dona de casa.
- no lar, aos poucos, foram falando a língua que o marido e os filhos traziam do mundo de fora e perdendo o seu idioma de origem.

(...)

"-E hoje em dia, que língua seus filhos dominam? perguntei.

Anna - "Português ,alemão e inglês. Mas o alemão é pouco."

Clau - "Português e alemão , menos.."

Berta - "Português..."

Doris - "O filho morreu no carro dele..." .Ele sabia português...

Nos depoimentos destas, fica muito claro que a experiência ligada ao seu lugar no mundo do trabalho, as fez vivenciar limites sociais muito claros.

Apesar da vantagem profissional que a língua representou para as alemãs e inglesas, ainda assim, estas sofreram discriminação na escolha da profissão por serem mulheres. Na instituição inglesa o depoimento de Mildred, é extremamente expressivo do rebaixamento de profissões para as mulheres. Quando conversou com seu pai a respeito da uma futura carreira, este lhe responde com uma verdadeira sociologia dos cargos de mulher de bem:

- Quer dizer, aqui na Casa Inglesa, só houve secretária ou bibliotecária.....

Mildred. - Porque no nosso tempo, não havia outra profissão p'ra mulher. Eu uma vez, meu pai perguntou o que eu queria estudar e eu respondi: " ENGENHARIA, ENGENHARIA MECÂNICA." E ele disse: "Ahn! Ahn! (não). Você nunca seria aceita, nunca. Há três possibilidades para a mulher: SECRETÁRIA- você é bilíngüe e ganha bem e tem horas fixas. PROFESSORA - ganha mal e além do trabalho na escola, ela tem que levar o trabalho p'ra casa p'ra corrigir. ENFERMEIRA - e enfermeira, só viúva. Não ficava bem.... moça solteira." Não tinha escolha.

Com isso a Engenharia Mecânica desaparecerá por completo de sua vida que não lhe reservará nem a profissão de enfermeira, pois para tratar da intimidade de homens doentes somente sendo viúva como diz seu pai e, portanto, ser secretária é o que lhe resta.

Bourdieu (1999:77) explica esta ilustração- “(penso por exemplo, na maneira pela qual os pais, professores e colegas desestimulam - ou melhor, não estimulam - a orientação das moças para certas carreiras, sobretudo as técnicas ou científicas: “Os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então acabamos acreditando nisso...,” “Passam o tempo todo repetindo que as carreiras científicas são mais fáceis para os meninos. Então, forçosamente...””). O que o autor quer dizer é que é dito para as mulheres que elas não foram feitas para muitas coisas do mundo real, ou será que não teria sido que as coisas não foram feitas para elas. Ele cita o caso das digitadoras que por melhores que possam ser serão somente “datilógrafas”; façam eles o que fizerem e os revisores serão sempre “profissionais do livro” e, portanto, muito qualificados. Após várias lutas femininas, as mulheres realizam o mesmo trabalho que os homens mas não são reconhecidas na profissão. Portanto, o que Bourdieu diz é que a redistribuição de tarefas que a tecnologia trouxe tende a empobrecer o trabalho feminino e valorizar o masculino.

Apesar da discriminação pelo fato de terem sido secretárias, as mulheres inglesas, nas entrevistas, não o admitiram, nem tampouco se sentiram rebaixadas. cabe aqui uma explicação: em comparação com outras mulheres que não trabalhavam, por exemplo, as mulheres alemãs desta pesquisa, as inglesas se encontravam em grande desvantagem e, portanto, não viam a profissão como subordinada. Veja o que diz Mildred a esse respeito.

A senhora sentiu algum preconceito por ser mulher no seu trabalho alguma vez?

Mildred- Como assim?

- Alguma vez a senhora foi passada p'ra trás porque era mulher?

M - Senti preconceito quando o homem falou: “...é apenas uma secretária...”

- A senhora casou-se?

M - Não

- Nem teve filhos?

M - Não.

- Poderia ter tido...

M - Bem no meu tempo teria sido escandaloso. Hoje é aceito, né...(risadas), imagine no meu tempo!

M - Bem no meu tempo teria sido escandaloso. Hoje é aceito, né...(risadas), imagine no meu tempo!

- (risadas) É verdade, é verdade. Ainda é um pouco. Bem, a senhora trabalhou sempre na mesma companhia?

M - Não. Eu trabalhei primeiro no Frigorífico Wilson, depois eu trabalhei na Atlantic na companhia de gasolina

- Certo.

M - Depois eu fui p'ra Suécia.....depois eu voltei. Trabalhei 2 anos na General Motors mas não gostei.

- Tudo em São Paulo? Aqui em S.P.?

M- Sim. Muita burocracia, muita coisa....Depois eu trabalhei em duas firmas pequenas, representantes de máquinas têxteis. E descobri que trabalhar em firma pequena a gente não "ganhe" (original) tanto, mas dá muito mais satisfação.

- É!

M - ...porque o serviço da gente é mais valorizado E a gente tem autoridade. Numa firma muito grande a gente não tem autoridade p'ra nada. Na pequena, o chefe pode dizer: "Bom, eu vou viajar, você toma conta do negócio". E você tem que se virar!

- É verdade!

M - Aconteceu o seguinte: meu chefe foi p'ro Rio, naquele tempo licença em importação só se dava no Rio. Ele e o "chefon" (destaque da pronúncia), vão p'ro Rio p'ra tratar disso que não saía.... Então, ele me disse que voltaria na sexta-feira à tarde. Sexta-feira à tarde, ele costuma,.... na sexta-feira de manhã ele costumava fazer o pedido de carne com o restaurante que tinha um contrato, restaurante muito grande que tinha um contrato com uma firma que fornecia carne especial. Então como ele não estava, a cozinheira telefonou p'ra mim, deu o pedido, como ela sempre dá, e eu preenchi o formulário, depois procurei alguém p'ra assinar porque eu não tinha autoridade. E ninguém mais queria assumir responsabilidade. Ai eu disse: " Olha, vocês vão imaginar agora o barulho vai ter se amanhã de manhã quando o Sr. K... chegar aqui, não tiver carne p'ra semana." Ele era ruivo daqueles que pegam "fogo" facilmente.(risadas). Ai o tesoureiro resolveu assinar: "Você tem certeza? Mas você falou com alguém ? Você sabe disso?" " É o pedido de sempre, né "....E a cozinheira telefonou p'ra mim, pediu, e... "por isso eu assumo a responsabilidade" "Ah, mas a responsabilidade não é de uma secretária. Secretária é só secretária.!!!" Mas ele assinou, mandei p'ro restaurante e resolveu. Mas custou!

- Custou!

Neste depoimento Mildred descreveu claramente a discriminação que sofreu por parte de uma figura masculina, dentro de um empresa em que trabalhou, pela limitação do cargo de secretária.

Quando abordei o assunto do domínio das quatro habilidades na Língua Estrangeira, percebi que as mulheres inglesas, que antes demonstraram muito orgulho em dominar a Língua Portuguesa, serem “bilíngües” e, por isso, terem podido exercer a profissão de secretária por toda a vida, não hesitaram em revelar suas preferências pela sua Língua Materna (inglesa), na leitura e escrita. Disse uma das residentes:

“...(...) é mais natural, parece que flui melhor,...não sei dizer...mas vivo mais a estória quando leio na minha língua.. (...)”

Quanto à habilidade da escrita, as informações são ainda mais coerentes com suas identidades. *“(...) nunca consegui escrever bem o português... o meu chefe achava bom mas eu sabia que não,... estava estranho... (...)”*- disse uma residente inglesa cuja profissão tinha sido a de secretária. Ao entrevistar Barbara, uma residente inglesa, sobre a preferência da língua para ler e escrever:

— *If you could classify abilities in terms of difficulties, in speaking, listening, reading or writing, which language do you prefer for writing?*

(...)..Well, for writing, I like writing in English, although I can write in Portuguese, yes.. (...)

— *In reading?*

(...).. Reading... I prefer English , ... (...)

— *All of you prefer English..!*

(...) Something in Portuguese that .. ahn....I feel,for instance, th.. that I have to read a paragraph several times to get the real meaning.

— *It happens with us ,...in English*

(...) Yes,... I know... in English.

(...)

Que bom! Agora, vou estabelecer quatro habilidades e a senhora me diz se teve alguma dificuldade com relação ao português, ou melhor qual língua prefere? Como a senhora sabe várias línguas, nas habilidades de ler e escrever, qual língua, a senhora preferiu e ainda prefere?

M - Inglês, por pura preguiça.

- Inglês? Nos dois? Ler e escrever?

M - Apesar de eu ler “O Estadão” (o jornal) todos os dias de manhã, e resolver as palavras cruzadas porque geralmente consigo resolver todas as perguntas.

- Mas a senhora prefere ler em inglês e se precisar escrever...

M - *Em inglês.*

(...)

- *Look here, if you classified the difficulty to learn Portuguese, which of these four measures, would you take?*

N - *"Grande", the grammar is complex. In reading and writing I prefer English.*

- *In your family, who else felt Portuguese was difficult ?*

N - *Myself!*

Neste aspecto, as alemãs, em comum com as inglesas, manifestaram suas preferências pela leitura em sua língua. Na escrita, entretanto, pouca contribuição tiveram para dar, já que não precisavam escrever "muito"; os serviços de casa não demandavam essa habilidade.

- *" Como classificariam o domínio do aprendizado destas 4 habilidades em Português: Ouvir, Falar, Ler, Escrever?"*

A- *" Para mim é mais difícil escrever."*

B: *" Escrever e ler livros."*

C- *" Um pouco . errado...!"*

D: *" Tudo...escrever,.... não sei,....ler é difícil Leio em alemão.*

Faço uma pausa aqui para ressaltar a situação em que se encontravam as mulheres alemãs da minha pesquisa. (...) *passaram por um processo de mobilização ascendente bastante rápido, se comparado ao de outros grupos de imigrantes. Foram, de maneira geral, muito bem-sucedidos no esforço empreendido para que os filhos estudassem e se profissionalizassem nas carreiras liberais. Esse sucesso teve, no entanto, a contrapartida de um distanciamento cultural enorme entre a geração de imigrantes e seus filhos e netos, distância que implicou uma mudança radical de valores e, inclusive, a perda de uma língua comum e, com ela, a possibilidade de comunicação entre avós e netos.*" (Debert, 1999:103) Mais uma vez, era o mesmo desabafo das mulheres alemãs que pesquisei. Vejamos a seguir um dos depoimentos das alemãs em que eu pergunto:

- *Como classificariam o domínio do aprendizado destas 4 habilidades em Português: Ouvir, Falar, Ler, Escrever?*

Anna- *Para mim é mais difícil escrever.*

Berta: *Escrever e ler livros.*

Clau- Sei que escrevo errado...! Falar, já vai mais ou menos, mas quando escreve, né? A primeira carta de aniversário do meu neto, ele já achou TRÊS ERROS, SÓ NUM CARTÃO. (ênfase).

(...)

(risadas)

Clau -Nunca estudei, só assim falando...

Doris: Tudo é difícil...escrever,... não sei,.....ler é difícil Leio em alemão.

-E aqui, o material de ler, é alemão?

- Aqui quase tudo(leitura) é alemão, inglês, toda a nacionalidade.

Berta- Aqui esquece um pouco português.

Anna - Sempre fala alemão aqui..

Doris - Aqui agora mais fácil. (quer dizer que se tornou mais fácil por entender o que falam)

- E então qual era a língua preferida em casa depois de um tempo no Brasil?

Anna - Meu marido falava alemão comigo mas, quando os filhos estavam perto ele mudava para o português.....para eles aprenderem.

Clau - Em casa, meu marido só falava alemão até as crianças irem para a escola....depois ele mesmo preferia praticar o português.

Berta- Meu marido não... Ele falava alemão, mas aos poucos, ele ia respondendo as perguntas dos filhos em português.....porque os filhos só falavam em português.....Mesmo quando nós conversávamos, eu usava o alemão e ele, cada vez mais, o português.

(Da austríaca (Doris) não consegui obter resposta pois ela não entendera).

Devo confessar que, ao serem perguntadas sobre suas habilidades nas duas línguas, suas respostas, a princípio, pareciam confusas, fato que atribuí a uma falha na elaboração de minhas perguntas. Afinal de contas, falar em habilidades é jargão de professor; porém, assim que eu deixava claro o que eu pretendia, as senhoras inglesas se ufanavam pelo domínio quase que total das duas línguas, mas iam confessando que escrever e ler eram atividades que preferiam fazer na sua língua de origem. As alemãs, mais objetivamente, declaravam suas dificuldades com o Português dos livros.

Os quadros 5 e 6 mostram a língua preferida para as diferentes habilidades numa gradação que vai de grande a nenhum - o critério que elas próprias usavam para se avaliarem tinha sempre como referencial sua própria língua, ou seja, ter uma GRANDE habilidade na língua estrangeira representava para elas sabê-la quase como sua própria.

Ouvir	-	06	02	-
Falar	-	08	-	-
Ler	-	04	04	-*
Escrever	-	-	02	06

Quadro 5- Domínio das quatro habilidades em Português – Mulheres de Nacionalidade Inglesa

* ainda assim, preferem ler em inglês

Habilidades	Grande	Razoável	Pouco	Nenhum
Ouvir	-	02	02	-
Falar	-	02	02	-
Ler	-	01	03	-
Escrever	-	-	01	03

Quadro 6- Domínio das quatro habilidades em Português – Mulheres de Nacionalidade Alemã

Ao compararmos os quadros, notamos que as mulheres alemãs demonstraram ter tido mais dificuldade com a língua Portuguesa do que as mulheres inglesas. Na escrita, tanto as alemãs como as inglesas a dificuldade aumenta.

3.6 Língua preferida

A minha busca dentro das duas comunidades bilíngües em questão visou encontrar pontos comuns e divergentes no domínio da segunda língua cujas razões de cunho sócio-cultural. Para tanto, a tarefa que tive pela frente envolvia, a priori, o estudo das relações de gênero e, a posteriori, as razões do domínio de uma língua sobre outra. Sem dúvida, sendo o objeto de estudo a fala da mulher, havia todo um mundo de fatores dignos de investigação como a dominação masculina, a problemática da minoria e da construção de nova identidade.

No caso das minhas entrevistadas, particularmente, acrescentou-se o fator idade que, naturalmente definiu o universo para o qual convergiu a minha pesquisa. Esta variável mostrou-se digna de se investigar pelo fato de terem, as informantes, vivido em um outro contexto social permeado de situações históricas devastadoras, como por exemplo a guerra, que, fatalmente, iria influir na visão de mundo que tentaram me passar durante as entrevistas. Segundo E. Bosi, (...) *“o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem (...) ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico a imagem lembrada e a vigília atua (...)* No quadro das noções gerais que não abandonam o homem,

destacam-se as noções de espaço (aqui, lá, acima, dentro, fora, embaixo), as noções de tempo (agora, já, antes, depois, sempre, nunca, ontem, hoje, amanhã), as noções de causa e consequência (porque, para tal, tal que...)"(Bosi,1979:pp18-19). Na verdade são estas as categorias que a linguagem atualiza e possibilita para que o encaixe das lembranças seja o mais vívido possível.

Para estabelecer um parâmetro de quão difícil a Língua Portuguesa possa ter sido para as entrevistadas, adotei os termos **Grande, Razoável, Pouco, Nenhum**, para o grau de dificuldade no aprendizado do idioma (Língua Portuguesa), critério que encontrei em algumas quadros de domínio de uma língua. O interessante foi que, embora as entrevistas tenham sido feitas individualmente (ou seja sem ajuda externa), houve um consenso geral do que Grande, Razoável, etc., representava para elas em termos de aprendizado da língua, o que foi surpreendente, pois era a primeira vez em suas vidas que se prestavam à perguntas tão específicas sob o ponto de vista acadêmico - muitas delas passaram a vida no lar. Vejamos estes dados nos quadros 7 e 8 abaixo representados.

Grande	-
Razoável	01
Pouco	07
Nenhum	-

Quadro 7 - Grau de dificuldade para aprender a Língua Portuguesa – Mulheres de Nacionalidade Inglesa

-Did you have any difficulty in learning Portuguese?

Barbara- I didn't learn Portuguese! It was a dual native language. I learned it very well. (laughing)

- If you could classify difficulties or, let's say, in terms of abilities in speaking, listening, reading and writing, which language do you prefer for writing?

B- Well for writing?? Actually I like writing in Portuguese., I write quite well in Portuguese "modéstia à parte". But I write better in English. I write letters to my friends in English.

-OK! In reading?

B- Reading, I prefer English

-Oh! Interesting! All of you prefer English for reading...

B... yes, something in Portuguese that I feel, for instance that I have to read some times several times a paragraph to get the ...you know... the real meaning.

-OK. It happens with us when we read in English.

(laughters)

Grande	03
Razoável	01
Pouco	-
Nenhum	-

Quadro 8 - Grau de dificuldade para aprender a Língua Portuguesa – Mulheres de Nacionalidade Alemã

(...)

- " E com o marido na presença dos filhos, qual era a língua preferida?

Doris: " Alemão! "

Clau " Alemão ! "

Anna: " Alemão! " Enquanto meu marido estava vivo, só falava alemão. Mas depois ele morreu , e ai cada vez mais eles só falavam português!

Berta: " Ai eles começaram a namorar e as namoradas falavam português,..... e ai, perdeu. Quando eu estava com meu filho sozinha, falava alemão , mas quando a namorada estava perto, só era português...

Anna: " Com os netos eu só posso falar português, senão eles (netos) falam: "" Vó, você fala tudo errado. Acontece várias vezes, né..."

(...)

No questionário que elaborei, estabeleci alguns assuntos que poderiam ter feito parte do dia a dia, para saber qual foi a predileção para uma ou outra língua. (Ver quadros 9 & 10) Nota-se que tanto para as inglesas como para as alemãs, a preferência pela Língua Materna ficou clara, com exceção do tópico *vizinhança* no qual, por razões óbvias, a língua usada teve/tem que ser a Portuguesa. (quadros 9 & 10) Isto demonstrou que o uso da língua materna sempre as deixou à vontade nas diversas situações do dia-a-dia, o que é absolutamente normal. Porém, a inversa também é verdadeira, ou seja - o quanto as mulheres bilíngües não devam ter se sentido à vontade em suas vidas, por força das circunstâncias, pelo fato de ter que se expressar em outra língua.

(com Barbara, residente inglesa)

-Ok, right. And... this school you went later, Brazilian school,... didn't,... didn't contribute to your speaking more Portuguese than English, no?

B- No, because I tell you... at home we ahn... spoke English but with our neighbours, children, we spoke Portuguese.

- So at home, did you speak English all the time?

B- Yes.

Dentro daquilo que Bakhtin chamou de “ideologia do cotidiano” (1979:22-23), as mulheres bilíngües fazem uso da palavra, *neutra em relação a qualquer função ideológica específica* (Bakhtin, 1979:22), esvaziada de símbolos, pois ela (palavra), não representa nada em comparação aos signos de suas velhas línguas conhecidas, em condições de produção dentro da comunicação na vida ordinária fazendo minhas as palavras de Bakhtin (1979:23). Se, segundo o mesmo autor, a palavra é usada como signo interior, podendo funcionar sem expressão externa, como se expressarão então as pessoas bilíngües (no caso, as mulheres), em situações de imposição da segunda língua, onde não possuam ainda os meios da comunicação necessários e que irão certamente acarretar um bloqueio da manifestação exata do pensamento?

- “As únicas palavras que eu sabia depois de um tempo aqui, eram : FEIRA, LIXO, PIA. Nada mais.” (uma alemã)
- “É verdade! disse a outra.

Esse é um dado revelador do único espaço que a essas mulheres era reservado - a cozinha. O uso daquelas palavras nos remeterá à filosofia da linguagem que considera a palavra como instrumento da consciência, acompanhando todo ato ideológico e tendo o discurso interior como participante. Se sabemos que os signos são culturalmente construídos, as mulheres bilíngües limitadas no domínio da nova língua e desprovidas da posse lingüística (alemãs) sofrem com a dificuldade de expressão pois, buscam palavras na língua materna que não transmitem nada na segunda língua. A manifestação do pensamento e das idéias fica assim truncada e prejudicada.

Para as detentoras da língua com capital lingüístico (inglesas), o problema não existe, porque por sua língua representar prestígio, elas a usarão livremente e caberá aos outros (os ouvintes) o trabalho de decodificá-la.

(na entrevista com as alemãs)

— “ E então qual era a língua preferida em casa depois de um tempo no Brasil?” questionei.

Anna - " Meu marido falava alemão comigo mas, quando os filhos estavam perto ele mudava para o português.....para eles aprenderem.."

Clau - " Em casa, meu marido só falava alemão até as crianças irem para a escola....depois ele mesmo preferia praticar o português."

Berta - " Meu marido não... Ele falava alemão, mas aos poucos, ele ia respondendo as perguntas dos filhos em português.....porque os filhos só falavam em português.....Mesmo quando nós conversávamos, eu usava o alemão e ele, cada vez mais, o português."

(Da austríaca (Doris) não consegui obter resposta pois ela não entendera).

	Língua Preferida	
	Materna	Portuguesa
Trabalho	06	02
Domésticos	08	-
Vizinhança	-	08
Políticos	-	****
Festas	08	-
Médico	06	02
Religião	08	-

Quadro 9- Língua Preferida – Mulheres de Nacionalidade Inglesa

* uma das senhoras foi bibliotecária numa escola de Inglês e usava as duas línguas p/ se comunicar

** quando se usava o Inglês com os médicos..

*** assunto dado como inexistente entre elas

Segue abaixo a continuação de um depoimento de uma inglesa:

- Tenho uma série de assuntos aqui em baixo (na folha do questionário), e a senhora vai me dizer a língua que predominava em cada situação remetendo ao seu passado. Bom, no trabalho, que língua era mais usada?

Mildred - Inglês. Porque era mais valorizado, né?..... Era mais valorizado.

- É...

M - Inclusive era uma das razões porque eu tinha emprego.

- Verdade! A senhora começou a trabalhar com que idade?

M - 19 anos. Quando eu me formei no Mackenzie.

- Ah, tá!

M - Os assuntos domésticos, de casa, com a família, a senhora já me disse. Cada departamento tinha uma língua.

- E na mesa, tinha alguma predominância?

M - Não, a mesma coisa. Se falava com o pai, era alemão, com a mãe, inglês. Porque se eu tivesse pedido, por exemplo, manteiga a meu pai em inglês, ele não teria ouvido.

- Nossa!

M - *Ele não falava nada, não corrigia, mas simplesmente não reagia.*

- *E quando ele falava p'ra todos, ele falava em alemão?*

M - *Sim, em alemão.*

- *E a sua mãe, quando falava p'ra todos, falava em inglês?*

M - *E minha mãe falava também alemão e meu pai falava em inglês. (dava-se o inverso)*

- *Entendi.*

M - *Quer dizer que tínhamos visita em casa, pessoas alemãs, pessoas inglesas, ninguém se atrapalhou.*

- *Com a vizinhança qual era a língua que predominava?*

M - *Inglês.*

- *É mesmo?*

M - *Porque nós morávamos nas Perdizes e quando, nós mudamos p'ra lá, era tão ermo que brasileiro não queria morar lá no mato.*

- *Olha!*

M - *"Lá só tem vaca" (talvez se referindo a alguns comentários que os brasileiros faziam) Não era bem assim, mas brasileiro queria centro de cidade*

- *Eu sei porque moro lá na Serra da Cantareira e lá tem muito alemão, sueco, tem mais estrangeiro que brasileiro, hoje está mudando.*

M - *Lá em Perdizes também mudou muito...*

- *Assuntos políticos, que língua foi/é a preferida?*

M - *As amigas alemãs, eu falava alemão, as inglesas eu falava inglês. E, por exemplo, Mackenzie, eu falava Português.*

- *Em festas, qual era a língua que predominava?*

M - *Ou alemão ou inglês. Mas alemão só enquanto íamos com meu pai nas festas de seus amigos. Depois acabou. Só ficou mais o inglês. Até hoje.*

- *Com o médico, no passado. Não aqui. Aqui a senhora deve falar inglês. No passado tinha uma língua que predominava?*

M - *Primeiro era o médico que falava alemão e a gente falava alemão com ele. Depois médico brasileiro, médico "português".*

- *Assuntos de religião, a senhora fala, ou quando falava tinha uma língua que predominava?*

M - *Não, dependia da pessoa com quem eu estava.*

- *A senhora tem religião?*

M - *Sou Anglicana.*

- *Tem alguma cerimônia aqui dentro?*

M - *Tem. Duas vezes por mês.*

- *Um culto?*

M - *Tem um culto num domingo à noite e numa quarta-feira comunhão.*

Mesmo que as inglesas tenham me dito que se orgulharam de possuir dois idiomas, elas mesmas declararam suas preferências para com a Língua Inglesa.

- Ahn.... I'm going to list to you some subjects and then you say which language do you prefer in each of them: Portuguese or English or both.

Barbara-.... yes, yes.

- At work.

B- At work. Depended whose language the person is. My boss spoke very, very good English. Brazilian but spoke good English... before him, G. Thompson, my boss, he was American, so I thought,...English.

- At home with the domestic subjects, which language prevailed ?

B- You mean in housework?

- At home, with the family, ...

B- ... with the family, always English.

- Neighbourhood?

B- Neighbourhood, Portuguese.

-Where did you live most of your life?

B- Well, when I was ... when I was, with time growing.....as far that I could remember.. Ahn! Was that what you asked? Was it your question?.

- If... where did you live? Brooklin, Sto Amaro ?

B-Ahn ... I lived in Perdizes.

-Beautiful place.

B- Yeah.Higher.

-All your life, I presume.

B- No, that was the beginning. Then we moved to Higienópolis, we lived for a time, when my father sold the house in Higienópolis we went to live in a hotel "therminas" for 5/6 months and we found another house, my father liked in Jardim Paulista, and ...then we went to Jardim América and then, the last house we were in, house, mind you, was in Jardim Paulista again . Then, when my mother died, it was my sister and I, we sold the house and went to live in an apartment in Pinheiros and, in Pinheiros, I liv...my sister died 17 years ago, but I lived 27 years, 30 years in Pinheiros.

-Pinheiros.. nice place at that time.

B- ... quite different to the day. The street where I lived, it's Zona Azul now...when I lived there there were trees in the street, we used to leave the car out at night in the street (here the resident puts some tone in her words lingering some, shortening others, as if her memories could be followed by a melody through time).

-...yes..different.

B- ...everything changed!!

-The subject of Politics: Portuguese or English?

B- When I'm discussing? Well it depends whom I'm discussing.

(laughters)

-At parties, which language was the favourite?

B- You mean private parties or...big social things?

- Both.

B- I never go to them anymore but, here again it depends if it's a Brazilian crowd party or, on the other hand if it's an English ... depends on the people who are there.

- And here... the parties that you have here..

B- Oh! English, of course.

- With your doctor, nowadays, which language do you speak with him?

B- I speak Portuguese. because he can't speak English.

- The one who comes here ?

B- Ah, the one that comes here? I speak English. He's married to my niece.

-Oh! But you can go out to your other doctor...

B- Oh, yes we can have another doctor.

-Ok! Religion. Which language do you prefer to speak about it or perform a ritual?

B- To talk about it, again depends whom I'm speaking. Both languages.

- Do you follow any religion?

B- I I have any rel...?

-Yes.

B- Yes. I don't go to church much.

Houve um tópico que nenhuma das residentes das duas comunidades se interessou em responder - assuntos políticos. As alemãs só acrescentaram que, porque ouviam esses temas na TV, o faziam na Língua Portuguesa (noticiário).

	Língua Preferida	
	Materna	Portuguesa
Trabalho	03*	01
Domésticos	04	-
Vizinhança	-	04
Políticos	03	01 (TV)
Festas	04	-
Médico	-	04
Religião	04	-

Quadro 10 - Língua Preferida – Mulheres de Nacionalidade Alemã

**donas de casa*

O lado interessante destas perguntas era que elas abordavam, pela primeira vez nas entrevistas, o referencial do Presente no qual as residentes narravam suas histórias ao responderem as perguntas:

Com as alemãs:

- *As senhoras estudaram aqui ou trabalharam?*

Anna - Escola só na Alemanha.

Berta- Só lá.

Clau - Só lá. Vim grande p'ra cá.

Doris - Lá. Foi Na Alemanha.

Clau - Eu nasci em 1910. Em 14 tinha a guerra. Em 18 acabou. Depois entraram os russos. Ficaram os russos um tempão. Aprendemos russo na escola. Depois entraram os romenos. Apreendemos romeno. Quando saímos de lá, meus pais saíram com passaporte romeno. Agora somos romende os. Eu falava russo, alemão, romeno, "húngarês"(termo usado pela residente). Mas agora, não falo mais russo nem nada.

Como as informações dos quadros 9 e10, trataram da vida atual, costumes do dia a dia, a maneira de responder deveria mudar, ou seja, simples respostas sem histórias. Porém, era inevitável a colocação de passagens no seu passado. Não seria isto uma evidência daquilo que Debert denomina de "uma volta ao passado de indivíduos sem presente e sem futuro?" (Debert, 1999:101)

- "Dentro das atividades que mencionarei, qual é a língua preferida: a língua materna ou a língua Portuguesa, quer dizer, português ou alemão?"

Assuntos domésticos:

Anna: " Alemão também, mas só aqui dá para falar só alemão entre nós. Com meus netos tive que falar português..."

Berta: " Alemão... mas quando era na minha casa, só com o meu marido... "

Clau: "A materna, mas todos me respondiam em português..."

Doris: " Alemão, mas tinha que falar com empregada, então não podia.. era o português... difícil.....

(..)

- "Com a nora eu tinha que falar português porque a minha nora não quer aprender alemão..." (Anna)

(...)

- "Antigamente, a mulher preservava a língua, hoje já mudou."(Berta)

- " Só quem que trabalha fora os filhos nem sabem falar alemão porque falam só com empregada, eu vi muitas vezes, né, mas esse não é meu caso não... Quando está pequenininho, o filho fala alemão, mas depois sai e aí.... acabou!! " (Anna)

- " Eles entendem até quando vão para a escola, mas aí ... "

- " E depois casaram com brasileira.... não falaram mais alemão... "

- E aí netos? Indaguei.

- " Nada... " (Anna)

Na vizinhança:

Anna: " Português. Agora aqui, só alemão. "

Berta: " Antes de vir para cá... português "

Clau: " Português. " Eu tive uma vizinha que era iugoslava e me entendia, mas os outros, só português. "

Doris: " Tinha que ser o português, senão.... não me entendiam.. Aqui, é fácil.... todos falam a minha língua. "

No trabalho

Anna: " Fui costureira..... um tempo. Falava português. mas era "pouco falar" ". (Dado não passado quando perguntada sobre profissão).

Berta: " Portuguesa.... "

Clau: " Em casa, falava português... "

Doris: " Não tinha o trabalho. Ficava em casa.. "

Assuntos políticos

Anna: " Quase não falo de política. Mas na TV, ou com os netos, é português "

Berta: " Aqui, do Brasil, de Fernando Henrique, falo português. Da Europa, falo aqui, alemão. "

Clau: " Difícil... se tiver vai ser português "

Doris: " Não sei... não sei política... "

(...)

- " Português, porque depende da TV, de ler O Estado... "

Em festas, eventos

Anna: " Português, se a família " tá " junto então tem que ser português.... mas aqui, as vezes é alemão. "

Berta: " Meio a meio. "

Clau: " Aqui, alemão. Com a família, português. "

Doris: " A minha língua... na festa aqui. Antes, com meu filho, português. "

Com o médico

Anna: "Português, sim..."

Berta: "O médico daqui fala alemão também, mas acabo explicando em português."

Clau: "Falo português."

Doris: "Dr. Kedor (????), alemão. Mas ,o médico é brasileiro... então é português."

De religião

Anna: "Aqui, no culto é alemão. Mas, antes, na igreja, era português."

Berta: "Se é aqui, é alemão, no culto aos domingos."

Clau: "Gosto "pouca" religião".

Doris: "Katholica" (???) Ela escreveu... "Gosto que seja no alemão, mas não é sempre."

(...)

"- A gente fala muito alemão aqui....faz tempo....desde que eu moro aqui..."Antes, não.Menos com os empregados, as visitas de fora, as enfermeiras, claro!" (Clau)

- " Quando saio daqui e vou ver os netos, só falo português com eles ,com a nora e o filho (não poderia ser de outra forma.... As coisas do mundo lá fora,.... é português, senão ninguém entende.

.(Berta)

- " Aqui falo alemão ...menos de política....que falo em português- Lula ,Fernando Henrique, eleição ,etc. É bom ainda lembrar! " (Anna)

- "Só alemã.. desde que vim para cá- Mas só aqui...(Doris)

O efeito do deslocamento nas mulheres alemãs foi mais expressivo do que nas inglesas. Como explica Bourdieu (1996:42), os locutores *desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio*. Não falta às pessoas a capacidade natural de falar, mas a de falar a língua aceita como legítima, que retrata as distinções sociais, quer dizer, não é uma questão de falar, mas de se fazer escutar e ser reconhecido. Segue o depoimento de uma alemã:

(...)

Doris: "Com meu filho eu só falava alemão até ele ir para a escola".

Anna: " A influência de fora é maior"

Berta: " Eu tinha dó do meu filho que só falava alemão quando começou a escola e ele não entendia nada...nada...em casa não tinha nada no livro porque não sabia..

Doris: " Nós temos o mesmo problema... .Meu filho "

(é interrompida)

Clau: " Eles entendem até quando vão à escola, depois... acabou. "

.Doris:..... "quando viemos, meu filho tinha seis anos,...Era difícil português..".

(é interrompida novamente)

Clau : " E sabe o que mais? A gente fala alemão em casa (se referindo ao tempo em que os filhos eram pequenos),.. fala alemão na cozinha, mas depois ele (o filho), começou a trabalhar, então precisava aprender muito mais português, que ele já sabia, né, e não teve dificuldade, não, aprendeu logo...

Berta: "..... teve uma professora no Tremembé , que não era freira e, ela não podia dar atenção para meu filho na classe, e disse que não teria tempo numa classe,.....não podia ensinar ele português mas ela era tão gentil ,.... e eu cheguei em casa desesperada - pensei , meus filhos nunca vão entrar na escola sem português, né, olha que, depois de um ano, você (se referindo a ela e a todas as mães bilíngües) já precisa falar : " Fala alemão!!! Fala alemão!!! É tão rápido como criança perde... Me deixou triste que perdeu a língua".

(.....)

A idéia de estudar as duas instituições se mostrou rica na diversidade de experiências o que condicionou o domínio lingüístico das entrevistadas. Fui estabelecendo relações entre os dados das duas instituições sob a minha ótica de pesquisadora já no papel de participante e, sem dúvida, as informações detalhadas fora do aspecto lingüístico foram se constituindo num montante variado e rico que se, por um lado, dificultava a análise específica, por outro, contribuía para um entendimento claro das circunstâncias que envolveram a vida dessas pessoas:

".....agora vou contar uma coisa, não sei se interessa mas p'ra mim foi muito interessante, meu marido já vinha antes aqui p'ro Brasil , e ele queria que eu vinha aí, né.. mas a gente não era casado, mas naquele tempo, foi antes da guerra né, eles não queriam mais muitos estrangeiros aqui,, ele tinha que trabalhar fora na roça, eles não queriam mais na cidade, né.. e também tinha que ser da família só, ou a mulher ou o filho ... então como eu.. não somos ainda casados, então a gente não podia casar em lei alemão...que lei alemão, eles querem os dois lá para assinar, mas o lei brasileiro, eles permitem que a gente pega um...como que fala?... um... que assina ...um conhecido... eu nem assinei... algum homem assinou p'ra mim.. né, e assim eu podia entrar no Brasil...É, só casado podia naquele tempo... foi um tempo difícil... querendo gente só na roça....." (uma residente alemã)

Na verdade, ao fazer uso desse tipo de informação para minhas reflexões a respeito das condições de todo um processo ou ao “*aceitar a proposição sociológica de que as declarações e descrições que um indivíduo faz sobre um acontecimento são produzidas a partir de uma perspectiva a qual é função de sua posição no grupo, o observador pode interpretar tais declarações e descrições como indicações da perspectiva do indivíduo sobre o ponto em questão*” (Becker, 1992:53), eu percebia que as informantes, dentro do contexto atual, adicionavam elementos do passado para uma própria leitura de suas vidas. A informante acima, ao tentar explicar a aquisição ou perda da língua, passa a se lembrar do passado em cuja época toda a sua vivência está inserida. Através da construção da memória, tem-se a impressão de que o que se está transmitindo é a essência de uma cultura, pois o narrador transforma a sua experiência em experiência dos que estão ouvindo as histórias.

Ao fazer as perguntas às residentes e, depois ouvi-las nas suas histórias de vida, eu estava fazendo um julgamento sob a minha ótica, a de pesquisadora, brasileira, sem nenhuma experiência de guerra, e, as enquadrando numa análise posterior. Da mesma forma, as histórias paralelas ao assunto da pesquisa eram reveladoras de pessoas de uma língua *dominante* e de outra *dominada*, permito-me dizer ao tratar da relação de dominação.

Este aspecto se evidenciou também quando lhes perguntei qual língua era/é a preferida ao falar com os filhos; no caso da língua inglesa (língua dominante no mundo e, portanto, de prestígio), as senhoras foram incentivadas, “forçadas”(pelos pais) ou encorajadas a manter seu idioma de origem em tais domínios:

- no trabalho, pois era com esse idioma que trabalhavam (quase todas foram secretárias).
- no lar, pois tanto quando ainda eram crianças como quando já se casaram, suas famílias consideravam que ao se preservar o idioma de domínio internacional, os filhos teriam maior ascensão profissional.

Se verificarmos os quadros 11 e 12, teremos a comparação entre as duas comunidades no que se refere à preservação da língua - quando pequenos (sem influência de escola), os filhos de ambas as famílias falavam com os pais na Língua Materna. Com o passar do tempo, as famílias alemãs perderam o controle sobre o domínio da sua língua de origem, enquanto que o mesmo não aconteceu com as famílias inglesas. Se, por um lado, o uso Língua Materna se mantém na comunicação entre mães e filhos das famílias inglesas, o mesmo não acontece

com as alemãs, que só conseguem se comunicar com os filhos (seus parentes mais próximos), se usarem a Língua Portuguesa.

Língua	Materna	Português
Filhos falavam	X	-
Filhos falam	X	X
Filhos preferem c/ vc	X	-
Filhos dominam	X	X*

Quadro 11 - Língua da mãe & Língua dos filhos – Mulheres de Nacionalidade Inglesa

* Há visíveis influências do Inglês em seu Português

(Entrevistando uma das senhoras inglesas)

- (...)Hoje, qual a língua que suas filhas dominam?
- Bem, uma ainda mora na Inglaterra, Susan, a mais velha.....a Ann trabalha aqui, mas está trabalhando com uma firma inglesa...ela está na parte executiva. e fala com eles em inglês... é diria que ela usa mais o inglês (...)

Língua	Materna	Português
Filhos falavam	X	-*
Filhos falam	-	X
Filhos preferem c/ vc	-	X
Filhos dominam	-	X

Quadro 12- Língua da mãe & Língua dos filhos – Mulheres de Nacionalidade Alemã

* Ao entrarem na escola, aos poucos perdiam o interesse ao idioma materno

(Entrevistando uma das senhoras alemãs)

- E com o marido na presença dos filhos, qual era a língua preferida?

Doris: " Alemão! "

Clau " Alemão ! "

Anna: " Alemão! " Enquanto meu marido estava vivo, só falava alemão. Mas depois ele morreu , e aí cada vez mais eles só falavam português!

Berta: " Aí eles começaram a namorar e as namoradas falavam português,..... e aí, perdeu. Quando eu estava com meu filho sozinha, falava alemão , mas quando a namorada estava perto, só era português.....

Anna: " Com os netos eu só posso falar português, senão eles (netos) falam: " " Vó, você fala tudo errado. " "

- " Qual é a língua que os filhos falam? "

Anna: "Português."

Berta: "Português e alemão... um pouco... só quando eu pergunto alguma coisa em alemão."

Clau: "Português e Inglês no trabalho."

Doris: "Falava português"

- "Qual é a língua que os filhos usam para falar com você?"

Anna: "Português."

Berta: "Português, é claro! A mulher dele é brasileira...."

Clau: "Alemão, as vezes um pouco, mas é mais português."

Doris: "Falava português."

(...)

Berta- "Assim' faz' muitas crianças... eles entendem mas respondem em português."

Anna- "Mas eles aprendem melhor com criança, né? Primeira palavra que aprendeu ...COBRA...tinha uma cobra no jardim..."(...)

Clau - Eles aprenderam mas quando meu marido faleceu muito cedo, eles começaram namorar, e aí, não falávamos mais alemão.

Anna - Quando meu marido estava vivo só falava alemão.

Clau - Eu falava com meu filho quando "estava suzinho", é alemão, mas depois ele casou e quando ELA tá xjunto, então eu "fala" português, né? (usa ênfase quando fala ELA, se referindo à nora)

Anna- É, a gente falava alemão, ele respondia em português.

Um aspecto interessante de se notar, é o fato de que na primeira visita que fiz, havia toda uma expectativa, estranhamento e curiosidade acerca do que me levava ali. Isto, se por um lado tem desvantagens, por outro trazia decerto uma contribuição autêntica, sem "ensaio", o que já não aconteceria nas vezes que se seguiriam. Nas visitas subseqüentes, decerto depois de terem conversado entre si, as residentes reagiam de uma dentre estas maneiras:

- ou com certo desinteresse pelo contato ter sido diferente do que esperavam,
- ou com imediata prontidão como se, ao já saber o que eu fazia ali, tivessem o "script" na cabeça,
- ou, até mesmo, para competir entre elas e contribuir da maneira mais rica para a minha pesquisa, com as estórias de suas vidas.

De minha parte, eu continuava na tarefa de colher os dados e, aproveitar a riqueza dessas contribuições para meus estudos.

3.7 O outro

A ideologia existente atrás da seleção que homens e mulheres fazem no nível linguístico conduz a uma diferenciação na participação social dos sexos em termos bastante desiguais, o que os faz crescer, aprendendo a mesma língua de maneira diferente, para fins diferentes e, como resultado, fazendo-os ver a si próprios, homens e mulheres como diferenciados. O estudo da ideologia do gênero representa mais do que a observância da diferenciação do uso da língua entre homens e mulheres e, não se limita a definir o aprendizado que a mulher tenha que desenvolver para possuir as qualidades do homem.

Na instituição Inglesa tive a surpresa de ter um informante do sexo masculino que demonstrou interesse em dar depoimento. Mr. Smith, (nome fictício) tendo tido em sua vida acadêmica grande importância para uma Instituição Britânica em São Paulo, está morando há alguns meses na entidade. Lá, diferentemente das mulheres, este senhor montou, no seu quarto, um pequeno escritório com computador e mobília necessária para continuar “trabalhando”, segundo seu depoimento. Ele prepara alunos particulares para exames externos e orgulha-se desse fato, fazendo questão de deixar claro que não só sente-se bem, como, por ser “homem”, tem mais o que fazer do que deixar o tempo passar. Numa ocasião de almoço, quando tive a oportunidade de sentar-me à mesa com eles, este senhor fez sua refeição com rapidez e, desculpando-se amavelmente, retirou-se da mesa dizendo:

“... perdão mas tenho compromisso, preciso preparar minhas aulas,... tenho um aluno mais tarde...”

Será que o papel dos homens como provedores da família não estava ali presente na figura do Mr. Smith? Não terá ficado claro que as mulheres podiam continuar batendo papo por não terem nada mais a fazer mas que o mesmo não acontecia com ele por ser homem? Pareceu-me que, com isso, ele tentasse estabelecer uma diferença entre a sua vida e a das mulheres residentes. Ou que os papéis representados ali davam continuidade a uma relação social básica - o homem precisa prover o sustento e a mulher pode “perder” tempo.

Numa outra ocasião, Mr. Smith desculpou-se por não poder estar presente na cerimônia do chá que acontecia diariamente às 15 horas (mencionado anteriormente), pois teria que conectar seu computador. Como afirma Debert, muitos homens consideram que a sua estadia nos asilos é temporária pois estão aguardando a “*retomada de um contrato*” (Debert,

1999:116). No caso do Mr. Smith, o “contrato” entrou dentro da própria instituição diferenciando-o de todas as outras residentes. Quando lhe perguntei qual era a língua preferida para certos assuntos, respondeu-me com um vocabulário estatístico, expressivo de um homem atualizado:

- *Religion?*

S - 50% .

- *Religion?*

S - 50% .

- *Politics?*

S - 50% - 50%.

O caso que presenciei na instituição inglesa mostrou-me que o homem realmente parecia estar envolvido nas suas atividades, que embora acontecessem num novo espaço, davam o aspecto de rotineiras como se nada tivesse mudado na vida desse homem. Talvez seu apego a essas atividades que exercia antes de pertencer à Instituição demonstrasse também uma possível resistência ao envelhecimento, que se manifesta de uma forma específica na qual se reproduz a diferença (ou desigualdade) das expectativas sociais em relação aos gêneros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não teve a preocupação de constatar diferenças nos padrões lingüísticos entre homens e mulheres, pois isto já tem sido muito bem feito por estudiosos do assunto. Diversamente, o que eu propus aqui foi um estudo de caso preocupado em averiguar as implicações sociais da existência de tais diferenças; que as diferenças existem é fato; a proposta dos estudos mencionados neste trabalho, acredito eu, é para chegar-se a um respeito mútuo, o que poderá levar a uma melhora do mundo em que coletivamente vivemos.

A conscientização desse fato representa um pequeno progresso nas relações de igualdade entre homens e mulheres. Não obstante os esforços de vários profissionais empenhados em diminuir, se possível, as desigualdades pela própria conscientização, algumas críticas surgiram sobre as teorias que foram aceitas nos anos 70; porém, elas tiveram o mérito inquestionável de abrir caminhos para o contraste entre a fala masculina e a feminina. Diferentemente dos positivistas que vêem a língua como um refletor da realidade social, porém independente desta, os sociolinguistas citados nesta pesquisa consideram a língua como uma atividade social na qual a construção de significados e realidades sociais acontecem. Obviamente, esta constatação não apresenta obstáculos, ao se considerar que o que importa é o desenvolvimento de métodos para que se possa descobrir quando o exercício do poder através da língua é benevolente e quando é prejudicial. O desafio, portanto será discernir entre as formas de determinação desejadas e as não desejadas e, então, substituir o poder negativo pelo positivo.

Na verdade as desigualdades de gênero são manifestadas através da língua que, por sua vez, traz e perpetua essas desigualdades no sentido de que quanto mais o homem percebe o poder que a ferramenta da língua vai exercendo e abrindo caminhos para a expansão do poder masculino, mais ele fará uso dela: o discurso será burilado e intencionalmente manipulado para que as desigualdades entre o homem e a mulher continuem a existir. Simplificando, se não houvesse a escrita e a fala, o que é a situação de homens e mulheres mudos, ainda assim as desigualdades entre gênero e poder continuariam a acontecer. Estaríamos aqui estudando somente a relação gênero e poder, não mais gênero e língua.

Com base nos estudos e na aplicação dos mesmos nos relatos, fui em busca de evidências lingüísticas que reiterassem as teorias que relacionam o poder ao gênero, bem como das correntes de oposição, já que a fala é um processo social que, por isso, também sofre influências das mudanças nas culturas. À medida que eu, como pesquisadora, me aprofundava nos estudos para encontrar explicações para as diferenças da fala feminina, constatava que o feminismo, o nacionalismo, as lutas étnicas e raciais não podiam ser agrupadas em um pacote só com o rótulo “Minorias”. O que esses grupos têm em comum é o fato de que todos lutam contra a opressão e desrespeito provindos de uma cultura dominante têm um objetivo comum a curto prazo - o de não mais serem discriminados. Contudo, a longo prazo seus objetivos são específicos e, portanto, definidos em termos culturais, políticos e sociais que os diferenciam entre si.

O meu trabalho pretendeu não só mostrar um pouco desses estudos sobre gênero como, também, analisar essas diferenças sob a ótica de dominação de uma cultura sobre a outra; o que me foi sendo revelado através de depoimentos e leituras é que as relações de dominação estavam por trás das explicações das diferenças. Segundo Orlandi (1999:27), na organização dos dados, o *analista* estará construindo o *dispositivo analítico*, mobilizando seus conceitos dentro de uma *dispositivo teórico* que é de uso geral. Seus recortes serão diferentes do que seriam para outro analista, colhendo o mesmo material. O próprio percurso teórico terá sido submetido a uma seleção em face do enfoque a ser dado na pesquisa através da visão do analista-pesquisador. As perguntas feitas aos entrevistados resultam de opções feitas pelo pesquisador, o qual estará, para tal, mobilizando conceitos dos quais não se separa como sujeito que é. Isso quer dizer que a interpretação do material de análise resulta do dispositivo analítico do pesquisador, o qual já fez as escolhas quando foi em busca desse material. O alcance das conclusões a que chegará o analista-pesquisador estará fundamentado nos campos teóricos, porém poderá alçar vôos dependendo da maneira que construiu seus dispositivos analíticos.

Trabalhando com a transparência da linguagem, presente nas entrevistas, eu, como pesquisadora, colhia, ou melhor, “recolhia” o depoimento na sua “materialidade” para então contrapô-lo com os fatores idade, gênero e bilingüismo, que constavam dos dados. Através destes, pretendi mostrar que a fala feminina não só tem sofrido discriminação pelas

diferenças discursivas com relação à fala do homem, mas também pelo contato com outra língua. As duas comunidades com que trabalhei têm em comum a mesma língua adotada: a língua portuguesa. No entanto, trazem na sua bagagem cultural e identidade línguas que possuem uma aceitação diferente em vista do capital lingüístico que têm ou não. Na situação difícil que o bilingüismo cria pela adaptação ao mundo novo ou adoção da nova língua, a mulher bilíngüe sofrerá uma dupla discriminação (se sua língua for desprovida do poder), pela fala “feminina” e pela aquisição da língua do país. Se, por outro lado, a mulher bilíngüe traz consigo a língua dominante no mundo econômico, ela (a mulher), fazendo parte do sistema, verá nestas circunstâncias sua língua dominando outra, o que acontece pelo fato de essa língua possuir um capital lingüístico valioso que diferencia sua trajetória.

Porém, devo enfatizar, aqui, que o deslocamento espacial a que a adoção de um novo país submeteu as mulheres da minha pesquisa repercutiu nas suas identidades ao longo do tempo. Mesmo se considerarmos que muitas das mulheres inglesas tenham nascido no Brasil, os ensinamentos de suas famílias perpetuaram sua formação, reiterando o fato de terem a posse de uma língua bem sucedida economicamente. Não teriam sido, então, estas levadas a dominar não só duas línguas, mas, mais precisamente, duas linguagens culturais que fatalmente as levariam a conviver com duas identidades? E no caso das alemãs, não teria havido a fragmentação de suas identidades, pela imposição da nova cultura do país adotado? Não terá sido o aprendizado compulsório da língua que lhes causara tanta estranheza uma agressão à identidade original dessas mulheres? Afinal, Geertz chama atenção para isso quando diz: (...)“*que um ser humano possa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas, e o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não “compreendemos” o povo*” (...) (Geertz, 1989:23).

Para as perguntas acima as entrevistadas não tiveram respostas, uma vez que pertenceram a um tempo em que começaram as emigrações e não ao tempo em que se começou a refletir sobre o que esses movimentos acarretariam.

Eu, particularmente, considero que as mulheres do meu estudo passaram por transformações sem se darem conta dela. Numa época em que às mulheres não era dado o direito de questionar, mas sim seguir o que o “destino” lhes oferecia, é muito natural que uma certa

alienação estivesse presente. Também tenho ciência de que, embora eu estivesse tratando de dois grupos étnicos diferentes dentro de uma cultura em comum (brasileira), ao final, suas vidas as conduziram para suas raízes, apesar de estarem longe de seus locais de origem. Digo isso porque, tendo as mulheres inglesas uma vida farta de oportunidades econômicas - desde que se observe, que essas oportunidades eram restritas ao que lhes era permitido pela sociedade, ou seja, obterem empregos considerados “femininos” pois aceitaram posições subordinadas no trabalho (secretárias)-, para elas foi mais fácil conviver com diferenças culturais, lingüísticas e sociais. Em nenhum momento, a elas isso pareceu desvantajoso, o que me deixaram claro nas entrevistas. O dom de possuírem a língua do colonizador lhes abriu portas de aceitação e respeito social. O seu convívio com a cultura do país adotado (Brasil) foi sempre acompanhado pelos traços de “englishness” que a cultura brasileira acolhia. Inegavelmente, esta reconhecia a superioridade britânica com a qual essas mulheres tinham sido contempladas, o que fazia parte intrínseca da personalidade dessas mulheres.

No que concerne às mulheres alemãs, a situação é completamente diferente. Sua língua não lhes deu oportunidades econômicas, principalmente por viverem na época devastadora da Guerra, em que a Alemanha não era bem vista aos olhos do mundo, nem tampouco do Brasil, país aliado dos USA. Como resultado, havia mais motivos para esconder a língua do que dela se orgulhar. Suas contribuições se limitaram às tarefas do lar, enquanto suas famílias (marido e filhos) eram absorvidas pelo mundo “lá de fora”. O processo de adaptação a que tiveram que se submeter foi seguramente mais difícil do que para as inglesas, o que as deixou sempre num estado de insegurança e incerteza.

Sendo “a sociedade, a fonte da noção de pessoa (personhood)”, (Forbes, apud Goldman, 1996:98), na minha pesquisa considerei que estava lidando com diferentes pessoas com inserções sociais distintas (alemãs e inglesas). Numa forma bem simplificada, eu diria que aquelas mulheres que apenas desenvolveram suas qualidades ditas “femininas” ou “do lar”, não obtiveram reconhecimento e mesmo as que puderam desenvolver seus dotes intelectuais e capacidade profissional tiveram que conquistar seu espaço e, por conseguinte, seu valor.

Apesar da diversidade lingüística ter definido a diferenciação entre as mulheres das duas instituições, elas apresentaram pontos em comum:

- seguiram seus maridos na luta pela sobrevivência,;

- enalteceram a figura paterna,
- e, por se tornarem viúvas ou órfãs, vieram a ser residentes de instituições para idosos.

Embora esta pesquisa não toma o tema da velhice, esta não só identifica as entrevistadas e periodiza suas estórias, como também, se volta para uma etnografia da nossa sociedade.

As mulheres deste estudo são enfim protagonistas, nesta altura da vida, de ações que não mais implicam nas demarcações sociais presentes nas suas vidas “lá fora”. As mulheres bilíngües alemãs e inglesas tinham chegado à velhice mas, como tiveram o privilégio de ter tal etapa “privatizada” pelas instituições, sentem-se protegidas da senilidade pelo mascaramento das novas condições.

(...) “Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades- traduções do dilaceramento da culpa. Mas a mulher e o velho não são classes: são antes aspectos diversificados e embutidos por entre as classes sociais” (...)

João Alexandre Barbosa, Prefácio à Ecléa Bosi, 1979:XI

Foi interessante notar que o novo espaço proporcionou às mulheres alemãs não só o contato com a língua de suas origens mas também, e talvez por isso, o resgate de suas identidades enfraquecidas e fragmentadas.

Nesse aspecto, as inglesas, dentro das instituições, passam a ocupar papéis sem privilégio nas relações sociais nesta etapa da vida - é de igual para igual, não mais o que haviam vivido quando suas línguas as diferenciaram de outras pessoas. Num caso ou noutro, a verdade é que, nesse estágio de suas vidas, não lhes importa saber se a fusão ocorrida entre as duas culturas (a de origem adicionada à do país adotado) teve um efeito criativo e produtivo ou se, pelo contrário, abalou as sólidas formações de suas identidades. Nem mais importa questionar se como disse Hall, *“pode ser tentador pensar na identidade na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando às suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização.”* (Hall, 2000:88)

Independente da diversidade lingüística, a pluralidade das experiências da vida em conjunto trará tanto para as mulheres alemãs, como para as inglesas, o resgate das memórias do passado - é o que as aguarda no final do caminho.

Ao analisar os dados sobre educação família, trabalho, preferência da língua que as mulheres alemãs e inglesas apresentaram, juntamente com suas narrativas paralelas, verifiquei que eles corroboram a hipótese inicial deste trabalho segundo as diferenças pelo valor desigual da língua. Apesar de compartilharem experiências similares, quer dizer, são mulheres bilíngües, migrantes, idosas, as diferenças nas trajetórias narradas se explicam pelo alto valor da língua que um dos grupos possuía.

.....

5. BIBLIOGRAFIA

- APPEL, R. and MUYSKEN, P., 1987, Language Contact and Bilingualism, London, Edward Arnold.
- BAKHTIN, M., 1979, Marxismo e Filosofia da Linguagem, Editora Hucitec, S.Paulo.
- BALDUS, H., & WILLEMS, E., 1939, Dicionário de Etnologia e Sociologia, S.P., Cia Edit. Nacional.
- BEARDSMORE, B., 1986, Bilingualism: Basic Principles, Clevedon, Multilingual Matters, pp.1-42.
- Becker, H., 1994, Capítulos 2,3,4,5, In Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais, S.P., Ed. Hucitec.
- _____, 1977, De que Lado Estamos? In Uma Teoria da Ação Coletiva, trad. Márcia B. de M. L. Nunes, R.J., Zahar Edit., pp 122-136.
- BENVENISTE, Emile, 1995, Problemas de Linguística Geral, Tomo I e II, Campinas, Editora Pontes.
- BOBBIO, N., & MATTEUCCI, N., 1995, Dicionário de Política, II, Brasília, Edit. UNB, 8ª edição.
- BOAS, F., 1940, Race, Language and Culture, New York, The Mac Millan Company.
- _____, 1938, The Mind of the Primitive Man, New York, The Mac Millan Company.
- _____, 1983, On Alternating Sounds In: Stocking Jr., George (org) The Shaping of the American Anthropology, pp 72-77.
- BOSI, Ecléa, 1979, Prefácio e Tempo de Lembrar In Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos, Estudos Brasileiros, Vol.1, S.P., T.A. Queiroz.
- BOURDIEU, P., 1983, O que falar quer dizer In Questões de Sociologia, R.J., Ed. Marco Zero Ltda.
- _____, 1999, A Dominação Masculina, R.J, Bertrand Brasil.
- _____, 1996, A Economia das Trocas Linguísticas, S.P, Edusp.
- BURTON, P, DYSON Kushari K. & ARDENER S., 1992, Anthropological Approaches to Second- Language Use, Oxford, Berg Oxford / Providence.

- BUTLER, J., 1990, Gender Trouble, Feminism and the Subversion of Identity, London, Routledge.
- CAMERON, D., 1985, Feminism & Linguistic Theory, London: Macmillan.
- CHESHIRE, J. & TRUDGILL P., 1998, (ed) The Sociolinguistics Reader, vol.2, London, British Library.
- CHOMSKY, N., 1965, Aspects of the Theory of Syntax, Cambridge, M.I.T. Press.
- CLIFFORD J., 1986, Writing Culture, Berkeley, University of California Press.
- COATES, J., 1986, Women, Men & Language, London, Longman.
- CRAWFORD Mary, 1995, Talking Difference on Gender and Language, London, SAGE Publications.
- CUNHA, M. R., 1986, Antropologia do Brasil, São Paulo, Edusp.
- DEBERT, G., 1986, *Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História Oral In A Aventura Antropológica*, pp 141-156, Ruth Cardoso (org), R.J, Edit. Paz e Terra.
- _____, 1999, A Reinvenção da Velhice, S.P., Edusp.
- ELLIS, R., 1992, Understanding Second Language Acquisition, Oxford, OUP.
- FAIRCLOUGH, N., 1994, *Text Analysis: Constructing Social Relations and the "Self" In: Discourse and Social Change*, pp 137- 155, Cambridge, Polity Press.
- FISHMAN, P., 1983, *Interaction: The work women do*, In Thorne, Kramarae and Henley, op. cit.
- FOLEY, W., 1997, ANTHROPOLOGICAL LINGUISTICS, an Introduction, London, Blackwell.
- FOUCAULT, M., 1980, Power & Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, New York, Pantheon.
- GEERTZ, C., 1989, A Interpretação das Culturas, pp 7-41, R.J., Ed. Guanabara Koogan S.A.
- GOLDMAN, M., 1996 Uma Categoria do Pensamento Antropológico, In *Revista de Antropologia*, S.P. USP, vol. 39, nº1, pp. 83-195.
- GRADDOL, D. & SWANN, J., 1989, Gender Voices, Oxford, Basil Blackwell.)
- _____, MAYBIN J., STIERER B., 1994, Researching Language and Literacy in Social Context, Multilingual Matters & The Open University.

- GUMPERZ J. & STEPHEN LEVINSON, 1996, *Introduction: Linguistic Relativity Reexamined*, In Rethinking Linguistic Relativity, "Studies in the Social and Cultural Foundations of Language" 17, Cambridge, Cambridge University Press, pp1-18
- HAMMERSLEY, M., 1992, What's Wrong with Ethnography? London, Routledge,.
- HAUGEN, E., 1979, *The Stigmata of Bilingualism* in J.B. Pride (ed), Sociolinguistics Aspects of Language Learning and Teaching, Oxford: OUP.
- HILL, J., 1987, *Women's speech in Modern Mexicano*, in S.U. Philips, S. Steele and C. Tanz (eds), Language, Gender & Sex in Comparative perspective, Cambridge, CUP.
- JESPERSEN, OTTO, 1990, *The Woman IN* Cameron, D., The Feminist Critique of Language, Routledge.
- JESPERSEN, O. (1922) Language: Its Nature, Development And Origin. London: Allen and Unwin.
- LAKOFF, R., 1975, Language and Woman's place (Harper & Row, New York,)
- LAKOFF, G., 1987, *The Importance of Categorization*, In Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal About the Mind, Chicago, The University of Chicago Press, pp 5 - 11.
- LEVI-STRAUSS, C., 1967, Antropologia Estrutural, ed. Tempo Brasileiro, R.J.
- MEAD, M., 1949, Male and Female, (ed) New York, William Morrow and Company, Publishers, , pp.136-148.
- NICHOLS, P.C., 1980, *Women in their speech communities*. In S. McConnell- Ginet, R. Borker, and N. Furman (eds), Women and Language in literature and Society. New York Praeger, pp.140-149.
- NUNAN, D., 1992, Collaborative Language Learning and Teaching Cambridge, Cambridge University Press.
- NUNAN, D., 1989, Understanding Language Classrooms a guide for Teacher Initiated Action, London, Prentice Hall.
- O' BARR, W.M. & ATKINS, B.K. 1980, "Women's language" or "powerless language"? In McConnell- Ginet, S. Borker, R. and Furman, N. (eds) Women and Language in Literature and Society, New York, Praeger.
- ORLANDI, E., 1999, Princípios e Procedimentos, São Paulo, Editora Pontes.

- PHILLIPSON, R., 1992, Linguistic Imperialism, Oxford, OUP.
- POYNTON, C.,1989, Language and gender:making the difference , Oxford,OUP.
- SENNETT, R.,1988, *O público e o privado* In O declínio do Homem Público, As tiranias da Intimidade, S.P, Ed. Schwarcz Ltda.
- SPENDER, D., 1980, Man Made Language., London, Routledge and Kegan Paul.
- STOCKING, Jr, George, 1982, Race, Culture and Evolution Essays in the History of Anthropology, Chicago, The University of Chicago Press.
- SWAN, J.,1992, Girls, Boys & Language,Oxford,Blackwell.
- TAYLOR, C.,1994, Multiculturalism - Examining the Politics of Recognition, Princeton University Press.
- WEST, C.,1995, Discourse & Society, London, SageThousand Oaks, vol.6, pp 107-131.
- ZIMMERMAN, D.H. & WEST, C. ,1975, *Sex Roles, Interruptions in Conversation* In B. Thorne and N. Henley (eds), Language and Sex: Difference & Dominance, Rowley, MA Newbury House,p.105-29.

6. ANEXOS

6.1 Questionário

(segue abaixo o modelo do questionário dado às mulheres entrevistadas)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia ,Letras e Ciências Humanas

Curso: Pós-Graduação Nível- Mestrado

Autor: Regina Aurea Leão de Castro

Área de Concentração: Língua e Literatura Inglesa e Norte- Americana

Projeto de pesquisa : *Identidade no discurso feminino em famílias bilíngües*

Pesquisa de Campo- (questionário)

SEXO..... NACIONALIDADE:.....

PROFISSÃO.....NACIONALIDADE /PARCEIRO/A.....

IDADE: ATÉ 20 ANOS..... DE 21 A 40 ANOS.....

DE 41 a 60 ANOS..... DE 61 A 79 ANOS.....

ACIMA DE 80 ANOS

Há quanto tempo mora no Brasil?

Quais as línguas que fala?

.....

Quais as línguas que o companheiro fala?

.....

Tem filhos?.....

Quantos?

Os filhos moram junto?

Qual é a língua que os filhos falam?.....

Qual é a língua que os filhos usam para falar com você?.....

Qual foi o grau de dificuldade para aprender a falar Português?

GRANDE..... RAZOÁVEL..... POUCO..... NENHUM.....

Dentro da família quem mais sentiu dificuldade de aprender a Língua Portuguesa falada no Brasil ?

Que línguas os filhos dominam atualmente?

Assinale a língua preferida com relação aos assuntos abaixo:

	Língua Materna	Língua Portuguesa
De trabalho:
Domésticos:
Vizinhança:
Políticos :
Festas, eventos:
Com o médico:
De religião

6.2 Transcrição das fitas

A transcrição dos diálogos com as entrevistadas respeitou totalmente as fitas originais; quer dizer, elas irão conter:

- hesitações,
- interrupções,
- mudança brusca de assunto,
- sobreposição da fala delas/ minha,
- certa interferência da língua estrangeira de suas origens em alguns casos, por exemplo, na omissão de artigos, na inversão do verbo ou outras,
- o uso incorreto da concordância verbal e nominal.

As falas serão transcritas em *itálico* e em tamanho menor de fonte.

O travessão - no início das frases, representa as perguntas da pesquisadora (eu).

Na identificação das entrevistadas, usei nomes fictícios para as alemãs inglesas. Mantive os nomes das instituições em sigilo.

COMUNIDADE ALEMÃ:

Como os dados foram obtidos dentro de entrevista coletiva, relatarei as respostas tendo como referencial o questionário que elas responderam. Irei pelas perguntas de uma a uma e entremeando com suas contribuições. Dentre as mulheres havia uma, a mais idosa, que se sobrepunha às falas das outras, interrompendo ou se apressando para responder antes delas. Ela vem representada pelo nome Clau e, na maioria das contribuições sua fala está presente. (Ver relatos)

- *Pois bem, qual é a nacionalidade das senhoras?*

Anna, Berta, Clau, : *Alemã.*

Doris: *Austriaca.*

- *E a dos seus parceiros? Mesmo que não estejam mais vivos.*

Anna, Berta, Clau, : *Alemão.*

D: *Romeno.*

- Bem, eu tenho aqui um quadro de idades. *Estão vendo? Se, quiserem, assinalem em que idade as senhoras se enquadram.*

Anna: *(enquadrou-se de 61 a 79).*

Berta: *(acima de 80 anos)*

Clau: *88 anos.*

Doris: *84 anos.*

- *As senhoras tiveram algum emprego?*

Anna: *Doméstica.*

Berta: *Recreadora.*

- *Como assim ? De parque infantil ?*

Berta- *Sim, onde as crianças brincam.*

Clau: *Prendas do Lar.*

Doris: *Doméstica.*

- *Há quanto tempo as senhoras vivem no Brasil?*

Anna: *50 anos.*

Berta: *50 anos.*

Clau: *67 anos.*

Doris: *63 anos.*

- *Quais as línguas que as senhoras falam?*

Anna: *Alemão e Português.*

Berta: *Alemão, Português e um pouco de Inglês.*

Clau: *Alemão e Português.*

Doris: *Alemão e pouco Português.*

- *Quais as línguas que o companheiro fala?*

(Duas falaram ao mesmo tempo): Já não estão mais vivos...

- *Perdão! Qual língua eles falavam?*

Anna: *Alemão e Português.*

Berta: *Alemão.*

Clau: *Alemão, Iugoslavo e Português.*

Doris: Só alemão.

- As senhoras têm filhos? Quantos ?

Anna: Sim ,um.

Berta: Sim, dois.

Clau: Dois.

Doris: Tinha um. Morreu de desastre com carro dele.

- Os filhos moram (moraram) juntos ?

Anna: Sim, até casar.

Berta: Sim.

Clau: Claro.

Doris: Moraram.

- Qual é a língua que os filhos falam?

Anna: Português.

Berta: Português e alemão.... um pouco.... só quando eu pergunto alguma coisa em alemão.

Clau: Português e Inglês no trabalho.

Doris: Falava português.

- Aqui, vamos continuar. Que língua seus filhos falam; a senhora falou alemão e português, não é?

(me dirigi à Clau)

Clau - Meu filho?

-Atualmente.

Clau - "Alemão". Português, também, ele precisa para o serviço. E Inglês.

- Ele ainda fala alemão?

Clau - Só um pouco,... comigo.

- Bem, vou perguntar qual é a língua preferida para estes assuntos? Nos assuntos domésticos, as senhoras usam qual língua?

Clau - "Alemão". Também. Só mais tarde com meus netos eu tinha que aprender Português. Porque minha nora não queria aprender alemão.

- Ela é brasileira, sua nora?

Clau - Ahn! Ahn! (assentiu com a cabeça).

- Vizinhança? Qual era a língua preferida?

Clau - Aqui? Alemão?

Anna - Português. Antigamente, na minha rua.

- Assuntos políticos?

Anna- Difícil falar. Se falar vai ser português. Porque depende da televisão, notícias...Estado (se referiu ao jornal.

Clau - Não, é difícil.

Doris - (Não respondeu)

Berta - Português na televisão

(não acho que ela entendera o que eu tinha perguntado)

- Nas festas, eventos, qual é a língua falada nas festas?

Clau - O que é eventos?

- Natal, festas de comemoração a alguma data,...

Clau - Bem, aqui é português, mas na *minha casa* é meu, meu, né, quando falo com meu filho falo alemão, quando a "outro" família está "xjunto", então tem que ser "a português", né?

(aqui sua pronúncia é extremamente carregada de sotaque)

Berta -Português.

Doris - Non, non! (esta senhora sempre sentia grande dificuldade de se expressa).

Anna - Depende de quem está na festa, mas é mais português.

-Com o médico, qual a língua que as senhoras falam?

Clau - Com nosso médico aqui, "alemon".

(as outras assentiram com a cabeça)

- E se tiver assuntos de religião, qual é a língua preferida?

Clau - Bom, preferida eu só.....é.. (hesitou aqui).

Berta " Ichauf." disse alguma coisa em alemão.

Clau - "Batizado evangélica"

- Mas, se o assunto que se está falando é religião, qual a língua que se vai usar?

Berta - (a mesma que se expressou em alemão na frase anterior) -Alemão, porque nós temos aqui, domingo culto em....

Clau - nós temos culto ai, "enton, é falar alemon".

- Que interessante!

Clau - Escuta, não tem que assinar ai?

- Não, não precisa. Agora vou pegar estas respostas e estabelecer qual língua é mais usada, etc,.....(aqui dei uma explicação mais detalhada dos meus estudos e porque eu estava ali).

.....

Berta - Antigamente a mulher não saía de casa. Hoje já mudou, ela fala com as outras pessoas, não usa mais o alemão.

Clau - Só quem "que" trabalha fora, muitos filhos nem sabem falar alemão porque fala só com empregada.

Eu ouvi muitas vezes né, mas este não é meu caso, não.

- A influência da mãe é muito grande...

Clau -só até ir para a escola.

Berta - Ai, acabou!

Anna - Acabou! (fazia tempo que esta mulher não contribuía com respostas).

Doris - É.

Berta - Eles entendem até quando vai p'ra escola, ai, só português.

Clau - E depois, casaram combrasileira, dai, acabou

Berta -não falaram mais alemão.

(foi com dificuldade que consegui entender estas falas pois houve uma superposição de fala entre três das mulheres (Anna, Berta, Clau).

- Ai, netos. Falavam o que?

Berta - Nada.

Clau- Até eu tinha dó do meu filho porque ele sabia só falar alemão, e depois na escola não entendeu nada...vem p'ra casa e tinha nada no livro porque não sabia...

Berta - Nós tínhamos o mesmo problema. O meu filho "estava" 7 anos (quer dizer com 7 anos) mas..., põe na escola, primário, claro. Chegamos aqui, lá em Tremembé, naquele Santa Gema (nome de um colégio de freiras ainda existente no mesmo lugar), lá em cima....

Clau - (interrompendo) E sabe o que mais? A gente fala alemão em casa, a gente fala alemão na cozinha, a gente fala....., mas depois quando ele começou a trabalhar, então ele precisava aprender muito mais "em português", como já sabia, né?

- E teve dificuldade?

Clau - Não, não teve dificuldade.

A - Alemão, "só em casa, ai acabou".

D - Era alemão, falava ...marido.

B - Eram freiras ali naquele colégio, não sei se ainda hoje são.

- Sim, são.

B- Só sei que no primeiro ano estava uma professora sem ser freira, mas ela "estava" tão gentil, eu me lembro, quis ensinar meus filhos, é "borracha",...mas "eu não tenho tempo numa classe, não posso ensinar eles português" (aqui ela esta se referindo às palavras da professora); cheguei em casa desesperada, não sei, os filhos nunca "vai" entrar na escola sem o português,né? Olha que depois de um ano, você já precisa falar: FALA ALEMÃO, FALA ALEMÃO, é tão rápido com crianças!...

- Bárbaro!

B - A gente queria também continuar a língua... Mas isso é difícil.

C - Se aprende melhor com criança, né? O vizinho tinha criança,.. "primeiro" palavra que aprendeu COBRA, tinha uma cobra no jardim.

(risadas)

A - O filho esqueceu logo o alemão..

D - (não falou... talvez se lembrasse do filho que perdera)

A - Não adianta, assim " faz" muitas crianças, sabem, eles entendem mas respondem em português.

C - Isso acontece.

- E com o marido qual língua falavam?

B- Alemão.

C, A, D,- Alemão! (as três juntas)

- E quando o filho estava junto?

B - Alemão também, mas eu estava preocupada para meu filho aprender português, então, não queira muito falar alemão. Mas eu não sabia o português, mais o meu marido.

D- Marido falava português melhor com filho.

C - Eles aprenderam mas quando meu marido faleceu muito cedo, eles começaram namorar, e aí, não falávamos mais alemão.

A - Quando meu marido estava vivo só falava alemão.

C - Eu falava com meu filho quando "estava suzinho", é alemão, mas depois ele casou e quando ELA tá xjunto, então eu "fala" português, né? (usa ênfase quando fala ELA, se referindo à nora)

A- É, a gente falava alemão, ele respondia em português.

- Qual é a língua que os filhos usam para falar com as senhoras?

A: Português.

B : Alemão, as vezes um pouco, mas é mais português.

C : Português, é claro! A mulher dele é brasileira.....

D: " Falava" português.

B - Logo, os netos falam : "Vó, você está falando tudo ERADO".

(risadas)

A - Acontece várias vezes, né?

- Qual foi o grau de dificuldade para aprender o português?

A, B, C, responderam "Razoável." (segundo a classificação do questionário)

D: Grande!.

B -As únicas palavras que eu sabia depois de um tempo aqui, eram : FEIRA, LIXO, PIA. Nada mais.

- É verdade! disse a A.

- Dentro da família, quem mais sentiu dificuldade de aprender a Língua Portuguesa falada no Brasil?

A- Meu marido!

B: Eu !

C: *O marido, só... um pouco.... as mulheres ficam em casa!..*

D: *Meu marido..... mas.... eu achava mais difícil.*

C- *Meu marido falava alemão, italiano, iugoslavo e português.....Para ele foi muito fácil a língua Portuguesa - logo ele foi trabalhar na Mercedes..... As mulheres quando chegaram aqui, foi mais difícil.*

Ao serem indagadas sobre quem na família tinha sentido mais dificuldade ao aprender o idioma português elas foram unânimes :

“-FOMOS NÓS. “

.Depois, foram se explicando melhor (ver acima).

C - *O marido logo aprendeu.*

A -....mulheres ficam em casa..

- *Como classificariam o domínio do aprendizado destas 4 habilidades em Português: Ouvir, Falar, Ler, Escrever?*

A- *Para mim é mais difícil escrever.*

B: *Escrever e ler livros.*

C- *Sei que escrevo errado...! Falar, já vai mais ou menos, mas quando escreve, né? A primeira carta de aniversário do meu neto, ele já achou TRÊS ERROS, SÓ NUM CARTÃO. (ênfase).*

(risadas)

C -*Nunca estudei, só assim falando...*

D: *Tudo é difícil...escrever,... não sei,....ler é difícil Leio em alemão.*

-*E aqui, o material de ler, é alemão?*

- *Aqui quase tudo(leitura) é alemão, inglês, toda a nacionalidade.*

B- *Aqui esquece um pouco português.*

A - *Sempre fala alemão aqui..*

D - *Aqui agora mais fácil. (quer dizer que se tornou mais fácil por entender o que falam)*

- *E então qual era a língua preferida em casa depois de um tempo no Brasil?*

A - *Meu marido falava alemão comigo mas, quando os filhos estavam perto ele mudava para o português.....para eles aprenderem.*

C - *Em casa, meu marido só falava alemão até as crianças irem para a escola....depois ele mesmo preferia praticar o português.*

B- *Meu marido não... Ele falava alemão, mas aos poucos, ele ia respondendo as perguntas dos filhos em português.....porque os filhos só falavam em português.....Mesmo quando nós conversávamos, eu usava o alemão e ele, cada vez mais, o português.*

(Da austriaca (D) não consegui obter resposta pois ela não entendera).

- As pessoas que moram aqui, bem deve ter muita gente que quer entrar aqui...

C - Tem, tem! 210 pessoas.!

- E aí é escolhida ...

C - Mas tem mais homens do que mulheres.

B- Não, não! Mais mulheres do que homens.

C - Ah, é!

A - Viúvas. Mais mulheres.

C - E os homens que tem, muito mais doentes. Olha nós vamos fazer várias ginásticas, ioga, e coisas. Mas homem é difícil.

B - Muitos tem vergonha.

A - Justamente.

D - Não. Não "vem" homem.

C - Eles têm vergonha, tem muita mulher.

B - É, se tinha mais homem, eles não tinham vergonha.

C - Na ginástica, tem um ou dois homens, o resto é mulher.

- Bem, há quanto tempo as senhoras estão aqui?

C - 10 anos. Hoje!

- Hoje!

B- 8.

A - Acho 7 anos.

D - Desde que filho morreu. (assunto recorrente para esta senhora)

C - Isto é para pesquisa? (se referindo às perguntas)

- Sim, (aqui voltei a dar detalhes do meu trabalho)

A - Gostou daqui?

- Sim, é bem bonito.

B - Ontem, só para falar do bonito, eu estava na ioga, e aí veio quando alguém aqui das empregadas: "Ai, está esperando um senhor já meia hora para a senhora". Por que não me chamam, né? Então eu corri de lá, " Mas o senhor está esperando meia hora aqui, porque não me chama?" " Tava tão lindo aqui, eu fiquei sentado aqui fora. "

(todas concordam com a observação)

A - Tem flores, pássaros,

D- Passarinhos,

B - Essa água (chafariz)...

- As senhoras saem daqui?

C - Duas vezes por ano, gente faz de ônibus um passeio em qualquer lugar. Esse ano foi uma vez só. Sempre é março e novembro.

B- Tem setembro, também, tem muitos passeios 2, 3 vezes. (Sobrepondo-se à fala da C que realmente as impedia de opinarem.

A - Muitas vezes, vem orquestras, dança folclórica.

- E como é a provisão de comida? As senhoras tem que ver isso?

C -Tem um restaurante aqui quem que pode andar e vai almoçar.

B - Café da manhã e vem em casa na térmica.

C - Eles trazem café, almoço, depois mais uma vez café, e depois uma sopa. Assim como eles fazem no hospital, sopa eles jantam. Porque os empregados que vão embora cedo, então...

(ela dominava a conversação)

- E aí, à noite tem um núcleo p'ra se reunir?

B- Não, é difícil.

A - Não. Tudo fecha.

B - Depois 6 horas aqui em geral, não é por causa escuro, mas cada um fecha sua portinha.

C - Tudo fica vendo novela.

(risadas)

C- Ninguém na rua. Parece que não mora ninguém.

B- Fazer joguinho, tudo durante de o dia... de noite.

C- "television".

A - Tudo na sua casinha.

- Aqui é uma casinha p'ra cada pessoa?

C -Deixo explicar p'ra você como que é: nas casinhas moram casais e também mora uma pessoa. E depois tem quarto duplo e tem quarto individual. Eu moro em quarto duplo com um amiga minha 6 anos. Escuta (se dirigindo as outras), como que chama "....." (palavra em alemão) em português?

A - Sociedade.

B - Asilo.

C - Não, asilo, não! Sociedade Beneficiente Alemão. Esse é inteiro, porque eu não moro num pavimento só, como ela, eu moro numa casa que tem 14 quartos.

A - Casinha.

B - A senhora mora num apartamento.

C -É melhor dizer apartamento.

B - Não! Não é melhor, é o certo!

(aqui as outras já mostravam sinais de irritabilidade)

- Agora, aqui, dá licença perguntar, as senhoras vieram depois de uma idade ou tem uma idade minima?

B - Antigamente, falavam depois 70, agora..

C- Agora 75.

A- Ah, é?

D - Eu nem sabia.

C- Vim porque minha irmã morava aqui. Então por minha mãe. Morava 50 anos no Rio. Olha, quando cheguei aqui NÃO FALAVA UMA PALAVRA ALEMÃO, porque lá só falava português. No Rio.

- No Rio tem pouco alemão, não é?

C - Pouco não! Não tinha ninguém. Meus filhos casados com brasileira e os netos....Tenho uma neta que é tenente da Aeronáutica.

A - Mas aqui, você fala...

C - Sim "aprendi", li.

- Aqui o preço da acomodação é único?

D- Não. Tem vários.

B- Vários preços.

C - Quem tem um pavimento só preço é diferente

A - Mas a comida é igual.

B- Sim, lava roupa, passa.

C -O preço é diferente por causa das casinhas.

B- Tem serviço médico em geral.

- Não especialista.

A - Tem dentista!

D - Dentista!

C- Fisioterapia!

B- Cinema!

C - Toda quarta-feira.

A -Segunda, ioga.

- Que bom! É bem pensado.

B - "Muitos gentes" que dá muito força de si mesmo- aqueles voluntários. Quem faz ioga, étudo voluntária.

- E a condição é que seja alemão?

B - Antigamente, talvez 50 anos atrás, podia ser.

C - Tinha só porque antigamente ninguém outro estava procurando aqui, só alemão só alemão. Agora, todos que falam "eu tenho vó alemão", pessoas que falam português.

- A - 135 anos tem aqui.

- Isso tudo?

D - Era uma fazenda.

A - Ele sempre ia aumentando.

C - Temos uma igrejinha.Tudo.

B- Católica, Evangélica, Batista.

C - Tinha adventista, mas eles pararam. Tinha pouca gente.

D - É bom aqui.

- Quando as senhoras vieram p'ra cá, estavam viúvas?

C - Em geral assim; só tem alguns casais.

B - Tem pessoas... casadas.

A - Vem quando fica "suzinho".

B- Um fica muito doente. Geralmente quando um fica doente, se marido ou mulher precisa muito tratar e aí, já fica.

- As senhoras estudaram aqui ou trabalharam?

A - Escola só na Alemanha.

B- Só lá.

C - Só lá. Vim grande p'ra cá.

D - Lá. Foi Na Alemanha.

C - Eu nasci em 1910. Em 14 tinha a guerra. Em 18 acabou. Depois entraram os russos. Ficaram os russos um tempão. Aprendemos russo na escola. Depois entraram os romenos. Aprendemos romeno. Quando saímos de lá, meus pais saíram com passaporte romeno. Agora somos romenos. Eu falava russo, alemão, romeno, húngaros. Mas agora, não falo mais russo nem nada.

- 88 anos a senhora tem! Maravilha!

C- Eu ando muito!

- Aniversários são comemorados?

D - Aqui junta 3 meses e comemora os aniversários.

C - Agora vou contar uma coisa, não sei se interessa mas p'ra mim foi muito interessante, meu marido já vinha antes aqui p'ro Brasil, e ele queria que eu vinha aí, né.. mas a gente não era casado, mas naquele tempo, foi antes da guerra né, eles não queriam mais muitos estrangeiros aqui,, ele tinha que trabalhar fora na roça, eles não queriam mais na cidade, né.. e também tinha que ser da família só, ou a mulher ou o filho ... então como eu.. não somos ainda casados, então a gente não podia casar em lei alemão...que lei alemão, eles querem os dois lá para assinar, mas o lei brasileiro, eles permitem que a gente pega um...como que fala?... um... que assina ...um conhecido... eu nem assinei... algum homem assinou p'ra mim.. né, e assim eu podia entrar no Brasil...É, só casado podia naquele tempo... foi um tempo difícil... querendo gente só na roça.....

- Certo.

C - Para sair, fomos 1200 pessoas, foi ano 48, precisava pagar nada. Chamava IRA. (??). 1200 pessoas, não austríacos ou alemão, mas este gente que não queria voltar p'ra um país de comunismo- como Iugoslávia, Rússia, Polônia, Tchecoslováquia.

- E aí, nessa vinda, qual foi a maior dificuldade ao chegar no Brasil ?

B - O meu marido já estava aqui. Eu vim com parentes.

C - Eu também com marido, mas justo começou Mercedes. Esse foi sorte dele. Mercedes procuram gente que sabe língua alemão, português; e meu marido sabia italiano, alemão, da Iugoslávia. P'ra ele foi muito fácil língua portuguesa. As mulheres acho que foi difícil, só mulher sem ser casada ou sem família

B- Difícil!

C- Homem, sim. Mais fácil

A - P'ra esta época foi uma grande crise p'ra o Brasil, faltava lugares p'ra morar. Achar difícil também, difícil.

A - Depois ano 52, começou tudo, técnicos da Alemanha chegou p'ra Brasil e começou a construção de Brasília. Volkswagen começou, "muito" gente veio depois dele.

(esta senhora entremeava com palavras em alemão, quando começava a recordar, o que tornava difícil entender- as vezes as outras a traduziam" para mim)

C- Depois eles começaram a fazer metro e naquele tempo começou entrar do norte muita gente que depois não acharam serviço, e aí virou estas coisas. Eu morava na rua do lado onde começou o Metrô. Eles que não tinham onde morar e serviço, eles vinham pendurado e atrás, estava cheio de favela. Ai começou de roubos, foi no tempo que fizeram o Metrô.

B- Os nordestinos.

A - Tudo sem morar.

D - Vim com marido p'ra trabalho. Não sozinha.

B - Não podia deixar mais a casa aberta.

C - Esse tempo começou a construir muito em São Paulo.

(A partir daqui, ficamos conversando mais um pouco sobre a vida moderna de S. Paulo. Daí convidaram-me para passear lá dentro dos jardins, agradei as entrevistas e despedi-me.)

COMUNIDADE INGLESA

As entrevistas foram fornecidas individualmente. Os nomes usados são fictícios.

Residente Mildred:

- *A sua idade. Aqui tem várias idades: de 41 a 60; de 61 a 79; acima de 80 anos.*

M - Eu tenho 85. Vou completar 86.

- *Que beleza! O pessoal é muito "jovem".*

M - Bom, estamos todos aqui porque somos velhas.

- *Imagine! Uma perfeição de saúde, nossa! Tem gente que está aí fora, muito mais novo e muito mais velho de jeito de pensar,... de ser...de..*

M - Bom, eu acho que a geração de hoje não vai chegar à nossa idade com a saúde que nós temos.

- *É verdade...*

M - Alimentação errada, vida errada, e tudo, porque no nosso tempo era...era..

- *Tudo muito sem horário?*

M- Não tem organização, não tem disciplina.

- *Vejo que aqui quase todas foram secretárias, não é? E a senhora?*

M - Secretária. Porque no nosso tempo, não havia outra profissão para mulher - eu, uma vez, meu pai estava fanado de profissão e perguntou o que eu queria estudar. Eu disse: ENGENHARIA. ENGENHARIA MECÂNICA. Ele disse: "Ahm! Ahn!! (aqui, ela acompanhou com a cabeça, querendo dizer não)... você nunca seria aceita p'rum serviço, nunca. Só há 3 possibilidades para a mulher: - SECRETÁRIA: Você é bilíngüe e ganha bem e tem horas fixas; PROFESSORA: ganha mal e além do trabalho na escola, ela tem que levar trabalho p'ra casa p'ra corrigir; ENFERMEIRA: só viúva". Não ficava bem, moça solteira.

- *Olha! ...*

M: Não tinha escolha.

- *Mas essa coisa da mulher trabalhar fora, como a senhora vê?*

M: A mulher desenvolve mais. Ela toma iniciativa. As mulheres que não trabalham fora, não resolvem pequenos problemas...a repartição de águas manda uma conta absurda, então a mulher que não trabalha fora, geralmente se perde:"E agora"? Tem que chamar marido, se não tiver marido, vai discutir vizinho:"O que que eu faço? É um absurdo, eu não posso pagar..." Enquanto que uma já esteve fora, trabalhou, vai na repartição e briga, faz um escândalo.

- *É verdade!*

M: E quando ficam viúvas, ficam perdidas, porque não sabem nem preencher um cheque, né? Não sabem nada...

- *No seu tempo, era muito difícil a mulher arrumar emprego?*

M: Ah! Tinha que saber linguas, ter formação. Agora, eu acho que quando os filhos são muito pequenos, a mulher não deve trabalhar fora, porque a criança sen.... põe na creche, põe no parquinho, põe aqui, põe ali, mas não é a mesma coisa.

- Claro! Não é a mesma coisa.

M: Eu tenho uma amiga, estávamos conversando, ela disse que gostaria de voltar p'ra trabalhar. Eu disse: "Você vai voltar?" Ela disse: "Só quando o meu filho menor tiver 15 anos. Ai eu volto a trabalhar".

- É, podendo fazer isso, é uma maravilha!

M: Mas, a maioria das vezes, a mulher trabalha, porque acha que só trabalhando, aparece.. E de mais a mais, ela precisa trabalhar para cobrir despesas que ela faz porque está fora de casa: ela precisa um carro, uma babá, precisa uma cozinheira, roupas caras. No fim, acaba gastando o que ganha, mas ela se sente realizada, né? Agora, quanto aos filhos, bem os filhos, dá dó. Primeiro, a creche, depois o não sei que, depois enfia ele na natação, vai no judô, vai no inglês, o dia inteiro p'ra ocupar ele, p'ra não ficar na rua, ele ou ela.

.....

- Bom, então a senhora fala inglês, alemão,....fala alemão com alguém aqui?

M -Enferrujei!

- Porque alemão a senhora falava bem, não?

*M - E falei sueco também. ***

- AH!

M - Trabalhei 2 anos na Suécia.

- Ah! Trabalhou. A senhora saiu do Brasil, então...

M - Fui à Inglaterra 2 vezes, a passeio. Mas na Suécia trabalhei 2 anos.

- Então não estudou na Inglaterra nenhuma vez, né?

M - Não.

- A senhora casou-se?

M - Não

- Nem teve filhos?

M - Não.

- Poderia ter tido...

M - Bem no meu tempo teria sido escandaloso. Hoje é aceito, né...(risadas), imagine no meu tempo!

- (risadas) É verdade, é verdade. Ainda é um pouco. Bem, a senhora trabalhou sempre na mesma companhia?

M - Não. Eu trabalhei primeiro no Frigorífico Wilson, depois eu trabalhei na Atlantic na companhia de gasolina

- Certo.

M - Depois eu fui p'ra Suécia.....depois eu voltei. Trabalhei 2 anos na General Motors mas não gostei.

- Tudo em São Paulo? Aqui em S.P.?

M- Sim. Muita burocracia, muita coisa....Depois eu trabalhei em duas firmas pequenas, representantes de máquinas têxteis. E descobri que, trabalhar em firma pequena a gente não ganhe tanto, mas dá muito mais satisfação.

- É!

M - ...porque o serviço da gente é mais valorizado E a gente tem autoridade. Numa firma muito grande a gente não tem autoridade p'ra nada. Na pequena, o chefe pode dizer: "Bom, eu vou viajar, você toma conta do negócio". E você tem que se virar!

- É verdade!

M - Aconteceu o seguinte: meu chefe foi p'ro Rio, naquele tempo licença em importação só se dava no Rio. Ele e o "chefon" (destaque da pronúncia), vão p'ro Rio p'ra tratar disso que não saia.... Então, ele me disse que voltaria na sexta-feira à tarde. Sexta-feira à tarde, ele costuma,.... na sexta-feira de manhã ele costumava fazer o pedido de carne com o restaurante que tinha um contrato, restaurante muito grande que tinha um contrato com uma firma que fornecia carne especial. Então como ele não estava, a cozinheira telefonou p'ra mim, deu o pedido, como ela sempre dá, e eu preenchi o formulário, depois procurei alguém p'ra assinar porque eu não tinha autoridade. E ninguém mais queria assumir responsabilidade. Ai eu disse: " Olha, vocês vão imaginar agora o barulho vai ter se amanhã de manhã quando o Sr. K.. chegar aqui, não tiver carne p'ra semana." Ele era ruivo daqueles que pegam "fogo" facilmente.(risadas). Ai o tesoureiro resolveu assinar: "Você tem certeza? Mas você falou com alguém ? Você sabe disso?" " É o pedido de sempre, né "...E a cozinheira telefonou p'ra mim, pediu, e... "por isso eu assumo a responsabilidade" "Ah, mas a responsabilidade não é de uma secretária. Secretária é só secretária.!!!" Mas ele assinou, mandei p'ro restaurante e resolveu. Mas custou!

- Custou!

M - E se tivesse sido uma firma pequena, né..?

- Ah! Sim!

M- Né, teria toda a autoridade p'ra fazer.

- A senhora sentiu algum preconceito por ser mulher no seu trabalho alguma vez?

M - Como assim?

- Alguma vez a senhora foi passada p'ra trás porque era mulher?

M - Senti preconceito quando o homem falou: " ...é apenas uma secretária..." E também na escola alemã porque isso era logo depois da guerra, da primeira guerra mundial. E, minha mãe era inglesa então havia bastante preconceito por parte principalmente dos professores, né?

- E isso foi durante a guerra?

M - Escola alemã, a minha mãe era inglesa, certamente. Preconceito por ser mulher, nunca!!!

- Que bom! Agora, vou estabelecer quatro habilidades e a senhora me diz se teve alguma dificuldade com relação ao português, ou melhor qual língua prefere? Como a senhora sabe várias línguas, nas habilidades de ler e escrever, qual língua, a senhora preferiu e ainda prefere?

M - Inglês, por pura preguiça.

- Inglês? Nos dois? Ler e escrever?

M - Apesar de eu ler "O Estadão" (o jornal) todos os dias de manhã, e resolver as palavras cruzadas porque geralmente consigo resolver todas as perguntas.

- Mas a senhora prefere ler em inglês e se precisar escrever....

M - Em inglês.

- Tenho uma série de assuntos aqui em baixo (na folha do questionário), e a senhora vai me dizer a língua que predominava em cada situação remetendo ao seu passado. Bom, no trabalho, que língua era mais usada?

M - Inglês. Porque era mais valorizado, né?..... Era mais valorizado.

- É...

M - Inclusive era uma das razões porque eu tinha emprego.

- Verdade! A senhora começou a trabalhar com que idade?

M - 19 anos. Quando eu me formei no Mackenzie.

- Ah, tá!

M - Os assuntos domésticos, de casa, com a família, a senhora já me disse. Cada departamento tinha uma língua.

- E na mesa, tinha alguma predominância?

M - Não, a mesma coisa. Se falava com o pai, era alemão, com a mãe, inglês. Porque se eu tivesse pedido, por exemplo, manteiga a meu pai em inglês, ele não teria ouvido.

- Nossa!

M - Ele não falava nada, não corrigia, mas simplesmente não reagia.

- E quando ele falava p'ra todos, ele falava em alemão?

M - Sim, em alemão.

- E a sua mãe, quando falava p'ra todos, falava em inglês?

M - E minha mãe falava também alemão e meu pai falava em inglês. (dava-se o inverso)

- Entendi.

M - Quer dizer que tínhamos visita em casa, pessoas alemãs, pessoas inglesas, ninguém se atrapalhou.

- Com a vizinhança qual era a língua que predominava?

M - Inglês.

- É mesmo?

M - Porque nós morávamos nas Perdizes e quando, nós mudamos p'ra lá, era tão ermo que brasileiro não queria morar lá no mato.

- Olha!

M - "Lá só tem vaca" (talvez se referindo a alguns comentários que os brasileiros faziam) Não era bem assim, mas brasileiro queria centro de cidade

- Eu sei porque moro lá na Serra da Cantareira e lá tem muito alemão, sueco, tem mais estrangeiro que brasileiro, hoje está mudando.

M - Lá em Perdizes também mudou muito...

- Assuntos políticos, que língua foi/é a preferida?

M - As amigas alemãs, eu falava alemão, as inglesas eu falava inglês. E, por exemplo, Mackenzie, eu falava Português.

- Em festas, qual era a língua que predominava?

M - Ou alemão ou inglês. Mas alemão só enquanto íamos com meu pai nas festas de seus amigos. Depois acabou. Só ficou mais o inglês. Até hoje.

- Com o médico, no passado. Não aqui. Aqui a senhora deve falar inglês. No passado tinha uma língua que predominava?

M - Primeiro era o médico que falava alemão e a gente falava alemão com ele. Depois médico brasileiro, médico "português".

- Assuntos de religião, a senhora fala, ou quando falava tinha uma língua que predominava?

M - Não, dependia da pessoa com quem eu estava.

- A senhora tem religião?

M - Sou Anglicana.

- Tem alguma cerimônia aqui dentro?

M - Tem. Duas vezes por mês.

- Um culto?

M - Tem um culto num domingo à noite e numa quarta-feira comunhão.

- É importante isso. Ahn! O fato de a senhora dominar inglês, alemão, até sueco, português, alguma vez a senhora se viu numa situação de estar falando português e a palavra não vir e a senhora usar a outra alemã ou usar uma outra em inglês p'ra dizer aquilo? Ou o contrário?

M - Não, eu ainda acho que vale o velho costume de não poder misturar língua.

- E no caso do alemão, a senhora diz que deixou meio esquecido, né, porque não tem usado.

M - Não tenho mais convivência com alemães.....

- Faz tempo?

M - Já faz algum tempo. Sabe São Paulo ficou muito grande; a gente não pode mais viver uma visitando outra, porque é tudo mais espalhado. Então a gente tem principalmente um grupo pequeno que mora perto da gente.

- Exatamente! É muito grande e longe!

M - *Antigamente, não. A gente tomava o bonde e não demorava muito p'ra chegar na casa de uma na casa de outra...(ela deve ter querido dizer: "uma chegar na casa da outra").*

- *É. Muito tempo você leva.*

M - *Ficou muito difícil a locomoção. Os ônibus são desconfortáveis, sujos, vem quando vem, a gente espera eternamente. O trânsito é horrível.*

- *A senhora tem contato com suas irmãs?*

M - *Uma faleceu, a outra está na Suíça.*

- *A senhora fala português com ela?*

M - *Inglês.*

- *É mesmo? Ainda prev.....?*

M - *Sim.*

- *Tá bom. Acho que é só isso. Tem alguma pergunta, que a senhora quer fazer?*

M - *Acho que não.*

- *Deixo pensar, a gente vai vendo que precisa até mudar o questionário. Entre o seu pai e a sua mãe, ela inglesa, ele alemão, qual dos dois sentiu mais dificuldade de aprender em aprender o Português?*

M - *Nenhuma, porque quem nasce falando três línguas não tem dificuldade de aprender.*

- *Certo! Seu pai sabia muito, né?*

M - *(assente com a cabeça).*

- *A senhora estava lendo antes de eu chegar, era em inglês, né?*

M - *Sim porque a biblioteca aqui é só de inglês. E lá em cima tem uma biblioteca grande..*

- *A senhora faz tempo que está aqui, D. M.*

M - *3 anos.*

- *Teve alguma vez em que houve alguma desvantagem em saber tantas línguas?*

M - *Não, só vantagem.*

- *Obrigada.*

M - *De nada.*

.....

Residente: Barbara

- Well, Mrs... which language do you prefer to use here?

B- For me,... could be English..

- As you like....

- Your name,... Sorry to ask you this. Did you work...have a job?

- B- Yes, I worked ever since I was 14 years old.

- What did you do?

B- I was a secretary... bilingual.

- Here in Brazil?

B- Yes.

- Ahn,... where were you born?

B- I was born here in S. Paulo.

- And your parents were English, I presume.

B- My mother was English. My father was Portuguese. My name is Andrade. (querendo dizer sobrenome)

- She was here, is that so?

B- Yes, she was born here, but my grandparents were both English,..... on my mother's side of course. My father's side... Portuguese.

- Did you get married, B...?

B- No, no...no.

- Are you, sorry to ask you that,... over 61 years old?

B- No, no. Not over 61. I'm 76.

- Very nice. 70s, very good.

- Because I have here lots of different ages....

B- Yes.

-.... over 80, over 70, over 60. (aqui eu tentava minimizar o desconforto de eu perguntar e de elas responderem a idade.... So, did you live in England... for some time?

B- No, I've only been to England once.

- So, your studies...

B- I studied here in Brasil. First, with a....in a private English school when I started learning English formally, and then I went to a Brazilian school, Colégio Batista. Brasileiro.

-Ok, right. And... this school you went later, Brazilian school,... didn't,... didn't contribute to your speaking more Portuguese than English, no?

B- No, because I tell you... at home we ahn... spoke English but with our neighbours, children, we spoke Portuguese.

- So at home, did you speak English all the time?

B- Yes.

- And your father... being Portuguese?

B- Yes, but you see, my father, my Portuguese father I hardly knew because my parents died when I was a baby and I was ... ahn, I was raised and adopted actually by my mother's sister whom I called Mother, and her husband. I called Father.

- So, she was English...

B- Yes, and he was Swiss, my stepfather was Swiss

- So you kept your English.

B- Oh! Yes.

- So, remember how old you were when you went to Colégio Batista Brasileiro?

B-I was.... I think about... 12 ... more or less... 12 or 13...

- So your English was perfect by that time...

B- Surely..

- Well you speak English, Portuguese.... any other language?

B- Well, ahn...not fluently but I can get by in French.

(laughters)

... and that is about all I think... well, Spanish, we all understand Spanish but we can't speak it properly.

-In your work, you used your English full time ?

B- Yes. I was.... always....

-Always working at multinationals?

B- I started working in an American bank- actually CityBank. And there I didn't use much English..., no, but that was only a beginning. And then I worked at the American Chamber of Commerce... I used a lot of English, there too and then I went to an advertising company which was G.Thompson... there I used...there I became a bilingual secretary and from there on...

- All your life?

B- All my life, yes.

- And... did you live with your step-parents.... for how long? All your life? Or did you live alone?

B- No, I never lived alone. I lived with my mother, cared her until she died.

- All her life..

B- All her life.... My stepfather died before her.

- With your relatives which language did you prefer?

B- With my relatives?

-Yes.

B- English

- Uncle, aunt.

B- Well, I have no more relatives left, but...

- In the past. Did you have cousin?

B- In the past,... some cousins, because it was a big family that came out to Brasi...and.... my grandfather's family.. and the boys all married Brazilians or Italians and .. that part of the family didn't speak English.

No, we spoke Portuguese with them.... when we were together.... which was not very often.

-Big family!

B- But, with the closer cousins, yes... always English.Everything.

-Did you have any difficulty in learning Portuguese?

B- I didn't learn Portuguese! It was a dual native language. I learned it very well. (laughing)

- If you could classify difficulties or, let's say, in terms of abilities in speaking, listening, reading and writing, which language do you prefer for writing?

B- Well for writing?? Actually I like writing in Portuguese., I write quite well in Portuguese "modéstia à parte". But I write better in English. I write letters to my friends in English.

-OK! In reading?

B- Reading, I prefer English

-Oh! Interesting! All of you prefer English for reading...

B-... yes, something in Portuguese that I feel,for instance that I have to read some times several times a paragraph to get the ...you know... the real meaning.

-OK. It happens with us when we read in English.

(laughs)

-... in your family, let's say, among you, or between him and your stepmother, who had more difficulty in learning Portuguese?

B- Well, my stepfather spoke very good Port., I think he spoke very correctly.My mother, too, stepmother.;with no accent, they both spoke Port. very well. But my mother, when I say my mother, I mean my aunt, stepmother, she had a facility for languages.She spoke English, French, Port. German and a dislect, Swiss dialect, which is very difficult.

-Very good. Ok. Did she work at that time?

B- Yes, she was. In the very.....oh!, in 1911, more or less she was a nurse at the Hospital Samaritano In those days there were 5 nurses: 3 English, 2 German.

(laughs)

- Women didn't...[

B-.....[to work at that time.No, really.

- Ahn.... I'm going to list to you some subjects and then you say which language do you prefer in each of them: Port. Or English or both.

B-.... yes, yes.

- At work.

B- At work. Depended whose language the person is. My boss spoke very, very good English. Brazilian but spoke good English... before him, G. Thompson, my boss, he was American, so I thought...

- At home with the domestic subjects, which language prevailed?

B- You mean in housework?

- At home, with the family, ...

B- ... with the family, always English.

- Neighbourhood?

B- Neighbourhood, Portuguese.

-Where did you live most of your life?

B- Well, when I was ... when I was, with time growing.....as far that I could remember.. Ahn! Was that what you asked? Was it your question?.

- If... where did you live? Brooklin, Sto Amaro?

B-Ahn ... I lived in Perdizes.

-Beautiful place.

B- Yeah.Higher.

-All your life, I presume.

B- No, that was the beginning. Then we moved to Higienópolis, we lived for a time, when my father sold the house in Higienópolis we went to live in a hotel "therminas" for 5/6 months and we found another house, my father liked in Jardim Paulista, and ...then we went to Jardim América and then, the last house we were in, house, mind you, was in Jardim Paulista again. Then, when my mother died, it was my sister and I, we sold the house and went to live in an apartment in Pinheiros and, in Pinheiros, I liv...my sister died 17 years ago, but I lived 27 years, 30 years in Pinheiros.

-Pinheiros.. nice place at that time.

B- ... quite different to the day. The street where I lived, it's Zona Azul now...when I lived there there were trees in the street, we used to leave the car out at night in the street (here the resident puts some tone in her words lingering some, shortening others, as if her memories could be followed by a melody through time).

-...yes..different.

B- ...everything changed!!

-The subject of Politics: Port. or English.

B- When I'm discussing? Well it depends whom I'm discussing.

(laughters)

-At parties, which language was the favourite?

B- You mean private parties or...big social things?

- Both.

B- I never go to them anymore but, here again it depends if it's a Brazilian crowd party or, on the other hand if it's an English ... depends on the people who are there.

- And here... the parties that you have here..

B- Oh! English, of course.

- With your doctor, nowadays, which language do you speak with him?

B- I speak Portuguese. because he can't speak English.

- The one who comes here ?

B- Ah, the one that comes here? I speak English. He's married to my niece.

-Oh! But you can go out to your other doctor...

B- Oh, yes we can have another doctor.

-Ok! Religion. Which language do you prefer to speak about it or perform a ritual?

B- To talk about it, again depends whom I'm speaking.. Both languages.

- Do you follow any religion?

B- I I have any rel...?

-Yes.

B- Yes. I don't go to church much.

(laughters)

- Nor do I. Ahn, do you have sometimes, do you feel in situations, you're speaking English with somebody here, let's say, in the middle of the conversation you code-switch, you put a word in Portuguese...

B- Oh! Yes..very often happens..the best example is LIXO, APROVEITAR...no word for APROVEITAR in English...

-How interesting! Does it happen the other way round? You're speaking Port. and then there's an English word ..

B- Not very often...really, perhaps now and again, not as much as the other way round.

-Ok! LIXO!!

B- Yes, things like "put the LIXO outside!."

- The time you went to England, you said you went to England once...

B- Yes...

-..... you didn't study there.

B- No, I never studied there. I went 12 years ago. Before, I'd never been... I'd been to the States twice, but not to England.

- Not to England. To the States you were on holidays or...

B- ..on holidays, yes, both times.

-Your family, you said you have niece.

B- Nephews. I have one niece, yes my brother's daughter, married.

- Does your brother...?

B- No, they're all dead. I had four brothers and one sisters. But one of the brothers had 2 daughters. One of them died last year and I have one left. Niece.

- Do you speak English with her?

B- No, I speak Portuguese, because... she speaks English but she "learned" it you see, ahn, it's not perfect.

- A little artificial, isn't it?

B- Yes.

- With your brothers, which language did you use to speak?

B- Oh! English!

- But they knew Portuguese as well.

B- This is one of my brothers (she said pointing at one photograph on the cupboard of a young man wearing a uniform, and not really answering to my question, or perhaps not paid attention to it) He was in the war.

- Oh! Did he die there?

B- No, he died a few years after it.

- Tell me something about him.

B- He was in the Scottish Regiment, very famous Scottish reg...

- Many people here decided to volunteer in the war...

B -.....Yes,decided to volunteer. It's funny that difference between Brasil and England.If you anything, the English..... when the war broke up, the English immediately volunteered. Whereas the Brazilian are not used to have any war, and I don't think they are very keen..... whereas the English, if you don't volunteer, you're not very well looked on.

- So, you're part English and part Paulistana..... double...

B-.....citizenship. I'll tell you.... I consider myself...both, because I'm very divided about some things, in some things I'm totally Brazilian, in other things I'm totally English, you know,..... it's very difficult... to make a dividing line, you know. For instance, I'll tell you, I can't hear English people talking badly about Brasil, I cannot hear that.On the other hand, I don't like to hear people talking badly about England, neither. You see it, too divided.

- I know what you mean. Then, you with this division, being divided, sometimes you feel you're English, sometimes you're Brazilian, this did not contribute to your losing your identity somehow?

B- No, well I don't know quite what that means, to lose one's identity....

-They say that people who lose their language, their mother tongue, part of their identities go with that, in the case of the Germans, go with the language ...they don't speak any more.

B -Yes, that's the difference between English and Germans,you see, and the Italians also, because the Itlaians, the descendants of the Italians don't know hou to speak Italian (voice showed indignation here).

-Yes.

B- I don't know how the Germans are....know a lot of Germans who don't speak "their German" whereas the English, they keep it. Let's say my grandfather and my grandmother and we still keep it and feel "all English".

- It seems difficult for the children to speak the language of parents...

B- It is now to make children to speak the mothers's language but in my time it came automatically.

-Nowadays we have schools like Graded, St Paul's and there used to be schools like Des Oiseaux, Sion, that taught one language very well.

B- I don't know, I'm not familiar with how it works but I know now it's more difficult...in the older days, when my grandmother came out, there was no radio, no television and the nearest neighbour was a mile away. Nowadays with so much TV, radio, people don't seem to learn the languages... I don't know! I

.....

- How long did you work?

B- Well I started at 14 years of age, because you know you didn't have to have a diploma at that time to work. You know I left school, my sister and I left school, we then went with a group to learn shorthand and typing with an English teacher. The sister allowed us to take it in English or in the Portuguese. Then we went to work, as I said my first job was in City Bank and my sister went to work in "Linhas Corrente"

-Did you retire some time ago?

B- Well, 87, that's when I went to England..

-Ahn! That time..

B -I have a cousin there in the south..

- Your English is so British, seems you learned it there when you were young.

B- Oh, yes, I learned it at home very naturally.

-If you could point some advantages in being bilingual, which advantages could you name besides having a job.

B- Well, for me... (laughters)... firstly I didn't have to learn either one ...(laughters), formally. Then of course secondly, it was easy to get a job to know English. When I started, I stayed with my boss, I started in 1942, I got to know him in 1943, ...there in the war... was worked with him until he died 13 years ago, his wife and I are good friends, you know, I never changed jobs very much.

- Yes, in the past it was common. You know in my professional life (then we spoke for some time about me, laughters and a nice goodbye).

- Well, that's all, thank you. Very helpful and interesting. ...

.....

Residente: *Bylne*

- Bem, *D. Bylne*, a senhora trabalhou?

Bl: Sim, fui bibliotecária.

- Interessante!

Bl: Sim, de escola. Da famosa Instituição Britânica (nome omitido aqui).

- Qual é a sua nacionalidade?

Bl: Eu sou brasileira, mas meu pai era inglês. A minha mãe era carioca.

- Quais são as línguas que fala?

Bl: Português, inglês e francês.

- E o seu companheiro, que língua falava?

- Português e inglês.

- A senhora foi para a Inglaterra?

Bl: Sim, fiquei 20 anos lá.

- É mesmo?

Bl: Sim, é que na época da II Guerra, o meu marido foi convocado. Então, servi como voluntária no Exército Britânico, por 3 anos.

- E depois da guerra?

Bl: Ficamos mais um tempo para as nossas filhas estudarem lá.

- AH! A senhora teve filhos....

Bl: Sim, duas.

- Moraram juntos por muito tempo?

Bl: Sim, até casarem. Tenho 3 netos.

- Qual é a língua que suas filhas falam?

Bl: Inglês, mistura....

- Qual é a língua que elas usam para falar com a senhora?

Bl: Inglês.

- Dentro da família quem mais sentiu dificuldade de aprender a língua falada no Brasil?

Bl: Em vários momentos o meu pai teve dificuldade e facilidade em outros. Mas, para mim, tenho dúvidas na gramática portuguesa.

- Que línguas suas filhas dominam atualmente?

Bl: Inglês. Uma delas mora na Inglaterra.

- Tenho alguns assuntos aqui e vou-lhe perguntar qual foi ou é a língua preferida em cada um. No trabalho, qual foi?

Bl: Inglês. Embora, por ser bibliotecária, eu lidava com alunos brasileiros e usava o português também.

- Nos assuntos domésticos?

Bl: A materna. Inglês. O meu pai só falava inglês com a gente e minha mãe gostava.

- Na vizinhança?

Bl: Português. No nosso bairro não havia muitos ingleses morando perto.

- E assuntos políticos.

Bl: Não falo em política. Só na Inglaterra, por estar na guerra, o assunto era esse, e claro, era inglês

- Nas festas, qual é a língua preferida pela senhora?

Bl: Geralmente, inglês.

- Com o médico?

Bl: Hoje em dia, aqui é português. No passado, tive um médico que falava inglês.

- E assuntos de religião?

Bl: A língua materna, inglesa.

-É interessante que, a senhora sendo brasileira, tenha sotaque ao falar.

Bl: Acho que é por causa da minha voz - é horrível e mais ainda no gravador, você vai ver.

- Claro que não é verdade. Na leitura e na escrita, qual é a língua que usa?

Bl: Bem, na minha profissão, o meu contato com livros em inglês era 100 %. Hoje, em dia, leio o jornal o Estado e também o que tem aqui em inglês. Agora, para escrever, sou terrível em português - como disse, nunca estou certa quanto à gramática- se é o verbo certo, ou não sei o que.

- Bem, acho que é só. Ah, desculpe perguntar: a sua idade se enquadra entre....

Bl: 81 anos.

- Parabéns! Muita saúde! Obrigada.

Residente: Marilyn

- Então, vou-lhe perguntar primeiro qual é 'a sua nacionalidade e a do seu marido.

Ma - Eu brasileira, ele inglês.

- A sua idade se enqu...

Ma - 74 anos, tenho orgulho.

- Claro! E a senhora trabalhou fora?

Ma - Sim fui secretária EXECUTIVA bilingüe. Do gerente! (ênfase)

- A senhora esteve na Inglaterra alguma vez?

Ma - Sim, morei lá. De 3 em 3 anos, passava 6 meses lá antes de trabalhar.

- Então, quais são as línguas que a senhora fala?

Ma - Português; em casa sempre Inglês para não perder, quando parei de trabalhar. Eu queria contar piada mas tinha que traduzir.

- E seu marido?

Ma - Claro, inglês e também falava português.

- A senhora tem filhos?

Ma - Um.

- O filho morou junto?

Ma - Ele estudou no Internato St Paul's. 12 anos. Voltou aos 19 anos.

- Qual é a língua que ele fala?

Ma - Inglês, perfeitamente. Português.

- Para falar com a senhora hoje que língua seu filho usa?

Ma - Inglês. Português às vezes.

- A senhora teve dificuldade em aprender Português?

Ma - Um pouco. Fui educada numa escola particular em Língua Inglesa. É em Santos, chama Stella Maris. Era o idioma da escola! (ênfase)

- Dentro da família quem mais sentiu dificuldade em aprender o Português?

Ma - Minha mãe tinha dificuldade em se expressar em português. Tinha "sotaque" (note-se que a mãe era brasileira)

- O seu filho domina hoje em dia...

Ma - Português e Inglês perfeitamente. Sem sotaque. Tem um dom!

- Mas senhora tem sotaque, mesmo sendo brasileira!

Ma - Sim, é verdade. Acho que o ambiente... trabalho, escola, em casa, não sei. Mas tenho muitas amigas com quem falo português! (aqui parecia estar se defendendo de alguma coisa)

- Tenho uma série de assuntos abaixo para que a senhora me diga qual era ou é a língua preferida para esses assuntos. No trabalho, por exemplo, qual foi a língua preferida?

Ma - Inglês, sem dúvida. Era secretária executiva! Tinha que saber bem!

- E nos assuntos domésticos?

Ma - Às vezes português com minha mãe e sempre com a empregada. Aqui também: com os empregados é português, claro. Mas com meu pai era inglês.

- E na vizinhança?

Ma - Era português.

- E assuntos políticos?

Ma - Não falo. Não sei e nem gosto.

- Nas festas, eventos, qual é a língua preferida?

Ma - Ah!, é inglês. Vou a muitas festas da comunidade britânica hoje em dia, Natal, aniversário da "Rainha".

- Com o médico, que língua a senhora usa?

Ma - Hoje, português. Mas tive um médico inglês há muito tempo.

- E religião? A senhora usa o inglês para isso?

Ma - Sim, sempre foi.

- Alguma outra situação que a senhora lembre de usar Inglês em vez do Português?

Ma - Com os irmãos, hoje falecidos, só falávamos em inglês.

- Sei. E só?

Ma - Com as cunhadas era português. Ainda é.

-Dentre das habilidades de falar, ler, escrever em Português, em qual a sua dificuldade é maior?

Ma - Bem para falar acho que falo bem Português, apesar do sotaque, claro!

(risadas) Mas para ler é inglês. Na escrita, sou melhor em inglês.

- Nas duas habilidades....

Ma -Sabe? Era uma exigência falar, ler e escrever em inglês: Tinha que ser muito bom. O meu pai sentia orgulho do meu trabalho. E era pelo inglês que eu era boa secretária!!!

- Bem, o que mais que a senhora gostaria de falar?

Ma - Foi muito agradável conversar com você.

- Ah! Obrigada.

Residente: Daisy (esta senhora estava resistente à entrevista. Mas a gerência da instituição convenceu-a. Não que eu quisesse algo forçado, mas a própria administração dizia que era melhor que ela falasse com alguém pois ela era a mais anti - sociável de todas)

- So you're telling me that you had worked as as secretary for a long time, is that so?

D - Yes. For 44 years!

- Really? At what kind of company?

D - Multinational as they call nowadays. At that time they called "firma estrangeira".

- And what's your nationality?

D - I'm from London. British. I was born in 1927 and spent 6 years in England.

- Did your family come to work or something?

D - Yes, my father had an offer here. So "we" came.

-Have you got brothers and sisters?

D - A sister who lives in England. But you, see, how interesting life is, she studied at a Brazilian school and married a Brazilian.

- And you, are you married ?

D - No.

- What languages do you speak?

D - English, Portuguese and French.

- French? How interesting!

D - Yes. I studied at a French school in S.P.- "Des Oiseaux".

- Well reputed school!

D - Yes. At that time....

- In your family, what language prevailed normally?

D - English was spoken at home, always.

- Did you go back to England other times?

D - Onlywhen I had holiday form the company. And to visit my sister, of course. She didn't forget Portuguese.

- Well, her husband is Brazilian!

D - Yes. They speak Portuguese a lot there.

- Did you have any difficulty to learn Portuguese? Here I have some classification;(pointing at the printed questions) "Grande, Razoável,..."

D - "Pouco" . As a child when I came from England,..... it was easy.

- Among the people in your family has anybody felt any difficulty to learn Portuguese?

D - Well, they had "enough" Portuguese. But my Mum, had some difficulty.

- I've got a few subjects here for you to choose which is the favourite language for each, as you have three!

At work, needless to say, no?

D - No, because as it was a multinational, I had to be fluent in both English and Portuguese.

- And at home in domestic environment?

D - English with the family but with the servants, Portuguese.

- With the neighbourhood, which language do you prefer?

D - Well, from what I remember it was Portuguese.

- Politics. Do you talk about it?

D - No. I don't like it.

- At parties, events of any sort, which is the language?

D - Depends on the people.

- With your doctor?

D - depends on the doctor.

- For religion, can I ask which language do you prefer?

D - I'm Anglican. I use both. If I'm in a Brazilian church, it's Portuguese.

- As a bilingual person, do you feel sometimes there is a word in Portuguese easier to use than its equivalent in English?

D - No. Ah! "LIXO". You say: "Put it in "lixo"!"

- Funny, it's the same example somebody gave me.

- Well, that's all, thank you.

D - Welcome.

.....

Residente: Naomi

- well, as you said you worked, what was your job?

N - I was a nutritionist.

- How different ! What's your nationality?

N - English.

- Are you married?

N - Yes. But my husband is not English. He's Polish.

- Good! And.....

N - He's worked for RAF. I helped him in War Services.

- Oh! You've always been a voluntary helper.

N - Well, I had my job, but when I could, can, I do.

- How long have you been living in Brazil?

N - 52 years.

- So, you came very young.

N - No, I was 24 years old. Not so young as you think. I'm 76.

- It's incredible how all of you manage to look so young.

N - That's your eyes!

- Which languages do you speak?

N - English and Portuguese.

- And your husband?

N - Polish, German, English. He's got the talent.

- Do you have children?

N - Yes. One.

- Does he live with you?

N - We sent him to school in London. He came when he was 22 years old.

- What languages does he speak?

N - Portuguese, English, German, French.

- What language does he use at home with you?

N - English.

- Look here, if you classified the difficulty to learn Portuguese, which of these four measures, would you take?

N - "Grande", the grammar is complex. In reading and writing I prefer English.

- In your family, who else felt Portuguese was difficult ?

N - Myself!

(risadas)

N - *My husband was a linguist.* (eu não sei até que ponto ela tomou bilingüe por linguista ou se ele atuava nessa área na Força Aérea)

- *Very good! I've got a few subjects here. Tell me which language do you prefer for each. In your job?*

N - *Portuguese. because of the vocabulary. It is kitchen.*

At home?

N - *English.*

- *With your neighbourhood?*

N - *English.*

- *Politics?*

N - *The same. I talk with my husband about it.*

- *At parties, events, which is the language?*

N - *Ah! English. We've got some English friends.*

- *With your doctor?*

N - *Portuguese.*

- *And religion? What's the favourite language?*

N - *I think religion is the mother tongue. So, English.*

- *Well observed!*

- *And the final question? Is there for you words in Portuguese that seem difficult to give the same message in English ?*

N - *"Saudades", "Lixo", "Sim",... easy words.*

- *Good, thank you.*

N - *Bye.*

Residente: Edith

-

Excuse me!

E - Sure! Take a seat!

- How beautiful your miniatures! How many!! (falei isso ao ver vários bibelôs, uns em miniatura, outros não dentro de uma cristaleira de madeira escura, logo na entrada do quarto)

-That's in what you are reduced when you move here...that's "your house" here,.... from everything you had in a house surrounding you...imagine..now... your house is a piece of furniture! Not fair! (ela assim falou sacudindo a cabeça em desaprovação enquanto caminhava com dificuldade para seu assento, pois mancava em uma perna. Ela pareceu-me muito inconformada)

- Well, let's start this. What's your nationality?

E - Born in England. I came to Brazil at 4 years old.

- And are you married?

E - Yes, I was. He was a Scott. My family was English.

- And you...

E- We came when I was a child, 8 years old. At 9, I went back to England for 6 months. Came to Brazil and then I stayed here until 12. At 12 I went back to England for the Technical College- 4 years. In fact, I left it at 17.

- How interesting. Go on....

E - At 17 I came to Brazil. Then at 21 I was engaged. When the WAR came.

- Languages do you speak?

E - Portuguese, English.

- Did you work?

E - Yes. But when I had my son, I stopped. I've got one son.

- And what did you do?

E - I was a secretary. But I went back to work when my son went to study in England.

- Is he there?

E - Not now. But when he finished his studies there, he came but every three years, he was BACK in England.

- And does he work here or there?

E - He studied in an English school here when he was young- Mr, Duncan's school, then St Paul's. This is when I didn't work.

- I see.

E- Then BACK to England, i. e. Scotland, to be an engineer. To Brazil, he came as an auditor to work in a multinational. He's here now.

- Very interesting and helpful your contributions to me. What languages does your son speak with you?

E-English, but listen, he didn't lose Portuguese because he went to a "Escola Brasileira" after St Paul's.

- What was your level of difficulty to learn Portuguese ?

E - Well, it's "nenhum"; I came here young and then worked as a secretary, I had to know both languages well.

- In your family, who thought Portuguese was difficult to learn?

E - My mother. She was 35 when she came.

- For you which abilities do you consider more difficult in Portuguese?

E - Reading, I do in English. And writing as a secretary I used a lot of shorthand. I don't write in Portuguese. Because I started to learn spoken Portuguese, my writing is deficient at spelling.

- I've got here a series of subjects- for each of them, tell me which language was the favourite? At work?

E - English.

- Domestic subjects?

E - English. Except with the maid.

- In the neighbourhood?

E - We lived in Brooklin Novo but most part was Brazilian. It was Portuguese.

- Politics?

E - None. I hate it.

- At parties, events?

E - If it is mixed... mixed language. Their language (as pessoas que dão a festa)

- With the doctor?

E - English.

-Religion?

E - English. I've been 15 years alone and I've always been frequenting the Anglican Church.

- And finally, is there any word you use more in Portuguese although it exists in English?

E - No. My husband never allowed this mixture.

- Code-switching?

E - I don't know, the mixture of languages.

- Thanks a million!

E- Great pleasure!

Residente: Phoenix (esta senhora se encontrava em seu quarto com a máquina de escrever na cama e datilografava rapidamente; dizia fazer isso sempre)

- Well, I'm going to ask you a few questions. Feel free to answer them or not.

Ph- Sure.

- Nationality?

Ph - Brazilian.

- Ah! Que língua prefere então para dar a entrevista.?

Ph - Já que você é brasileira também, sigamos...

- A sua família é brasileira?

Ph - Meus pais eram.

- Os seus estudos foram feitos onde?

Ph - Estudei 11 anos em Londres. Escola só lá'.

- E depois?

Ph - Depois Sion. De lá, sai para trabalhar como secretária executiva. O nível de inglês era superior

- A senhora se casou?

Ph - Não.

- Bem, sempre pergunto sobre o grau de dificuldade para aprender Português. No seu caso pergunto sobre o de inglês.

Ph- O nível de dificuldade foi nenhum. Em casa se falava inglês, na escola vivi em Londres, e no trabalho era falar só inglês.

- Na sua família, quem mais sentiu dificuldade?

Ph - Bem minha mãe achava difícil a "língua falada" Portuguesa" por ficar em casa."

- Tenho alguns assuntos aqui; quero saber qual é a língua favorita em cada um deles. No trabalho?

Ph - Inglês, que é p'ra isso que estudei...

- Vizinhança?

Ph - Português.

- Nas festas e eventos?

Ph - Depende dos convidados.

- Com o médico?

Ph- Já tive médico inglês e médico português.

(Para os assuntos domésticos, políticos e de religião ela não teve resposta)

- Até agora, perguntei se há palavras que se tornam mais fáceis de se falar em Português do que Inglês.

Para a senhora, pergunto o contrário. Há palavras difíceis em Inglês?

Ph - Bem, posso responder nos 2 casos: as palavras inglesas difíceis de expressão em Português são por exemplo "swirl". Difícil para os Brasileiros. Todas com "s" e consoantes.

Em Português tem palavras maravilhosas que não encontramos em Inglês. Uma delas é "jururu"- She's very "jururu". - Intraduzível!!

- Dentre as habilidades que cito aqui, qual se apresentou mais difícil de dominar em Português, se é que houve alguma?

Ph - Bem, a gramática foi minha dificuldade. Minha escrita é péssima.

- Não deve ser. Vejo que a senhora tem por hábito datilografar!

Ph- Em inglês, claro!!!

- Permita-me perguntar-lhe, pela sua vivacidade, qual é sua idade?

Ph - Sinto-me à vontade para responder - 81 anos.

- Parabéns!

Residente: Mr. Smith (este senhor se voluntariou para a entrevista - ele reclamou que era só para mulheres e, então lhe disse que poderia também fazê-la. Levou-me ao seu quatinho e sentamo-nos à mesa do computador)

- Well, Mr Smith, feel free in relation to all questions, I'll make to you. First of all, what's your job?

S - Teacher and salesman in 4 companies.

- Nationality?

S - Brazilian. My parents came to Brazil and stayed here until the end of the war.

- And your wife?

S - D.? The same as me. By the way, she came here. We came together and shortly after, she died.

- Which languages do you speak?

S - Portuguese and English. Enough for life!

- And your wife?

S - The same. The time she had been living in Brazil was longer as a secretary. (ele quer dizer que o tempo de vida de sua esposa foi maior trabalhando como secretária do que não)

- Did you have children?

S - No.

- In Portuguese, despite being Brazilian, did you have any difficulties?

S - No.

- So, if you could classify it in terms of level of difficulty, which of these 4, would you give: GRANDE, RAZOÁVEL, POUCO, NENHUM.

S - Nenhum, but Writing in Portuguese is more difficult- the grammar.

- I've got a few subjects here - Tell me which language do you prefer for each of them? For example, at work?

S - English, but for my first job it was Portuguese.

- At home?

S - English.

- In the neighbourhood?

S - Portuguese.

- Politics?

S - 50% - 50%.

- At parties, events?

S - Social contact has always been English.

- With your doctor?

S - Portuguese.

- Religion?

S - 50% .

- Any words in Portuguese which are difficult to have an equivalent with the same strength in English?

S - Yes, I call them GOOD WORDS- they're more descriptive, they SAY MORE in the situation, more often , they are more "abrangente". Some examples in English:

"... to wipe..."

" all phrasal verbs- more expressive than the equivalent"

"... jokes..."

- And in Portuguese?

S - Some examples:

" Dá um jeito "

"..rabisco..."

"...lixo.."

"..saudades.."

".. simpático..." (it shows much wider knowledge)

(de fato nunca me foi dada tal explicação por alguém com "dupla cidadania", mas conhecendo realmente bem a "Língua Portuguesa").

.....

.....

Material: Dissertação de Mestrado
Título: Língua, Gênero e Dominação
Autora: Regina Aurea Leão de Castro

- pag. Agradecimentos- Onde se lê: Agradeço...a Profª Sylvia... a Secretária do Centro...,
 Leia-se: Agradeço.....à Profª Sylvia.....à Secretária do Centro.....

Parte I

- pag.15, penúltimo § - Onde se lê: “.....as funções da língua estático.....”,
 Leia-se: “... as funções da língua em termos de um sistema estático...”

- pag.16, último §, penúltima linha - Onde se lê: “...ela não se mostrava... inflexível...”,
 Leia-se: “...ela se mostravainflexível...”

- pag. 19, última linha - Onde se lê: ... conceitual...,
 Leia-se : conceitual

-pag. 24, último § - Onde se lê: “..... na domínio....” ,
 Leia-se: “....no domínio...”

- pag.32, última linha, 2º § - Onde se lê: (Bourdieu, 1996),
 Leia-se : (Bourdieu, 1996:28)

- pag.33, 2º § - Onde se lê: “...pois lidam com as origens sociais da mesma...”,
 Leia-se: “.....pois lidam com as origens sociais das mesmas...”

-pag. 36 - Bilingüismo - Onde se lê: “ Os levantamentospara a posse de um capital lingüístico...”,
 Leia-se : “Os levantamentos.....para a análise da posse de um capital lingüístico...”

- pag.39, 2º § - Onde se lê: “(Malinche)..... pelos homens como mexicanos.....”,
 Leia-se: “.....pelos homens mexicanos...”

Parte II

-pag. 68, depois da citação de Bourdieu - Onde se lê: “...façam elas o que fizerem e os revisores serão...”,
 Leia-se : “.....façam eles o que fizerem, os revisores serão...”

_____, acima da transcrição - Onde se lê: “... Apesar... as inglesas se encontravam em grande desvantagem...”,
 Leia-se :”.....as inglesas se encontravam em grande vantagem...”

-pag. 73, quadro 5 (barra de cima)
 Leiam-se os títulos: Habilidades Grande Razoável Pouco Nenhum

-pag. 81 (depoimento da Clau) - Onde se lê:.. “romendeos.....” ,
 Leia-se: “.....romenos.....”

-pag. 88, 3º § - Onde se lê: “.....ele tentasse estabelecer.....”,
 Leia-se: “.....ele tentasse estabelecer.....”

- pag. 92, antepenúltima linha - Onde se lê: “...sem se darem conta dela....”
 Leia-se:“..... sem se darem conta delas...”